



**ADOLESCÊNCIA E A  
CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**  
ANGÚSTIA E VIOLÊNCIAS

**Altair José dos Santos**

**29ª edição**

**Cegraf UFG**



**Universidade Federal de Goiás**

Reitor

*Edward Madureira Brasil*

Vice-Reitora

*Sandramara Matias Chaves*

Diretora do Cegraf UFG

*Maria Lucia Kons*

---

**Conselho editorial deste livro**

*Dr. Altair José dos Santos (UFG)*

*Dra. Elisabeth Cristina Landi L. Souza (PUC-GO)*

*Dra. Miriam Debieux Rosa (USP)*

*Dr. Paulo Cesar Duarte Paes (UFMS)*

*Dra. Priscilla Melo Ribeiro de Lima (UFG)*

*Dra. Susie Amancio Gonçalves de Roure (UFG)*

# **ADOLESCÊNCIA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: ANGÚSTIA E VIOLÊNCIAS<sup>1</sup>**

Altair José dos Santos

2ª edição

.....  
1 Texto estabelecido a partir da tese de doutorado: A Identificação e o Adolescente autor de homicídio, realizada junto ao programa de pós-graduação em psicologia clínica e cultura da UnB, defendida em setembro/2014, sob orientação do prof. Dr. Francisco Martins.

© Cegraf UFG, 2022

© Altair José dos Santos, 2022

Revisão

*Agostinho Potenciano de Souza*

Projeto gráfico e editoração eletrônica

*Géssica Marques de Paulo*

*1ª edição em 2021, impressa, pelo Cegraf UFG, ISBN: 978-65-89504-74-0*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
GPT/BC/UFG**

S237 Santos, Altair José dos.  
Adolescência e a constituição do sujeito: angústia e violências /  
Altair José dos Santos. - Goiânia : Cegraf UFG, 2022.  
266 p.

Inclui bibliografia  
ISBN: 978-85-495-0408-1

1. Adolescentes e violência – Aspectos sociais.
2. Subjetividade.
3. Desenvolvimento da personalidade.
4. Famílias com problemas.
5. Psiquiatria – Pesquisa. I. Título.

CDU: 616.89:343.6

Bibliotecária responsável: Adriana Pereira de Aguiar / CRB1: 3172

*A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste que me  
deu uma alma agreste  
(Graciliano Ramos)*

## **AGRADECIMENTOS**

Um trabalho como esse quase sempre é resultado de um empenho coletivo. Várias pessoas contribuíram e, de algum modo, deixaram suas marcas no livro que agora chega às mãos do leitor. Além do reconhecimento, registro aqui o meu agradecimento a todas as pessoas que foram importantes para que a pesquisa, análise e o estabelecimento do texto seguisse seu curso. De modo especial, agradeço aos adolescentes, suas mães, pais e padrastos por aceitaram participar da pesquisa. Essas pessoas me confiaram o relato da história de suas vidas. Foram várias horas em muitos encontros nos quais se deram a narrativa de suas vidas, seus amores, suas alegrias, suas dores e, acima de tudo, sua tragédia. Foram horas de alto custo subjetivo e de benefício para ambas as partes. Ao professor Dr. Francisco Martins agradeço sobretudo pela generosidade dos ensinamentos e pela orientação no curso da pesquisa.

De modo especial agradeço a Rúbia de Cássia Oliveira pelo apoio amigo, pela leitura e colaboração no estabelecimento final do texto. Do mesmo modo, agradeço ao professor Dr. Agostinho Potenciano de Souza pela revisão final do texto.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>10</b>
<b>Prólogo .....</b>	<b>16</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>22</b>
A lei, o ato infracional e a medida socioeducativa .....	27
A medida socioeducativa de internação .....	29
A escuta dos sujeitos e as entrevistas clínicas .....	31
Identificação e adolescência .....	33
<b>Capítulo 1 – Gênese e desenvolvimento do conceito de identificação na obra freudiana .....</b>	<b>36</b>
1.1 – Freud e a descoberta do inconsciente .....	36
1.2 - A Identificação e as formações do inconsciente.....	47
1.2.1 - A Identificação e a Interpretação dos Sonhos.....	48
1.2.2 - A Identificação e a formação dos sintomas histéricos .	57
1.2.3 - Identificação, atos falhos e chistes .....	61

1.3 – O processo de identificação e a metapsicologia freudiana.	66
1.4 – A identificação e o desenvolvimento da libido.....	69
1.5 – O processo de identificação e a constituição psíquica ..	74
1.5.1 - Supereu: <i>pathos</i> , sombrio e sublime .....	77
<b>Capítulo 2 – Adolescência .....</b>	<b>86</b>
2.1 – Adolescência: fenômeno da Modernidade.....	86
2.2 – Da sexualidade infantil à adolescência .....	87
2.3 – A Passagem adolescente: do ideal ao espelho vazio .....	98
2.4 – Adolescência e laço social contemporâneo .....	111
2.5 – Do Ideal do Eu ao Eu Ideal: dever ser e sonho de ser... ..	118
<b>Capítulo 3 – A tríade mãe-filho-falo: gozo, angústia e violência .....</b>	<b>127</b>
3.1 – Da mãe onipotente ao pai potente.....	145
3.2 – Identificação, angústia e violência .....	155
<b>Capítulo 4 – Adolescentes que matam: do vazio constitutivo à violência .....</b>	<b>159</b>
4.1 – Caim .....	161
4.2 – Miguel .....	196
4.3 – Abel .....	224
4.4 – Uma tragédia inscrita a partir da posição fálica .....	241
<b>Considerações finais .....</b>	<b>243</b>
<b>Referências .....</b>	<b>254</b>

## APRESENTAÇÃO

O livro *Adolescência e a constituição do sujeito: angústia e violências* aborda um fenômeno da sociedade brasileira dos mais complexos e densos, pois tem matizes políticas, sociais, familiares e subjetivas—o envolvimento de jovens em atos criminosos. O tema é delicado, uma vez que aborda, mais além do que a violência praticada e sofrida pelos adolescentes autores de atos análogos a homicídios, a base sobre a qual se processa o laço social, o rompimento do pacto civilizatório e os efeitos familiares e subjetivos do desamparo social e econômico.

Altair José dos Santos, seu autor, é psicanalista, professor do Departamento de Psicologia Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás e coordenador do Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão do Adolescente (CEPEA/FE/UFG), que trabalha com atendimentos clínicos e com políticas públicas voltadas para a juventude por meio de uma equipe multidisciplinar. O CEPEA realiza ações de pesquisa e de extensão que visam promover a

educação e a formação cultural dos adolescentes, em sua relação com a família, demais instituições e a sociedade.

Esse tem sido o campo de atuação e pesquisa do autor, que já pesquisou também sobre o significado de família para o conselheiro tutelar, assim como sobre a relação entre a configuração familiar e as práticas utilizadas por pais ou seus substitutos na educação/ criação de seus filhos.

Como psicanalista e pesquisador, Altair José dos Santos desenvolveu a tese de doutorado que alicerçou este livro, intitulada *A identificação e o adolescente autor de homicídio*, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, defendida em 2014, sob orientação do professor doutor Francisco Martins. Também autor e organizador de coletâneas, tais como *Adolescência: saberes contemporâneos sobre a socioeducação* e *Futuros da psicanálise*.

O livro que ora apresenta coloca em relevo a face subjetiva da violência, demonstrando que a constituição psíquica comporta modos de satisfação que podem, por vezes, fazer uso de violências extremas, questão abordada por Freud quando se refere à desilusão quanto à eficácia do processo civilizatório, dadas as atrocidades praticadas pelos cidadãos europeus na primeira Guerra Mundial. Nessa direção, afirma Altair José dos Santos:

O que aprendemos com Freud e que confirmamos no presente estudo é que cada humano traz em si uma radical inclinação para a destrutividade. Além disso, o funciona-

mento mental humano orienta-se pela busca do prazer e pela redução da tensão intrapsíquica. Ou seja, os homens também fazem uso da violência e da agressividade como modo de obtenção de prazer (...). Ao final deste estudo, diante de relatos como esse, não restam dúvidas sobre a ferocidade humana. Ferocidade que não pode ser reduzida ao nível individual, pois alastra e desenvolve no tecido social, no modo de organização de cada sociedade.

Ele destaca ainda que “Como não há subjetividade que se produza fora do laço social é preciso considerar que a violência desses sujeitos adolescentes emana de sua inserção no tecido social, é produto de uma cultura e sinal de uma época na qual os referenciais identificatórios são roídos pela cultura do quanto mais gozo melhor”.

O livro nos traz extenso material de entrevistas sobre a história de vida de adolescentes que cometeram vários atos infracionais violentos, principalmente os envolvidos no tráfico de drogas, formação de quadrilha, roubos, assaltos à mão armada, atos análogos a homicídios e latrocínios. A análise traz a contribuição aos estudos sociológicos quando faz uso dos recursos da psicanálise para observar as peculiaridades em sua constituição psíquica. O estudo apoia-se principalmente no papel da identificação e da constituição da Lei e da castração, efeitos simbólicos que operam na constituição psíquica do sujeito. Analisa como esse trabalho psíquico se articula à lei enquanto aparelho jurídico que, por sua vez, atualiza o lugar de cada um no laço social, podendo ou não favorecer a pertença e oferecer proteção social.

Sobre esta mirada será analisada a relação de adolescentes, particularmente aqueles em desamparo social, com o seu ato, com a lei jurídica, demonstrando num primeiro plano que há diversas posições do sujeito perante seu ato. Para alguns, o significado do ato de matar é, como diz o autor, “signo de que sua constituição psíquica possui a marca da castração e de como a Lei simbólica é operante em seu psiquismo”. Outros “mostram saber sobre a lei, mas ela não opera suficientemente em sua subjetividade; para eles a lei opera em uma relação de externalidade, ela não é intrínseca à sua subjetividade”, conclui Altair José dos Santos. Desse modo, não há como generalizar a partir do ato um modo único de constituição subjetiva. Nas palavras do autor, “a Lei em sua dimensão simbólica produz efeitos diferentes em cada sujeito e essas diferenças encontram-se vinculadas à constituição psíquica de cada um”. Dado que a constituição do sujeito e do cidadão supõe a articulação do processo constitutivo às leis da cidade, o estudo nos mostra os impasses que operam quando a lei social exclui parte da população da circulação dos bens materiais e culturais de determinada sociedade. Nas entrevistas é patente o modo como não apenas o adolescente, mas também seus pais e padrastos foram banidos da circulação social, destacando-se a sua ausência no campo educacional.

O autor constata que, para os adolescentes dessa pesquisa, o ato infracional violento e mortífero advém da falha na passagem da identificação imaginária para a identificação simbólica. Diante da exigência dessa passagem, falta na particularidade histórica

desses sujeitos uma referência identificatória na qual seja possível apoiar-se para dizer sim à castração, reconhecer a própria condição de faltoso e advir como sujeito de desejo, processo que possibilitaria não se deixar levar pela angústia e pelo empuxo ao gozo.

A pesquisa aponta um dado também relevante em outras pesquisas: a relação intensa e fechada desses adolescentes com a mãe, ou pessoa que ocupa a função materna, e a ausência ou a insuficiência do agente social da função paterna. Diz o autor que permanecem, o adolescente e sua mãe, como errantes para os quais a relação mãe-filho-falo é signo trágico de sua insistência quixotesca em negar a castração. Ou, podemos dizer tomando outro ângulo, uma insistência ou resistência à violência do desamparo social. Entendemos que a sociedade fabrica ou impossibilita a paternidade – quando a figura paterna é marcada pela desqualificação e conseqüente perda da posição fálica no campo social, a função paterna também fica fragilizada assim como a sua potência de transmissão, ao filho, do seu nome e da Lei que o conduz. .

Várias questões ficam para dar continuidade a esse estudo. Uma delas será a possível dedução de que a exclusão social rompe o pacto civilizatório, promovendo o banimento do sujeito da cidade, o que gera efeitos geracionais e o retorno desse ato como violência no laço. A violência naturalizada dos ainda senhores da senzala retorna como re-volta que incomoda e tira o sono dos cidadãos de bem, podemos nos perguntar?

Altair José do Santos nos oferece neste estudo a possibilidade de análise de fenômeno central da sociedade brasileira: a violência que a suposta cordialidade encobre na manutenção da desigualdade social. Também produz questionamentos sobre os lugares e contribuições que a clínica psicanalítica pode produzir nesses contextos. O que pode a psicanálise quando as questões subjetivas estão enlaçadas desse modo no laço social? Quando pode a escuta se processar dentro da política pública nas passagens pelas medidas socioeducativas?

A leitura não somente nos informa sobre esse campo de estudo e pesquisa, mas nos convida a pensar e trabalhar. Recomendo vivamente!

Dra. Miriam Debieux Rosa.

## PRÓLOGO

Prólogo é entendido vulgarmente como uma introdução, mas na tradição grega se relaciona com o teatro. Para nós, o texto “Adolescência e a constituição do sujeito: angústia e violências” é prólogo sobretudo daquilo que está prestes a se desenrolar em tragédia. A tragédia sobrevoa permanentemente a clínica. O presente prólogo é um convite para aqueles que creem que a clínica pertence ao universo *pathico* onde temos espectadores, personagens e, principalmente, protagonistas. O presente trabalho do psicanalista Dr. Altair José dos Santos, clínico de primeira linha, qualifica o sujeito em ato e o analista em ação na clínica cotidiana dos adolescentes. Esta clínica pertence à ciência conjectural que implica o sujeito, diferente da ciência que trata somente da franja dos objetos. Assim, a clínica não se ocupa somente das coisas, do corpo físico, dos remédios. Ela trata do sujeito e também do clínico *extimamente* envolvido em sua *práxis*. Trata-se de um estudo clínico

que se debruça sobre a tragédia inscrita na vida de adolescentes frente aos empuxos parricidas e incestuosos, centrais na trama do mito *Édipo Rei*.

Corajosamente, o autor adquiriu a capacidade de estar com sujeitos que cometeram o ato de matar. Sujeitos jovens mas incisivos. O ato simbólico de matar o pai, matar o irmão, desliza para atos concretos de matar outrem. Atos como esses que podemos ver nos casos acompanhados pelo presente estudo podem causar arrepios, horror e temor. Isto faz parte da clínica cotidiana. Como clínicos distinguimo-nos da polícia que é paga para controlar e do cientista que é pago para duvidar. O clínico visa encontrar com o sujeito autor do ato de matar almejando, por meio desse encontro, outro destino que não seja matar e/ou morrer precocemente. Ele não deixa de ser audaz. Os clínicos são protagonistas e coadjuvantes da trama *pathologica* que é a tragédia humana.

Em cada caso o autor consegue elaborações “com” o adolescente autor do ato de matar. Cada um com sua história como um ser jogado no mundo, ser pulsional, bem entendido. Para tanto é necessário reconhecer que agressividade é diferente de violência. A violência é uma agressividade que degrada e desconhece a Lei, que implica, portanto, sua ruptura. O adolescente, objeto deste estudo, parece indício de que quanto mais civilizada é uma sociedade, paradoxalmente, mais pode ser produtora de violências. Adolescência apresenta-se como um fenômeno fortemente ligado às particularidades históricas de cada cultura. Com a Lei e com a

civilização vem também a enorme possibilidade de violências. Todos os casos de violência analisados com fineza pelo Dr. Altair, mostram os adolescentes digerindo a Lei e constituindo violências. Distinguimos aqui pelo menos três violências: 1. aquela dada pelo canibalismo, na qual o amar via incorporação é conhecida essencialmente pela oralidade; vemos isso na enormidade subjetiva que ocupa a função materna na vida desses adolescentes; 2. aquela violência do afeto *cainesco*, que incide na existência de um outro igual, irmão, via de regra em conflito com a Lei; 3. o parricídio é o tema principal no presente estudo; a investigação mostrou o sujeito adolescente diretamente confrontando-se com a Lei que em nossa cultura é suportada pela função paterna.

O trabalho que aqui propomos a leitura é uma tese teórico-clínica. A pesquisa teórica mostra a gênese e o desenvolvimento do conceito de identificação em Freud e sua participação singular na constituição psíquica do adolescente autor de ato infracional. Por clínica entendemos uma atividade que implica ficar ao lado do outro, junto ao leito ou fazendo o percurso com o outro. A despeito da democracia dita do positivismo, persiste na ciência positiva a ideia final do grande Outro hegeliano, detentor final de um saber, constituindo um ser total final, um pensar sistêmico. O pensar ôntico se vê mais nesta direção. Já o *pathico* se distingue pelo de-venir, pela variação e a não sistematização seriada. Insiste não na univocidade da ciência holística – uma só voz, um só saber, um Ser somente – mas na equivocidade e na efetividade dos seres

vivos reagindo. Seria uma ciência da reatividade, e não somente da mediação. Ciência da *segundidade* que parece uma degeneração da *terceiridade* caso valorizemos esta última. Desse modo, vemos as medidas de privação de liberdade como um fenômeno a ser estudado no caso a caso. Em geral, reconhecemos o Inconsciente se apresentando.

No presente trabalho ficaram evidenciados não somente adolescentes transgressores comuns. Trata-se aqui dos traços do destino de Édipo - parricídio e incesto - perpetrados por adolescentes. Com relação a parte teórica, o conceito de identificação é estudado detalhadamente como categoria fundamental na constituição psíquica. A identificação emerge como noção derivada dos fenômenos clínicos, que participa diretamente nos destinos da sexualidade e, por fim, é entendida como processo inconsciente fundamental no psiquismo de cada sujeito que aparece, com seu dever, seu poder e seu devir.

Logo, esse estudo implica principalmente modos de pensar acerca das relações entre o processo de identificação e o estabelecimento da Lei simbólica para cada um dos sujeitos escutados.

Assim como no restante do mundo, os avanços do capitalismo e a lógica do consumismo acirram os efeitos de segregação e produzem um hiato entre os direitos humanos presentes na letra da lei e os direitos de fato postos em prática no cotidiano da vida social. Essa desigualdade devastadora incide com mais força no corpo da grande maioria empobrecida dos brasileiros. As contradições são

muitas. Ainda assim acompanhamos o autor em cada ato corajoso que se apresenta na clínica de adolescentes protagonistas do ato de matar que não deixam de evidenciar o quão tudo isso é humano ainda que cruel.

Não somente o matar, também o morrer aqui é estudado. Adolescentes em situação de conflito com a Lei “desafiando tanto os dispositivos legais quanto seus pressupostos teóricos, técnicos e metodológicos”. Na presente tese o autor toma como pontos de partida a obra de Freud e a contribuição de psicanalistas pós-freudianos para realizar um estudo teórico-clínico com adolescentes autores de ato análogo a homicídio e que cumprem medida socioeducativa de internação. CAIM, MIGUEL e ABEL se apresentam diferenciados entre si mas marcados pela especificidade que aparece no estudo detalhado de cada um desses sujeitos. Chamou-nos atenção, o leitor constatará, o caso de CAIM que afirma que amor de mãe é o único verdadeiro. Sua mãe, no entanto, parece não ter condições de dar lugar para um pai existir suficientemente. Convidamos o leitor a verificar a análise refinada do autor no presente livro. Com a ajuda do autor detectamos que, nos dois primeiros sujeitos da pesquisa, destacam-se a insuficiência da função paterna em sua condição de normatização e a gritante presença da função materna numa alienação que aprisiona os sujeitos na posição fálica. Desse lugar, citamos a seguir literalmente o Dr. Altair que mostra a ilusão da completude narcísica se efetivar da seguinte maneira: “A experiência da onipotência se faz presente nesses sujeitos que

atravessam o período da infância e vão em direção ao seu destino trágico. Quando chegam à adolescência, frente à ausência de uma figura identificatória, cada um ao seu modo, mergulha numa experiência que é da ordem da angústia e produtora de violências”.

Explicitamos a tese do autor de que a violência é um modo de defesa contra a angústia. Uma vez que não fizeram de modo suficiente, via identificação simbólica, a passagem do *ser* para o *ter* o falo, cada um reage violentamente em tentativas contínuas de negar a castração. Por isso, eles seguem errando rumo à tragédia na qual suas vidas estão inscritas.

A tragédia agora não é mais somente de CAIM, de sua mãe e de seu padrasto; é também do seu clínico e, potencialmente, de todo leitor que faça, com CAIM, a travessia em direção ao seu mito individual. Que tal iniciarmos a leitura...

*Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins*

## INTRODUÇÃO

A música *Piada Infeliz* composta por Gonzaguinha diz: “[...] O fogo apagado, o fim da partida, um jogo jogado na ponta do punhal. O peito sangrando, ainda brincando diante da morte, brincando de morrer talvez tão só. Melhor que a desgraça do riso sem graça, melhor que alegrar a rainha em sua piada infeliz”. Essa canção remete fortemente à experiência com a qual me deparei nesse estudo que buscou investigar a constituição psíquica do adolescente autor de ato análogo ao homicídio. Empreitada que visou conhecer a subjetividade de adolescentes cujas vidas percorreram caminhos do matar e do morrer.

Trata-se de um conjunto de experiências de horror e fascínio diante dos relatos de mortes brutais. Relatos que, por exemplo, refletem o *pathos* entranhado na condição humana.

O primeiro cara que eu peguei foi porque ele estava de-  
vendo droga pra mim.

Eu tinha uns treze ou quatorze anos. Eu sei que eu fui  
na casa dele, eu estava com uma faca, ele chegou perto  
de mim e eu dei uma facada no pescoço dele bem aqui  
ó. Ele caiu no chão e começou a espirrar sangue, foi um  
trem... Sei lá.

Aí eu peguei dei uma facada no pescoço dele de cada  
lado, a cabeça dele quase caiu no chão. Foi... Assim... Uma  
cena de filme.<sup>2</sup>

Relatos como esses revelam que o extraordinário, o estranho,  
o fora da norma, o marginal, o louco e o bárbaro exercem grande  
fascínio e ao mesmo tempo provocam horror sobre os que se con-  
sideram sujeitos normais, sadios e civilizados. Contudo, a potência  
das descobertas freudianas, em parte, reside na superação da  
diferença rígida entre o normal e o anormal. Todos nós que nos  
percebemos do outro lado da exclusão – qual lado? – também  
somos protagonistas e coadjuvantes da trama *pathologica* que é a  
experiência humana.

Da minha parte, nunca me esquecerei da experiência vivida  
quando era ainda adolescente participante de um grupo de jovens  
que desenvolvia atividades solidárias em um grande presídio. Era  
uma confraternização, uma partida de futebol no campo de terra

.....  
2 Trechos de entrevistas clínicas realizadas com adolescentes autores de  
atos análogos a homicídio.

batida localizado na área intramuros do presídio. Nosso time do grupo de jovens contra o time dos detentos. Enquanto o time deles atacava eu esperava no meio do campo, um dos meus companheiros recuperou a bola e lançou para mim que corri sozinho em direção ao gol adversário. Na algazarra da torcida escutei ou alucinei alguém gritando: pega ele, matador! Olhei para trás e vi um sujeito com dois metros de largura correndo, bufando atrás de mim. Corri o máximo que pude, desesperado de medo, dei um *bico* na bola que bateu na trave e passou por cima do muro. Continuei a correr até passar o gol, quando olhei para trás vi “o matador” e toda a turma rindo a valer.

A experiência contada acima é tomada como exemplo de como o “fora da lei” é, por vezes, percebido. Além disso, pode ser tomada como ilustração do modo como a sociedade atual percebe o adolescente autor de ato infracional que é tratado mais como caso de polícia do que como questão social.

Cabe questionar se por meio da imagem do adolescente autor de ato infracional a sociedade contemporânea não busca um meio de exorcizar sua própria dimensão sombria e *pathologica*. O adolescente é abandonado antes do seu nascimento. O Estado não cumpre a lei, a violência é apresentada a esses sujeitos desde muito cedo na forma de abandono, por meio da negação de direitos garantidos na letra da lei. Depois é que esses sujeitos devolvem, também na forma de violência, a violência a que foram submetidos. A sociedade dirigida por adultos fica cega à sua própria violência

e abandono. Daí por diante o adolescente em conflito com a lei é visto como caso de polícia e toda a dimensão socioeducativa resta como letra morta no texto da lei.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990), em seu artigo 2º, considera adolescente uma pessoa entre doze e dezoito anos de idade. No senso comum o termo adolescência também aparece relacionado aos fenômenos da puberdade. De qualquer forma, a adolescência é considerada como momento situado antes da vida adulta e depois da infância. Uma vez que diferenças biológicas, sociais e culturais participam diretamente do processo de desenvolvimento, a adolescência é pensada, no âmbito deste estudo, como fenômeno fortemente determinado pela forma de organização social, cultural, política e econômica do contexto em que o sujeito vive.

Atualmente, todos nós que lidamos com adolescentes, seja na prática clínica, seja na pesquisa, seja no âmbito jurídico ou social, seja na vida familiar ou escolar cotidiana, somos desafiados a compreender uma realidade que parece metamorfosear-se e que recusa dar-se a conhecer. Fenômenos como adolescentes em conflito com a lei que, por exemplo, cometem atos análogos a homicídios sustentam uma provocação incessante aos vários setores da sociedade contemporânea e desafiam tanto seus dispositivos legais quanto seus pressupostos teóricos, técnicos e metodológicos. Frente a tal incitação, a sociedade contemporânea tenta responder com medidas socioeducativas, propostas de redução da maioria

penal, patologização, etc. A cada proposta novas discussões surgem e sustentam o dissenso. Em meio a tal movimento, instituições como a escola, a família e outras que participam privilegiadamente no início do processo de constituição psíquica recorrem aos profissionais do campo psicológico em busca de cumplicidade no entendimento da realidade adolescente.

O meu interesse em estudar questões ligadas à adolescência emergiu na experiência clínica com adolescentes. A presente pesquisa teve seu início com meu interesse em realizar estudos acerca da gênese e do desenvolvimento do conceito de identificação na teoria freudiana. Logo, essas duas categorias, identificação e adolescência, formam os dois eixos em torno dos quais o presente estudo se desenvolve.

Na teoria freudiana a noção de identificação surge ligada à formação dos sintomas, dos chistes, dos atos falhos e dos sonhos. Em função deste nexos a identificação aparece desde os primórdios da teoria psicanalítica como uma apreensão nocional de importante valor teórico e clínico. Além disso, à medida que a teoria psicanalítica se desenvolve, sob a pena de Freud, a identificação adquire lugar central no entendimento dos fenômenos psíquicos. Centralidade que ganha relevo quando, na elaboração da sua segunda teoria do aparelho psíquico,<sup>3</sup> Freud eleva o processo de identificação – *Identifizierung* – a categoria fundamental na constituição psíquica.

.....  
3 Período que se inicia a partir da década de 1920, tem seu ponto alto em 1923 quando Freud publica o trabalho O Eu e o Id (1923).

Então, a identificação emerge como noção derivada dos fenômenos clínicos, que participa diretamente nos destinos da sexualidade e, por fim, é entendida como processo inconsciente fundamental no psiquismo de cada humano.

Ao longo deste trabalho, vi, por um lado, a importância de dar continuidade aos estudos sobre a adolescência e, por outro lado, a necessidade de pesquisar a relação entre o processo de identificação, enquanto fenômeno psíquico inconsciente, e a constituição psíquica do adolescente na contemporaneidade. À medida que os passos foram dados as ideias sobre o projeto tornaram-se mais claras. Assim, deparei-me com o objetivo de compreender as relações entre a identificação e o adolescente em conflito com a lei.

### **A lei, o ato infracional e a medida socioeducativa**

A pungência do questionamento acerca dos destinos da pulsão no sujeito adolescente, sua relação com a Lei<sup>4</sup> e com o gozo remetem ao modo como a lei brasileira regula, ou pelo menos tenta regular, os modos de inserção desses sujeitos no tecido social. Em seu desenvolvimento atual, no que tange à infância e à adolescência, a lei brasileira orienta-se em termos de medidas protetivas e socioeducativas.

No Brasil, assim como no restante do mundo, os avanços do capitalismo e a lógica do consumismo acirram os efeitos de segre-

.....  
4 Optei por usar a grafia Lei, com inicial maiúscula, para referir a Lei simbólica internalizada em cada sujeito diferenciada da lei jurídica.

gação e produzem um hiato entre os direitos humanos presentes na letra da lei e os direitos de fato, postos em prática no cotidiano da vida social. Essa desigualdade devastadora incide no corpo da grande maioria empobrecida dos brasileiros. As contradições são muitas. Por ora me interessa apontar que se, por um lado, a lei nº. 8.069/1990 (ECA) e a lei 12.594/2012 (SINASE), trouxeram avanços do ponto de vista legislativo, por outro lado, as tentativas de transformá-las efetivamente em medidas protetivas não têm sido suficientes para garantir os direitos da população infanto-juvenil brasileira. Esse hiato entre o corpo social e o Estado é mais nefasto para imensa maioria mais carente dos brasileiros.

O ECA trouxe, sem dúvida, importantes mudanças. O ponto de partida dessa mudança, presente em seus artigos 1º e 2º, é a doutrina de proteção integral que reconhece toda criança brasileira como sujeito de direitos. O Artigo 4º diz que “é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (ECA/1990).

Além disso, o parágrafo único do referido artigo diz que a garantia de prioridade compreende a primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias; precedência do atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública; preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas; destinação

privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude. Mas, uma coisa é a lei, outra é a implantação e a concretização de políticas públicas que garantam sua eficácia.

O artigo 103 do ECA considera ato infracional “a conduta descrita como crime ou contravenção penal”. Aquele ato que, perante a lei, é considerado crime ou contravenção, se cometido por adolescente é considerado ato infracional e poderá ser sentenciado com medida socioeducativa. O Artigo 104 define que menores de 18 anos são inimputáveis penalmente e o Artigo 105 reza que crianças praticantes de atos infracionais receberão medidas protetivas.

Quanto às medidas socioeducativas, o Artigo 112 diz que “verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semiliberdade, internação em estabelecimento educacional e, por fim, qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI” (ECA, 1990).

### **A medida socioeducativa de internação**

Interessa pensar acerca da medida socioeducativa de internação que, segundo o artigo 121 do ECA, constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Já o artigo 122 define que a medida de internação só poderá ser aplica-

da quando tratar-se de ato infracional mediante grave ameaça ou violência à pessoa, por reiteração no cometimento de outras infrações graves e que em nenhuma hipótese será aplicada internação havendo outra medida adequada. Além disso, a lei que instituiu o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE, Lei 12.594/12) em seu Artigo 42 § 3º considera a internação a mais grave de todas as medidas socioeducativas que um adolescente pode cumprir.

Apesar de o ECA ter sido sancionado em 1990, foi necessário um conjunto de reformulações políticas que definiram parâmetros para o atendimento socioeducativo de adolescentes autores de ato infracional. Esse movimento de reformulação estruturou-se em torno da referida Lei 12.594, que regulamentou a execução das medidas socioeducativas.

O SINASE orienta principalmente que as ações socioeducativas sejam sustentadas nos princípios dos direitos humanos. O SINASE estabelece também parâmetros de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo para apuração de ato infracional e para a execução da medida socioeducativa. Uma de suas prerrogativas é priorizar as medidas em meio aberto em detrimento das medidas de restrição de liberdade. Estas últimas possuem caráter de excepcionalidade e devem ser aplicadas nos casos em que o adolescente tenha cometido atos infracionais mais graves

## **A escuta dos sujeitos e as entrevistas clínicas**

O presente estudo teve uma pretensão qualitativa na qual as particularidades históricas e a singularidade de cada sujeito são consideradas em uma busca de apreender os nexos constitutivos de sua subjetividade. Para responder a tal pretensão, realizei entrevistas clínicas com os adolescentes selecionados, e com suas mães. Busquei encontrar o fenômeno dos adolescentes em conflito com a lei em sua máxima expressão, portanto, não pretendi trabalhar com o critério quantitativo e estatístico que permitissem por esse viés o estabelecimento de valores universais. Os principais critérios para inclusão na pesquisa foram: ter praticado ato análogo a homicídio; não ter previsão de desinternação para data anterior ao período previsto para a conclusão da pesquisa; aceitar participar das entrevistas. Com a devida autorização dos adolescentes e dos seus responsáveis as entrevistas foram gravadas e transcritas por mim. Durante as entrevistas ofereci uma escuta clínica, com mínimas direções de sentido, a fim de chegar o mais próximo possível da associação livre.

As entrevistas clínicas realizadas neste estudo caracterizaram-se por não apresentarem qualquer estrutura prévia. No início de cada entrevista foi sugerido ao sujeito que falasse livremente sobre sua vida. Optei por entrevistas não estruturadas, fortemente apoiadas na teoria psicanalítica. Em função deste referencial teórico, durante as entrevistas, busquei realizar uma escuta que privilegiasse mais os significantes que os significados. Evitei fazer

perguntas diretas aos entrevistados com o intuito simples de manter o sujeito falando sobre sua vida. Quando na fala do sujeito emergia algo supostamente relevante à pesquisa, eu pedia ao sujeito que falasse mais sobre a questão. Por meio das entrevistas orientadas pela escuta clínica pretendi debruçar-me sobre a história de vida dos sujeitos, sobre seu sofrimento e sua paixão. Desse *pathos* derivou um saber acerca da verdade do sujeito que fala, saber acerca da verdade do seu desejo e dos seus modos de gozo.

Pretendi que a condução das entrevistas clínicas permitisse a expressão de fantasias e de derivados simbólicos da representação presente nos discursos dos sujeitos. Tal como uma metáfora utilizada por Freud (1913) que diz que, em relação ao analisante, o analista se comporta como um viajante de trem que se senta na poltrona do corredor enquanto o analisante, que se senta ao lado da janela, vai ao longo da viagem descrevendo a paisagem. Contudo, se por um lado, ouve-se o relato feito pelos sujeitos acerca da sua história de vida, por outro lado, o que se busca é escutar os significantes que emergem em seu discurso e que os constituem enquanto sujeitos. A escuta clínica entende, então, que há certa distância entre o dizer e o dito, entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente presentes no discurso dos sujeitos. É deste modo que os sujeitos, muitas vezes, são mais falados que falantes.

## Identificação e adolescência

A proposta do presente estudo é pensar acerca das relações entre o processo de identificação e o estabelecimento da Lei simbólica para cada um dos sujeitos escutados. Assim, foi necessário primeiro percorrer a gênese e o desenvolvimento do conceito de identificação na teoria freudiana para, depois, pensar a constituição psíquica do sujeito adolescente autor de ato análogo ao homicídio.

Desse modo, no primeiro capítulo apresento a gênese e o desenvolvimento do conceito de identificação na obra freudiana. Para tanto, além dos textos do próprio Freud e de autores pós-freudianos, tomei como referência o eficiente trabalho de pesquisa de Jean Florence.<sup>5</sup> Nessa parte percorremos os passos de Freud na descoberta do inconsciente; depois discuto como o fenômeno da identificação está presente do início ao final das elaborações freudianas. Além disso, a identificação é pensada em sua relação com a constituição do aparelho psíquico; nesse tópico levo em conta principalmente a relação entre identificação e formação da instância psíquica que Freud chamou de *supereu*.

No segundo capítulo abordo a temática adolescência como fenômeno da Modernidade. Também são abordadas a sexualidade e a adolescência referidas ao campo psicanalítico. Trago à pauta a constituição psíquica do adolescente e seus modos de participação no tecido social. Neste momento considero também o problema do

5 .....  
Florence, J. *L'identification dans la théorie freudienne* (1978). 3ª Éd. Bruxelles: Facultes Universitaires Saint-Louis, 2005.

narcisismo e sua relação entre Eu Ideal e Ideal do Eu, bem como a questão da internalização da Lei em sua dimensão simbólica, por exemplo, enquanto interdição ou autorização para o ato de matar.

No terceiro capítulo, intitulado “A tríade mãe-filho-falo: gozo, angústia e violência”, é dedicada a pensar o problema da passagem da identificação imaginária à identificação simbólica e sua importância na constituição do aparelho psíquico. Também é considerada a relação entre identificação, angústia e violência. Proponho que ante à carência ou insuficiência de referenciais identificatórios o adolescente realiza uma experiência de angústia frente à opacidade especular, podendo reagir com violência, chegando ao diapasão do ato de matar e/ou de morrer.

O quarto capítulo comporta uma reflexão, aos moldes da escuta psicanalítica, sobre as entrevistas clínicas realizadas com alguns dos adolescentes que praticaram atos de matar. Nessa parte busquei os nexos constituintes da realidade psíquica desses sujeitos de modo a estabelecer relações entre sua posição subjetiva e a prática dos atos de matar. Ainda nesse capítulo, intitulado “Adolescentes autores de homicídio: do vazio constitutivo à violência”, busquei compreender o que escutei da fala dos sujeitos. Além das entrevistas com os adolescentes realizei entrevistas com suas mães. Considerei as condições históricas da vida de cada um dos sujeitos, as circunstâncias nas quais aconteceram os homicídios, e o sentido da internação para esses adolescentes. Sobretudo, busquei oferecer uma escuta *ao pé da letra*, cujo objetivo maior foi o de apreender,

do ponto de vista da sua particularidade, os nexos que constituem a estrutura psíquica de cada sujeito. No campo da singularidade, busquei estabelecer relações entre o processo de identificação e a constituição psíquica. De modo específico, pretendi apreender os nexos entre o processo identificatório, a função materna, a função paterna e o estabelecimento da Lei simbólica para esses adolescentes autores atos análogos a homicídio.

# **CAPÍTULO 1 – GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NA OBRA FREUDIANA**

Na obra de Freud, o conceito de identificação assumiu progressivamente o valor central que faz dela a operação pela qual o sujeito humano se constitui.

*Jean Laplanche*

## **1.1 – Freud e a descoberta do inconsciente**

Apresento aqui a emergência da identificação, enquanto fenômeno psíquico reconhecido por Freud, e as articulações entre a identificação e os conceitos emergentes no primeiro momento de construção da teoria freudiana.<sup>6</sup> Sobretudo, procurei apreender as implicações entre a identificação, como fenômeno que surge na

.....  
6 Período que vai aproximadamente entre 1891 e 1913.

cena clínica nos primórdios da psicanálise, e os fenômenos que possibilitaram a Freud a descoberta do inconsciente. Diante disso busquei, antes de pensar o fenômeno da identificação, seguir os passos de Freud nesse caminho da descoberta do inconsciente.

As obras sobre os sonhos, sobre a psicopatologia da vida cotidiana e sobre os chistes constituem um tripé fundamental da teoria freudiana do inconsciente.<sup>7</sup> Nessas obras Freud demonstra, pela via das suas manifestações, a existência do inconsciente como fundamento da psicanálise. Contudo, Freud não chegou a essas obras de uma só vez, podemos reconhecer seu tatear em publicações que vieram antes da sua compreensão acerca do inconsciente. O próprio Freud aponta que esse tatear lhe é anterior ao lembrar que

o conceito de inconsciente por muito tempo esteve batendo aos portões da psicologia, pedindo para entrar. A filosofia e a literatura quase sempre o manipularam distraidamente, mas a ciência não lhe pôde achar uso. A psicanálise apossou-se do conceito, levou-o a sério e forneceu-lhe um novo conteúdo. Por suas pesquisas, ela foi conduzida a um conhecimento das características do inconsciente psíquico que até então não haviam sido suspeitadas, e descobriu algumas das leis que o governam (Freud, 1940 [1938]/1976, p. 321).

.....  
7 A Interpretação dos sonhos (1900). In: *Obras Completas*, v. V. Rio de Janeiro: Imago, 1976.  
Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901). In: *Obras Completas*, v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.  
Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In: *Obras Completas*, v. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

A literatura, a filosofia e as artes de modo geral já haviam se deparado com o inconsciente antes de Freud, sabemos inclusive o quanto o próprio Freud serviu-se dessas produções para realizar a “sua descoberta do inconsciente”. Por exemplo, o fato de Theodor Lipps ter publicado certa descoberta do inconsciente alguns anos antes de Freud publicar sua *Die Traumdeutung*<sup>8</sup> é incontestável. Segundo Anne Durand (2003), em agosto de 1896 Lipps fez uma conferência no congresso de psicologia de Munique<sup>9</sup> intitulada O Conceito de Inconsciente em Psicologia. Em A Interpretação dos Sonhos Freud cita as *vigorosas palavras* de Lipps segundo as quais “O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; *em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais*” (Lipps, T. *apud* Freud, 1900/1976, p. 651). Para Lipps o inconsciente é o objeto da psicologia, enquanto ciência não há para a psicologia outro objeto de estudo possível.

Mas se as ideias acerca da existência de processos inconscientes não são inaugurais em Freud, foi ele o primeiro a considerar tais processos em uma perspectiva clínica. Também foi ele o primeiro a propor uma teoria do aparelho psíquico considerada em seus aspectos econômico, dinâmico e topológico. Além disso, o fundamental é que

.....  
8 A interpretação dos sonhos (1900).

9 Freud não pode participar do congresso de Munique de 1896 devido ao estado de saúde de seu pai que viria a falecer em outubro do mesmo ano.

para Freud a realidade do inconsciente é sexual, ou seja, a sexualidade é estritamente consubstancial à dimensão do inconsciente.<sup>10</sup>

Em 1898 Freud volta sua atenção para fenômenos psíquicos ordinários e escreve O Mecanismo Psíquico do Esquecimento, sua curiosidade científica o levou a deslizar dos distúrbios psicopatológicos ‘anormais’ para o estudo de ‘falhas’ psíquicas comuns e cotidianas que até então não tinham recebido qualquer atenção da comunidade científica. Nesse texto, Freud realiza estudos sobre as *parapraxias* e faz isso ao descrever e explicar o esquecimento de nomes próprios. Logo depois, ao publicar Lembranças Encobridoras (1899), Freud leva em conta a importância da infância na organização psíquica humana e discute falhas no processo mnêmico de recuperação dos fatos ocorridos na infância. Nesse estudo ele diz:

Ninguém contesta o fato de que as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixam traços inerradicáveis nas profundezas de nossa mente. Entretanto, ao procurarmos averiguar em nossa *memória* quais as impressões que se destinaram a influenciar-nos até o fim da vida, o resultado é, ou absolutamente nada, ou um número relativamente pequeno de recordações isoladas, que são frequentemente de importância duvidosa ou enigmática (Freud, 1899/1976, p. 333).

.....  
10 Essa questão relativa a realidade sexual do inconsciente é fundamental e transcende aos objetivos do presente trabalho. Assim remeto o leitor interessado aos trabalhos que fazem uma introdução aos conceitos fundamentais da psicanálise. Por exemplo: Jorge, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2000.

Em 1901 Freud publicou *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Trata-se de um texto fundamental, nele os dois trabalhos anteriores são retomados, ampliados e, em edições posteriores, são recheados de belos exemplos. São descritas, explicadas e exemplificadas falhas na memória ou esquecimentos (*Vergessen*), falhas na língua (*Versprechen*), falhas na leitura (*Verselen*), falhas de audição (*Verhören*), etc. Enfim, nesse estudo, Freud esclarece uma ampla gama de situações em que as funções de síntese, de controle e a intencionalidade consciente falham. Chamou de ‘ato falho’ todo ato em que essas falhas ocorrem e entendeu que todo ato falho é, na verdade, dotado de significado, portanto, uma linguagem. Através dos estudos sobre as formações do inconsciente Freud estendeu o campo de estudo da psicanálise para além dos limites do que era considerado anormal, extraordinário e patológico.

É importante destacar no texto freudiano o fato de ele trabalhar com fenômenos muito comuns e muito conhecidos. Freud vê no ordinário o que a maioria antes e depois dele não pode e não quer ver. O inconsciente é apontado por ele, desde o início, como existência que faz furo e produz seu discurso no entre texto, no reverso. É na falha de todo um sistema, supostamente ordenado por certa razão, que o erro comparece portando sua verdade e diz o que o falante ainda não pode saber que sabe. Assim, o inconsciente manifesta-se como aquilo que vacila no corte donde emerge uma realidade do sujeito, desde sempre claudicante.

Além deste destaque, Freud diz que esses fenômenos nada têm a ver com doenças. Ele escolhe estudar e conhecer fatos comuns das pessoas comuns e, desse modo, tira a psicanálise do campo limitado à clínica médica e instaura a necessidade de uma lógica outra, para além do controle racional e da experiência positiva. Esse movimento implica todo e cada ser humano. Todos, sadios e doentes, normais e anormais estão inscritos nesse *pathos*. Todos estão sujeitos a essa instância psíquica que se serve da falha e fala mais que o intencional consciente, produzindo sucessivas *re-velações*. Nisso todos somos falhos e nenhum de nós é senhor de seus sentimentos, pensamentos, ações ou desejos.

Freud (1905) revela definitivamente o domínio perene do inconsciente sobre a vida consciente. Ao interpretar fatos corriqueiros da vida cotidiana atribuiu verdadeira significação ao ato falho, mostrando que é possível relacioná-lo aos motivos inconscientes de quem o comete. Mas ao discutir os motivos inconscientes intrínsecos aos atos falhos é importante também considerar que para Freud, por um lado, as palavras têm sempre uma intenção consciente e se estabelecem sempre em um esforço de troca entre pelo menos duas pessoas, por outro lado, as palavras são da ordem da falta e portadoras do engano. Em 1916, antes das pesquisas de Lévi-Strauss sobre a Eficácia Simbólica, Freud chama atenção para o fato de que

as palavras, originalmente, eram mágicas e até os dias atuais conservaram muito do seu antigo poder mágico. Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra ju-

bilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens (1916/1976, p. 29).

Diante da surpresa às vezes desconcertante de um ato falho, têm-se a impressão de erro e de fracasso da linguagem, mas é exatamente aí que entra a genialidade de Freud, pois se toda palavra é carregada de significação, os atos falhos carregam, também eles, uma função de linguagem. No deslizamento da cadeia significante revelam a existência do desejo inconsciente, apontam para importância de se considerar o inconsciente estruturado como linguagem. Em seu tempo, Freud não pôde contar com os recursos da linguística, por isso serviu-se como pode dos estudos da filologia e das teorias da comunicação.

Em toda formação do inconsciente deve-se supor a operação de processos de condensação e deslocamento que exercem o efeito de cifrar, pela metáfora e pela metonímia, o desejo inconsciente. Voltando à questão dos atos falhos, Lacan diz que “[...] está claro que todo ato falho é um discurso bem-sucedido, ou até formulado com graça, e que, no lapso, é a mordança que gira em torno da fala, e justamente pelo quadrante necessário para que um bom entendedor encontre ali sua meia palavra” (Lacan, 1953/1986, p. 269).

Esquecimentos em geral, falhas ao falar, ouvir, ler e escrever, atos descuidados, atos casuais e sintomas, juntamente com os sonhos, constituem mecanismos através dos quais conteúdos inconscientes afirmam, pelo negativo, sua não resignação à inexistência. Essa valorização de objetos de estudo considerados como o “refugio do mundo dos fenômenos” (Freud, 1916/1976, p. 41), desprezados por cientistas e pelas pessoas comuns em suas avaliações usuais, talvez tenha sido um dos mais importantes instrumentos dos quais Freud se serviu para demonstrar a determinação da vida inconsciente sobre a totalidade dos atos conscientes.

Ao falar sobre o esquecimento de nomes Freud diz que se trata tanto dos casos em que o nome é *esquecido* quanto dos casos em que o nome é erroneamente lembrado. Foi exatamente o fato de não conseguir se lembrar de um nome que está ‘na ponta da língua’ e ainda o fato de outro nome aparecer na memória em substituição ao nome que se pretendeu recordar que mais chamou sua atenção. “O processo que deveria levar à reprodução do nome perdido foi, por assim dizer, *deslocado*, e por isso conduziu a um substituto incorreto” (Freud, 1901/1976, p.19).

Diante da análise dos diversos casos de atos falhos, esquecimentos em geral, falhas ao falar, ouvir, ler e escrever, atos descuidados, atos casuais, etc., Freud conclui que em todos os casos *o esquecido, errado ou distorcido* possui alguma associação com um conteúdo de pensamento inconsciente. E é esse conteúdo a fonte do efeito de *falhar*. Nesse sentido esquecer é uma forma de lembrar,

errar é acertar. Trata-se de uma fala certa que diz o que o falante ainda não sabe que sabe.

Nessa perspectiva, o esquecimento, bem como todo ato falho, se põe a serviço do psiquismo alinhando-se ao princípio de prazer. Através do ato falho, o psiquismo evita situações que de algum modo seriam desprazerosas para o sujeito. Trata-se sempre da economia psíquica. É exatamente aí, na relação entre desejo e proibições que o ato falho fala. Como fala! Fala da verdade do sujeito, do seu *assujeitamento*, da verdade do seu desejo e da sua impossibilidade.

Freud foi um desconfiado da consciência humana em todos os seus aspectos. Essa desconfiança, associada ao espírito científico, permitiu-lhe ir além do aparente e do imediato e, assim, desvelar elementos essenciais do psiquismo humano presentes em fatos corriqueiros e ordinários. Em 1939 Freud justifica e mantém sua desconfiança ao declarar que após todas suas pesquisas sobre o psiquismo foi impossível

[...] demonstrar, em relação a outros assuntos, que o intelecto humano possua um faro particularmente bom para a verdade, ou que a mente humana demonstre qualquer inclinação especial para reconhecê-la. Encontramos antes, pelo contrário, que nosso intelecto facilmente se extravia sem qualquer aviso, e que nada é mais facilmente acreditado por nós do que aquilo que, sem referência à verdade, vem ao encontro de nossas ilusões carregadas de desejo (1939/1976, p. 153).

Em *Construções em Análise* (1937), Freud diz que “[...] o trabalho da análise visa a induzir o paciente a abandonar as repressões (empregando a palavra no sentido mais amplo) próprias a seu primitivo desenvolvimento e a substituí-las por reações de um tipo que corresponda a uma condição psicologicamente madura” (1937/1976, p. 292/293). É através da associação livre que o falante produz material que pode permitir o descobrimento do conteúdo recalado falando através da vida do sujeito. O recalado é vivo e atuante, e é exatamente essa atuação que permite seu conhecimento. Isso quer dizer que “todos os elementos essenciais estão preservados; mesmo coisas que parecem completamente esquecidas estão presentes, de alguma maneira e em algum lugar, e simplesmente foram enterradas e tornadas inacessíveis ao indivíduo” (Freud, 1937/1976, p. 294).

Servindo-se das contribuições da linguística e do estruturalismo, Lacan diz: “o inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar” (Lacan, 1953/1986, p. 260). O capítulo em branco - a *falta* - inscreve-se, em primeiro lugar, no corpo, indicando que o sintoma histérico apresenta a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição. O ‘capítulo censurado’ inscreve-se no que pode ser chamado de documentos de arquivo como as lembranças da infância, a evolução semântica da linguagem e as acepções particulares a cada sujeito. As lendas

que contam sua história! Os traços presentes nas lembranças encobridoras, os erros de memória, e as distorções do trabalho do sonho, entre outros, também são documentos de arquivo.

Em suma, pode-se dizer que a psicanálise se vale de um paradigma indiciário<sup>11</sup> para produzir conhecimentos, por exemplo, servindo-se dos mitos e lendas presentes nas particularidades históricas de uma cultura; valendo-se também do modo como cada sujeito toma para si a cultura em que vive por meio da construção imaginária e simbólica da realidade objetiva e subjetiva; e, por fim, com base em todos esses indícios, busca construir no âmbito da escuta clínica uma verdade com estrutura de ficção acerca do sujeito que fala.

Foi em um ambiente de rupturas políticas, éticas e epistemológicas que Lacan disse que o discurso psicanalítico distanciado dos fundamentos freudianos não passa de um *vagido*, balbúcio de bebê. O que está em questão é restabelecer a originalidade do campo freudiano que para Lacan fundamenta-se em sua relação com a linguagem. Ele afirma que “a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização no ser” (Lacan, 1953/1986, p. 276). Essa concepção é radical, não só o inconsciente é estruturado como uma linguagem, como esta é condição da humanidade.

.....  
11 A esse respeito ver: Ginzburg, C. *O Queijo e os vermes*. São Paulo: companhia das Letras, 1987.

## 1.2 - A Identificação e as formações do inconsciente

Como o próprio Freud parece não se cansar de demonstrar, suas teorizações emanaram da prática clínica. Foi exatamente na experiência clínica com seus pacientes que Freud deparou-se com o fenômeno que ele nomeou por identificação – *identifizierung*. Ao que consta nas fontes consultadas acerca do sentido dessa expressão em alemão, ela carrega mais uma noção de processo que de um acontecimento acabado. É isso o que se pode encontrar nos escritos de Freud, seja na *Die Traumdeutung*, onde a identificação surge no processo de trabalho do sonho, seja nos casos clínicos, principalmente o Caso Dora,<sup>12</sup> onde a identificação opera no processo responsável pela escolha dos sintomas, seja, por fim, nas análises dos atos falhos e dos chistes nos quais a identificação também se faz presente.

Além disso, podemos apreender a relevância do processo identificatório nos movimentos que engendram os narcisismos primário e secundário e sua importância para a estruturação do Eu. Tal movimento tem participação privilegiada na elaboração da metapsicologia e, na virada de 1920, emerge como um dos elementos fundantes da constituição psíquica. Por isso nos deteremos em cada um desses degraus da construção freudiana.

.....  
12 Freud, S. Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria (1905). In: *Obras Completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

### 1.2.1 - A Identificação e a Interpretação dos Sonhos

No início de *A Interpretação dos Sonhos* (1900) Freud propõe elucidar os processos oníricos e afirma que apresentará “[...] provas de que existe uma técnica psicológica que torna possível interpretar sonhos, e que, se esse procedimento for empregado, todo sonho se revela como uma estrutura psíquica que possui um significado e que pode ser inserido como um ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília” (1900/1976, p. 01). Contudo, nessa mesma obra, antes de apresentar tais provas Freud expõe uma exaustiva revisão sobre a literatura científica que trata da problemática dos sonhos. Segundo suas pesquisas, os sonhos foram e talvez ainda sejam tratados como comunicação divina ou demoníaca. Apresentaram caráter premonitório e adivinhatório, mas não eram entendidos como atividade psíquica daquele que sonha. Como revelação dos deuses ou dos demônios os sonhos tinham sua origem fora do universo psíquico do sonhador.

Para Freud, “o ponto de vista pré-científico acerca dos sonhos adotado pelos povos da antiguidade estava, por certo, em completa harmonia com sua visão do universo em geral, que os levou a projetar no mundo exterior, como se fossem realidades, as coisas que de fato fruía à realidade apenas dentro de suas próprias mentes” (1900/1976, p. 05). De certo modo essa atribuição do sonho à vida psíquica do sonhador possibilitou uma série de estudos sobre os sonhos. Freud aponta como resultado desses estudos, em primeiro lugar, concepção de que as imagens oníricas mantêm

estreita relação com a vida de vigília, apesar de serem produções independentes desta. De acordo com esse ponto de vista, os sonhos são produções que se sustentam sobre os elementos apreendidos na vida em vigília, mas não se resumem a reproduzi-la. “Todo o material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho – tanto que, pelo menos, podemos considerar como fato indiscutível” (Freud, 1900/1976, p. 11).

A isso Freud acrescenta que a relação entre as imagens oníricas e a vida em estado de vigília não é evidente e nem se revela prontamente. Tal relação se revela mediante árduo trabalho de interpretação.

Ele apresenta quatro fontes dos sonhos, elencadas a partir das divergências encontradas nas discussões acerca deste assunto. As investigações sobre os sonhos estavam nas mãos das ciências biológicas e da psicologia. O resultado desse panorama é expresso nas seguintes hipóteses sobre as fontes dos sonhos: (A) estímulos sensoriais externos que podem interferir em nosso sono, sendo introduzidos nos sonhos; (B) estímulos sensoriais internos; (C) estímulos somáticos; (D) estímulos exclusivamente psíquicos.

É importante ressaltar que ao falar dos elementos psíquicos Freud faz uma diferenciação entre o que é reproduzido a partir da experiência e aquilo que ele chamou de sonhos por associação. Esta última categoria dá entrada para os elementos psíquicos inconscientes na formação dos sonhos.

É a partir dos estudos de Havelock Ellis (1899) que os sonhos passam a ser identificados como a expressão de “um mundo arcaico de vastas emoções e pensamentos imperfeitos” (Freud, 1900/1976, p. 62). Os sonhos portam um sentido desfigurado, travestido dos elementos psíquicos.

A essas características dos sonhos são acrescentadas duas discussões importantes. As temáticas tangenciam a preservação ou não da atividade intelectual na vida onírica e o caráter moral dos sonhos. Por um lado, Freud consegue alcançar consenso referente à manutenção da atividade intelectual no sono, ou seja, o que promove seus efeitos nos sonhos. Por outro lado, elenca uma série de fatores que insinuam a implicação do sujeito na produção de sonhos “ímorais”, ressaltando, ao mesmo tempo, a involuntariedade da produção nos sonhos.

Podemos afirmar que Freud adotara uma perspectiva psíquica sobre a fonte dos sonhos relacionando elementos da vida em vigília com elementos produzidos pelas funções psíquicas. Sobre a possibilidade de interpretação dos sonhos Freud diz que “é sempre possível ir até *certa* distância; suficientemente longe, de qualquer modo, para convencer-nos de que o sonho é uma estrutura com um significado e, em regra, bastante longe para obter um vislumbre de qual seja esse significado” (1900/1976, p. 560). Aí vemos como Freud não só sustenta que o sonho é uma estrutura, como afirma tratar-se de uma estrutura “provida de sentido”. A partir de tal afirmação pode-se pensar acerca da dimensão *linguagreira* do inconsciente. No que o sonho possui

sentido, é feito de linguagem, possui uma linguagem e pode ser tomado interpretativamente enquanto uma estrutura. O trabalho do sonho a partir dos mecanismos de condensação e deslocamento exige, para sua interpretação, que o sonho seja tomado pelo viés das suas produções metafóricas e metonímicas. Isso implica tomar o sonho em uma cadeia significante produtora de substituições metafóricas e deslizamentos metonímicos.

Acerca do tecido simbólico presente no sonho Freud ainda diz que “os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio” (Freud, 1900/1976, p. 560).

Mas Freud ainda salienta haver algo de impossível no sonho. Por melhor analisado que seja um sonho sempre fica um resto sem sentido, uma parte que resiste à simbolização e que aponta para os limites do sistema simbólico frente ao real. A essa parte Freud nomeou “umbigo do sonho, ponto onde ele mergulha no desconhecido” (Freud, 1900/1976, p. 560). Em suma, destacamos as seguintes características: os sonhos como produções da atividade psíquica; os sonhos relacionam-se com a vida em vigília do sonhador; os sonhos podem ser pelo menos parcialmente interpretados; os sonhos são modos de realização de desejo.

Sobre a importância do desejo na formação do sonho Freud relembra uma argumentação, oferecida por um de seus alunos, no mínimo interessante. Diz ele: “Eu mesmo não sei com que sonham os animais. Mas um provérbio, para o qual minha atenção foi despertada por um de meus alunos, alega realmente saber: ‘Com que’, pergunta o provérbio, ‘sonham os gansos?’ E responde: ‘Com milho’. Toda a teoria de que os sonhos são realizações de desejos se acha contida nessas duas frases” (Freud, 1900/1976, p. 141/142). Desse modo alegórico, Freud aponta a radicalidade de sua posição relativa à participação do desejo na formação e como realização do sonho. Para ele, os sonhos “[...] não são destituídos de sentido, não são absurdos; [...] Pelo contrário, são fenômenos psíquicos de inteira validade - realizações de desejos; podem ser inseridos na cadeia dos atos mentais inteligíveis de vigília; são produzidos por uma atividade mental altamente complexa” (1900/1976, p. 131).

Nesse contexto das produções de *A Interpretação dos Sonhos* [*Die Traumdeutung* – 1900] a identificação é apontada por Freud como elemento psíquico participante no trabalho do sonho. Além disso, em sua análise do Caso Dora, publicada em 1905 sob o título *Fragments da Análise de um Caso de Histeria*, Freud apresenta a identificação como algo subjacente à formação dos sintomas. Em *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1905) pode-se apreender a relação entre a identificação e a *intenção inconsciente* na formação das tiradas espirituosas. Assim, nos primeiros escritos de Freud, em sua visão topológica do psiquismo, a noção

de identificação aparece referida ao conflito psíquico, à pulsão e ao recalçamento. Através dos sonhos, dos sintomas, dos chistes e dos atos falhos Freud pôde supor a existência do inconsciente e ao descrever tais formações deparou-se com a identificação como fenômeno psíquico inconsciente a operar na cena psíquica. Desse modo, pode-se refletir sobre a identificação articulada ao processo produtor das formações do inconsciente.

Frente a esse intuito é importante considerar que o interesse de Freud pelos sonhos emerge de sua própria vida onírica e dos sonhos de seus pacientes, que, em função dos seus sintomas, comprometidos com a técnica da associação livre, eram orientados a comunicar seus pensamentos sobre todos os assuntos, incluindo os sonhos. Diz Freud:

Foi no decorrer desses estudos psicanalíticos que cheguei à interpretação dos sonhos. Meus pacientes comprometeram-se a comunicar-me todas as idéias e pensamentos que lhes ocorressem em relação com algum assunto específico; entre outras coisas, narraram-me seus sonhos e assim informaram-me que um sonho pode ser inserido na cadeia psíquica que tem de ser remontada na lembrança oriunda de uma idéia patológica (1900/1976, p. 108).

Com isso, Freud compreende que os sonhos são produtos psíquicos que podem ser originados das mesmas fontes dos sintomas, bem como dos atos falhos e chistes. Isso quer dizer que o interesse de Freud pelos sonhos emana da clínica. Em função dessa dimensão

clínica os sonhos são também pensados em sua relação com os sintomas que levam os pacientes à clínica psicanalítica.

Pois bem, nos três primeiros capítulos de *A Interpretação dos Sonhos* Freud ocupou-se em revisar as teorias sobre os sonhos, em apresentar sua técnica para a interpretação e, depois, em afirmar que todo sonho está diretamente comprometido com a formação e realização de desejos. Do quarto capítulo em diante, Freud, apesar de não abandonar a argumentação anterior, analisa os mecanismos presentes na formação dos sonhos, ou seja, ‘a psicologia dos sonhos’ propriamente dita. É nesse momento que o fenômeno da identificação emerge em *A Interpretação dos Sonhos* onde o termo ‘identificação’ é empregado por aproximadamente 26 vezes. Ao longo de toda a obra tal expressão parece adquirir sentidos relativamente distintos que, por sua vez, devem ser, tanto quanto possível, explicitados e analisados.

Ao discutir os mecanismos de distorção dos sonhos<sup>13</sup> Freud analisa um sonho de uma paciente com objetivo de sustentar a afirmação de que todos os sonhos são realizações de desejo. Em sua argumentação ele diz que sua paciente, no sonho em questão, se ‘identifica’ com uma amiga de quem tem ciúmes. Considerando a identificação,

[...] o sonho adquirirá nova interpretação, se supusermos que a pessoa indicada no mesmo não era ela própria, mas

.....  
13 No capítulo IV – A Distorção dos Sonhos – é que Freud utiliza pela primeira vez na *Die Traumdeutung* o termo “Identificação”. Porém, Freud já havia usado a expressão Identificação, no sentido considerado nesse trabalho, na Carta 58, de 8 de fevereiro de 1897.

a amiga, que ela se colocara no lugar da amiga, ou, como poderíamos dizer, que se ‘identificara’ com a amiga. Creio que ela havia de fato feito isso e a circunstância de haver provocado um desejo renunciado na vida real era prova dessa identificação (Freud, 1900/1976, p. 159).

A identificação toma importante lugar no processo de formação do sonho, por seu meio o trabalho do sonho opera o disfarce do desejo que se realiza no sonho. Por meio da identificação duas ou mais pessoas podem ser representadas no sonho através de uma só coisa que lhes é comum, ou uma pessoa pode ser representada por outra, etc. Nesse processo o traço comum possibilita a combinação das duas ou mais pessoas. “Essa figura, obtida por identificação ou por composição, fica então admissível ao conteúdo do sonho, sem censura, e assim, utilizando a condensação do sonho, atende às reivindicações da censura onírica” (Freud, 1900/1976, p. 342). E a figura composta serve exatamente à finalidade de causar suficiente distorção na representação do elemento proibido. O que é admissível no plano da consciência é o resultado de um trabalho que serve para atenuar o conflito psíquico. A pessoa ou conteúdo psíquico proibido pode, desse modo, acessar a consciência com a condição que sua representação não seja reconhecida. De certo modo, Freud define que essa figura única ou coisa resultante do processo de identificação tem a função de ser um elemento encobridor.

Assim, por meio da identificação podem-se obter frequentemente as condensações extraordinárias para o conteúdo do sonho.

Através da condensação é possível poupar representações diretas de situações muito complexas substituindo a representação de uma pessoa pela representação de outra relacionada ao tema em questão. A identificação serve, por um lado, ao trabalho da censura que impede o acesso da representação recalcada à consciência. Por outro lado, a identificação serve à economia psíquica ao favorecer certo modo de satisfação indireta do desejo inconsciente. Segundo Freud, “a identificação ou a produção de figuras compostas serve a várias finalidades nos sonhos: em primeiro lugar, para representar um elemento comum a duas pessoas, em segundo, para representar um elemento comum *deslocado*, e, em terceiro, também para expressar um elemento comum meramente impregnado de desejo” (1900/1976, p. 343).

A identificação é descrita em a Interpretação dos Sonhos como uma condensação que opera sobre a representação das pessoas. Por meio da identificação o sonhador pode se inserir em determinado conteúdo conflituoso de um sonho, driblando a censura e identificando-se com outra pessoa. Assim, a identificação produz conteúdos manifestos que podem acessar a consciência deixando suprimidas as imagens não aceitas pela censura. “Por meio de várias dessas identificações torna-se possível condensar um volume extraordinário de material do pensamento” (Freud, 1900/1976, p. 344). Desse modo, toda espécie de material psíquico relacionado ao sonhador pode ser representada por meio da identificação e produzir conteúdo manifesto no sonho sem que o sonhador seja

desperto. Tal capacidade de associar várias representações resulta no hiato, descoberto por Freud, entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto, caracterizando o aspecto lacônico do sonho e garantindo um mascaramento mínimo necessário à manutenção do sonho.

### 1.2.2 - A Identificação e a formação dos sintomas histéricos

Tanto a identificação que ocorre no sonho quanto a identificação presente na formação do sintoma histérico repousa sobre o fantasma inconsciente presente na constituição do sujeito. Enquanto no sonho a identificação produz cenicamente uma figura alucinada desse fantasma, na formação do sintoma a identificação o repete de modo dramático no real do corpo.

O fenômeno da identificação adquire tal importância na etiologia dos sintomas histéricos que Freud percebe a necessidade de diferenciá-la da “simples imitação”. Sobre a diferença entre imitação e identificação Florence (2005) aponta que o que está em jogo na imitação é um modelo, um herói; já na identificação o que opera é da ordem de uma significação inconsciente. Diz ele: “Compreendemos que a identificação dramática põe em causa as pulsões e funciona a partir dos seus signos, de seus ‘derivados’ que conseguem driblar a censura [...] Imitamos um eu constituído; identificamo-nos ao que se passa *entre* sujeitos nas garras das pulsões” (Florence, 2005, p. 56).<sup>14</sup> Nesse sentido, o traço fundamental que

14 Original em francês: “Mais on comprend que l'identification dramatique met en cause des pulsions et fonctionne à partir de ses signes, de ses ‘rejetons’ qui réussissent à tromper la censure”.

diferencia a identificação da imitação é o fato de a identificação dizer respeito obrigatoriamente a um processo inconsciente.

A identificação “consiste na dedução inconsciente de uma inferência” (Freud, 1900/1976, p. 159). Nesses termos, um determinado sujeito infere algo sobre a etiologia dos sintomas histéricos do outro e desenvolve, em seguida, o mesmo sintoma, uma vez que passou ou passa pela mesma experiência que, em sua concepção, desencadeou o sintoma em seu semelhante. Toda essa ocorrência deve-se a processos identificatórios inconscientes. Certamente essa é a primeira tentativa freudiana de conceituar o fenômeno da identificação. Mas como se pode observar em sua obra, nesse momento Freud não desenvolve mais o conceito, ele abandona momentaneamente a conceituação e busca a exemplificação como recurso discursivo. Contudo, a principal característica da identificação é dada de modo aparentemente desprezioso na frase “[...] consiste na dedução inconsciente de uma inferência”. Se há algo que diz respeito ao fenômeno da identificação é que se trata sempre de processos inconscientes. Essa afirmação é de inegociável radicalidade. Portanto, aí está a identificação como fenômeno inconsciente e, por isso mesmo, diferencia-se substancialmente da imitação. Nesse sentido a identificação surge como o processo psíquico subjacente à imitação ou à ‘infecção psíquica’. “A identificação não constitui uma simples imitação, mas uma *assimilação* à base de uma etiologia semelhante; ela expressa uma semelhança e se origina do elemento comum que permanece no inconsciente” (Freud, 1900/1976, p. 160).

Nesses termos, a identificação tem importante papel na formação dos sonhos e na etiologia dos sintomas histéricos.

Em consequência, podemos pensar a clínica psicanalítica em termos da clínica das identificações, o analista está sempre às voltas com uma questão acerca do objeto identificatório que estaria em operação na formação, por exemplo, da angústia, nas repetições neuróticas, nos sonhos, nos sintomas, nos atos falhos, nos chistes e, sobretudo, no fenômeno da transferência.

Em Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria (1905) Freud aproveita a abundância dos sintomas produzidos por Dora para demonstrar que, na histeria, o sintoma diz respeito à apresentação de um fantasma sexual. Entendendo a sexualidade em seu sentido estrutural pode se dizer que no sintoma está em jogo a mobilização de componentes infantis que seguem vias traçadas no corpo segundo um traçado erógeno primitivo privilegiado. “Assim o sintoma histérico, como cena fixada, se produz em referência às outras pessoas à imagem dos protagonistas do cenário sexual de seu fantasma” (Florence, 2005, p. 25).<sup>15</sup> Na análise de Dora, pode-se apontar um importante elemento em seu psiquismo: o que constitui a estratificação de seu desejo é em efeito a identificação com seu pai.

Os sintomas de Dora são utilizados como pretexto para a realização de desejos secretos, ela se vê em seu pai, em Madame K e em sua prima. A identificação opera como uma máscara, sob

15 Original em francês: “Ainsi le symptôme hystérique, comme scène figée, se produit-il *par références à d'autres personnes* figurant les protagonistes scénario sexuel de son fantasma”.

seus efeitos Dora dissimula e torna-se cega aos seus incessantes desejos inconscientes. Nesta operação Dora, por um lado, é serva de um Eu que não quer saber de nada e, por outro lado, é serva de pensamentos inconscientes metaforizados sintomaticamente, sua doença expressa gozo e punição. “Lá onde ela proclama ser traída, ela se trai. Sua aparente passividade retorna em atividade que afeta a ela mesma” (Florence, 2005, p. 28).<sup>16</sup> Dora, ao desenvolver a tosse, denuncia em um único sintoma seu duplo pertencimento sexual e uma antiga fantasia oral.

Na histeria, a identificação desenvolve-se em ato por meio de efetiva realização do desejo que vai além da completude alucinatória, ato que transborda os limites do corpo, perturba o funcionamento dos órgãos que, então, falham. Partindo da identificação, o sintoma histérico metaforiza no corpo a realização do desejo. Se o sonho ultrapassa os contornos da percepção da realidade, o sintoma histérico ultrapassa os limites do corpo, do qual se serve para colocar em jogo os elementos identificatórios que o constituem. Portanto, seja na formação dos sonhos, seja nos sintomas históricos, as funções da identificação são evitar demasiado conflito psíquico, enganar a censura e possibilitar alguma forma de satisfação do desejo inconsciente.

.....  
16 Original em francês: “Là où elle proclame être trahie, elle se trahit. Son apparente passivité se retourne en activité qui l’affect elle-même”.

### 1.2.3 - Identificação, atos falhos e chistes

Além de deparar-se com o processo identificatório na formação dos sonhos e na produção dos sintomas histéricos, Freud aponta a identificação também em outras formações do inconsciente. Em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/1976), Freud fala sobre os *atos sintomáticos* que, segundo ele, expressam algo do qual o sujeito não suspeita e não pretende conscientemente comunicar. Contudo, algo falha em sua comunicação e de modo sutil ele acaba comunicando pensamentos, desejos, etc., que não intencionava comunicar.

Freud nos dá vários exemplos desses atos falhos e de como a identificação opera neles.

Uma identificação semelhante através da troca de nomes foi-me narrada por um jovem médico. Tímida e reverentemente, ele se apresentara ao famoso Virchow, dizendo 'Dr. Virchow'. O professor voltou-se surpreso e perguntou: 'Ah, o senhor também se chama Virchow?' Não sei como o jovem ambicioso justificou tal lapso de língua - se recorreu à desculpa lisonjeira de que se sentira tão insignificante diante do nome importante, que teve de esquecer seu próprio nome, ou se ele teve a coragem de admitir que desejava tornar-se um homem tão importante como Virchow, e de pedir ao professor que não o tratasse com tanto desprezo por causa disso (1901/1976, p. 113).

Nessa passagem pode-se observar que a identificação participa no processo formador do que Freud chamou de ato falho. Um conteúdo proibido, tornado inconsciente pela força do recalque, retorna e, ali onde a consciência falha, o sujeito do inconsciente fala, o ato falho do jovem médico fala e como fala! Fala o que o jovem não podia admitir, fala de sua admiração, talvez de sua inveja, fala de seu desejo de ser como o famoso médico e sabe-se do que mais se fala aí. Para Freud evidencia-se o desejo do jovem médico ser como o famoso Dr. Virchow e de não ser tratado com desprezo pelo mesmo. Certamente em um processo de análise tal ato falho poderia ser pensado em maior profundidade. Cavando mais fundo quem poderia prever o que haveria de emergir dali? Qual fantasma sustentaria a identificação do jovem médico com o famoso Dr. Virchow? Mas ao que parece o jovem médico não forneceu tal informação.

Além desse exemplo, Freud ainda relata o caso de outro médico que

aos oito anos, impressionou-se quando um menino mais velho lhe disse que o médico tinha hábito de ir para a cama com suas pacientes. Certamente havia alguma base real para esse boato; em todo caso, as mulheres da vizinhança, inclusive a própria mãe do sujeito, estavam muito afeiçoadas ao médico bonito e jovem. O próprio sujeito em diversas ocasiões já experimentara tentações sexuais em relação às suas pacientes; apaixonara-se por elas duas vezes e finalmente se casara com uma paciente.

Difícilmente pode ser posto em dúvida que sua identificação inconsciente com o médico foi o motivo principal para ele adotar a profissão médica. Outras análises nos fazem supor que indubitavelmente este é o motivo mais frequente (apesar de ser difícil determinar a frequência). No presente caso havia uma determinação dupla: primeiro, pela superioridade do médico em várias ocasiões sobre o pai, do qual o filho sentia muito ciúme, e, segundo, pelo médico ter conhecimento de assuntos proibidos e oportunidades para satisfação sexual (1901/1976, p. 241).

Nesses exemplos vemos a identificação operando de modo inconsciente tanto na escolha da profissão como na relação do sujeito com suas pacientes e na escolha da parceira de matrimônio. Além disso, Freud já indica como a identificação se articula com os conflitos parentais na experiência edipiana: o médico em questão escolhera sua profissão, por um lado, identificado com o médico de sua infância, por outro lado, por perceber a superioridade do médico em relação a seu próprio pai. Por via de processos identificatórios inconscientes o jovem médico escolhera sua profissão. Também por via dos mesmos processos ele realizara certo enfrentamento da autoridade paterna frente aos ciúmes que sentira do pai em relação à mãe no conflito edipiano.

Por ora interessa-nos apreender no percurso de Freud as articulações entre os processos identificatórios e as formações do inconsciente e, desse modo, discutir como essas últimas participam diretamente na descoberta freudiana do inconsciente.

A apreensão dos processos identificatórios mostra com que amplitude e sutileza atos falhos, sintomas, sonhos e chistes, por vezes, acontecimentos insignificantes, são determinados por pensamentos inconscientes. Jean Florence diz que “a troca de um bom chiste se compreende doravante como a mudança mascarada dos desejos, como colocar em comum tensões subjetivas simbolizadas, como partilha da miséria da dura existência. A identificação se oferece como a mediação dessa troca” (Florence, 2005, p. 40).<sup>17</sup>

Portanto, seja alucinatoriamente no sonho, seja dramaticamente na histeria, a identificação opera inconscientemente uma representação imaginária de comunhão mal-reconhecida pelo sujeito que sonha e faz sintoma. Já no chiste, a identificação

assegura uma solidariedade, condiciona o sucesso da comunicação de uma mensagem inconsciente e produz uma comunhão – efêmera –, mas efetiva. Graças a essa identificação – essa transferência de desejos – tem lugar uma sorte de pacto inconsciente cujo signo consciente é o riso (Florence, 2005, p. 42).<sup>18</sup>

.....  
17 Original em francês: Ainsi l'échange d'un bon mot se comprend-il désormais comme l'échange masqué des désirs, comme la mise en commun des tensions subjectives symbolisées, comme un partage des misères de la dure existence. L'identification s'offre comme le 'médium' de cet échange”.

18 Original em francês: “[...] assure une solidarité, conditionne la réussite de la communication d'un message inconscient et produit une communauté - éphémère, puisqu'elle dure ce que dure le jaillissement du trait d'esprit -, mais effective. Grâce à cette identification - ce transferts des désirs - a lieu un sorte de *pacte inconscient* dont le signe conscient est le rire ”.

Na formação do sintoma histérico, a identificação realiza de modo simbólico um compromisso entre uma tendência sexual e a proibição moral. Do mesmo modo, o sonho, através da identificação, realiza um desejo, igualmente censurado no psiquismo consciente. O ato falho parece ir pela mesma via, ou seja, comunica através de um ato sintomático um conteúdo do qual o sujeito não tem conhecimento consciente e que, portanto, não pretendia comunicar. Já o chiste, segundo Freud,

[...] é a mais social de todas as funções mentais que objetivam a produção de prazer. Convoca frequentemente três pessoas e sua completação requer a participação de alguém mais no processo mental iniciado. Está, portanto, preso à condição da inteligibilidade; pode utilizar apenas a possível distorção no inconsciente, através da condensação e do deslocamento, até o ponto em que possa ser reconstruído pela compreensão da terceira pessoa (1905/1976, p. 204/205).

Assim, podemos apontar que ao investigar o psiquismo Freud deparou-se com os processos identificatórios operando de modo fundamental nas formações do inconsciente. Contudo, nessa fase de sua produção teórica, Freud não conceituou a identificação, a despeito de tê-la demonstrado. Será necessário percorrer toda sua metapsicologia e as proposições sobre o problema da formação do Eu para então, na segunda teoria do aparelho psíquico, apreender as implicações da identificação de modo mais abrangente na teoria freudiana.

### 1.3 – O processo de identificação e a metapsicologia freudiana

Ao deparar-se com o fenômeno da identificação no trabalho do sonho, na formação dos sintomas, nos atos falhos e nos chistes, Freud desenvolve a elaboração de uma metapsicologia, buscando sistematizar essa gama de processos psíquicos. Além disso, “o enriquecimento do material analítico propiciado pela análise de fobias, de neuroses obsessivas e de psicoses vão fundir o trabalho da identificação aos problemas da ambivalência, do totemismo, da castração e da morte” (Florence, 2005, p. 59).<sup>19</sup>

Na segunda fase da produção teórica de Freud,<sup>20</sup> pode-se apreender a identificação como categoria conceitual complexa, com articulações e implicações por vezes confusas e paradoxais. Nesse momento da obra, Freud aborda a questão da identificação relacionada ao objeto e ao narcisismo. Em Leonardo da Vinci e uma Lembrança de infância (1910) Freud propõe o narcisismo em implicação direta com identificação. Em À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914), Freud postula ser por meio da identificação com os pais ou substitutos que o sujeito se constitui ao realizar uma escolha de objeto por apoio, contrária à escolha narcísica de objeto: o narcisismo é superado pela identificação. Já em a História

.....  
19 Original em francês: “[...] l’enrichissement du matériel analytique procuré par l’analyse des phobies, des névroses obsessionnelles et des psychoses vont mêler le travail de l’identification aux problèmes de l’ambivalence, du totemisme, de la castration et de la mort”.

20 Aproximadamente entre 1914 e 1920.

de uma neurose infantil (1918), Freud propõe que a identificação emerge como uma maneira narcísica de administração libidinal.

Antes disso, em 1910 ao tentar entender como a condição sexual de Leonardo da Vinci repercutia nas possibilidades de sua criação artística, Freud propõe que Da Vinci era homossexual e possuía grande capacidade de sublimação. Nesta dinâmica, é ao investigar como se dá a psicogênese desse homossexualismo que narcisismo e identificação emergem como categorias importantes.

Esse movimento de identificação é sistematizado em textos metapsicológicos posteriores. A substituição de catexias objetais por identificações é inicialmente explicitada em 1917 na obra *Luto e Melancolia* e é tomada como um procedimento fundamental para o psiquismo.

Em *Um caso de Paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença* (1915), a identificação é pensada como fenômeno psíquico possibilitador da superação de uma escolha sexual narcísica. É importante notar que o referido artigo foi publicado após a publicação de *À Guisa de introdução ao Narcisismo* em 1914, texto capital para a discussão da identificação. Freud propõe que, por ter-se colocado no lugar da mãe, a paciente pode relacionar-se com homens e deslizar de sua posição homossexual para uma posição heterossexual. Dito de outra maneira: foi através da identificação que a paciente pôde abandonar objetos homossexuais, eleição esta que repousa em uma base narcisista, relacionando-se então com pessoas do sexo oposto. Essa resolução tornou-se possível devido

ao fato de que a identificação é a maneira mais antiga de promover um vínculo emocional, daí provém a dimensão regressiva própria desse fenômeno. Desse modo é possível afirmar que uma escolha objetal narcisista foi superada pela identificação.

Uma terceira concepção pode ser apreendida em um texto escrito em 1914 e publicado em 1918, denominado de História de uma neurose infantil. O caso apresentado nessa obra, um dos mais extensos e complexos exemplos clínicos de Freud, é fruto de uma análise que se desenrolou por mais de quatro anos. O sujeito desta análise ficou conhecido na literatura psicanalítica como Homem dos Lobos, o caso apresentado não abordava diretamente os sintomas neuróticos atuais do paciente, mas sim as manifestações neuróticas da sua infância.

Diante da impossibilidade de vinculação objetal é realizada uma identificação, que no caso do Homem dos Lobos apresentou a especificidade de não ser em relação ao objeto perdido, mas sim de renovar uma identificação primitiva, a primeira possibilidade de relação com um objeto (Freud, 1921). Nesse contexto vale salientar que o investimento libidinal em uma identificação é essencialmente narcisista.

Em resumo, acerca do desenvolvimento do conceito de identificação, pode-se encontrar na segunda fase da obra freudiana pelo menos três diferentes proposições. Em 1910 a identificação é apontada como fenômeno psíquico norteador do modo narcísico de escolha objetal, pois foi ao identificar-se com a mãe que Leonar-

do da Vinci pode amar sujeitos semelhantes a ele mesmo. Nesse momento a identificação surge como substituição de relações objetais impossíveis de serem mantidas. Em 1915 a identificação é tomada por Freud como elemento possibilitador da mudança de uma escolha objetal narcísica e, portanto, abandono da posição homossexual. Por fim, em 1918, O Homem dos Lobos, após as ameaças de castração, escolhe seu pai como objeto, atualizando assim uma primitiva forma de relação, ou seja, uma identificação narcísica. Isso nos permite afirmar que, nesse momento, Freud entende que a identificação emerge como uma maneira narcísica de administração libidinal.

#### **1.4 – A identificação e o desenvolvimento da libido**

Florence (2005) aponta a dificuldade cada vez maior para se estabelecer uma ordenação cronológica da construção freudiana sobre o conceito de identificação. Além das contribuições e novas reflexões advindas da clínica, surge a necessidade de reafirmar com clareza a importância da teoria da sexualidade, da etiologia sexual das neuroses e do complexo de Édipo em função das deserções de Adler (1911), Stekel (1912) e de Jung (1913). Diante disso, a identificação é conceituada em meio a repetições, revisões, hesitações e antecipações próprias a toda reflexão teórica-clínica, o que torna pouco produtivas tentativas de se estabelecer um ordenamento linear da elaboração do conceito de identificação.

A investigação freudiana sobre o desenvolvimento sexual insere o conceito de identificação no contexto de uma reconstrução genética do desenvolvimento das pulsões. É no interior do esforço para restituir conceitualmente o desenvolvimento da sexualidade que vai operar a inserção do conceito de identificação em outro espaço teórico além daquele proposto nos estudos acerca dos sonhos e dos sintomas. “Momento mítico onde o que será ‘um corpo’ se esboça na dispersão de zonas erógenas e nas pulsações do desejo” (Florence, 2005, p. 62).<sup>21</sup>

A respeito da relação entre o processo de identificação e o desenvolvimento da sexualidade Freud diz:

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a *oral*, ou, se preferirmos, *canibalesca*. Aqui, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na *incorporação* do objeto - modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da *identificação*, um papel psíquico tão importante. Um vestígio dessa fase construída de organização, que somos forçados a perceber pela patologia, pode ser visto na sucção do polegar, em que a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, substitui o objeto estranho por outro situado no próprio corpo do paciente” (Freud, 1905/1972, v. VII, p. 204).

.....  
21 Original em francês: “Moment mythique où ce qui sera un ‘corps’ s’ébauche dans la dispersion des zones érogènes et les battements du désir”.

Freud se refere ao primeiro momento de organização da sexualidade nominando-o de *fase oral canibalesca*. Mas o que caracteriza esse momento de organização? A pulsão, segundo Freud, é composta por objeto, pressão, meta e fonte. Na citação de *Três Ensaíos* referida acima ele diz que na fase *oral canibalesca* a atividade sexual ainda não se separou da atividade de nutrição. Nessa fase *canibal* a boca é a única via aberta por onde ambas as atividades se exercem. Pela boca a atividade de nutrição é sexualizada, pela boca a sexualidade nascente se impõe à carne no encontro com o seio que verte leite e prazer. “Duas atividades; o objeto de uma é também o objeto da outra” (Florence, 2005, p. 62).<sup>22</sup> O objetivo da alimentação é a ingestão do leite para diminuir temporariamente a tensão da fome, o objetivo da atividade sexual é a incorporação do objeto.

Mas o que tem de psíquico na incorporação? Seu elemento psíquico é a sexualidade. A observação da sucção, do ato de chuchar permite evidenciar a relação intrínseca entre as atividades alimentar e sexual, exercidas pela via oral. “O dedo sugado, funcionando como um substituto do seio, não vem consagrar a perda definitiva do objeto comum às duas atividades e abrir, desunindo essas atividades, a série de objetos sexuais, a começar por uma parte do corpo próprio, etc.” (Florence, 2005, p. 63).<sup>23</sup>

.....  
22 Original em francês: “Deux activités; l’objet de l’une est aussi l’objet de l’autre”.

23 Original em francês: “Le doigt sucé, fonctionnant comme substitut du sein, ne vient-il pas consacrer la perte définitive de l’objet commun aux deux activités et ouvrir, en désolidarisant ces activités, la série des objets nommément sexuels, à commencer par un morceau du corps propre, etc”.

Há certas relações do tipo anaclítico, ou seja, relações de apoio do sexual sobre o *não sexual* que se fundam sobre o fato de terem inicialmente o mesmo objeto. Somente após a ruptura dessa comunhão de objetos é que emerge o sexual na forma de auto-erotismo. Essas linhas de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905) merecem toda nossa atenção, pois anunciam o caráter polimorfo e multi-dimensional da identificação. Além disso, no bojo dos estudos contidos nos três ensaios, ao pensar a hiância entre biológico e psíquico no campo da sexualidade, Freud pôde estabelecer a sexualidade como motor da gênese psíquica.

A atividade psíquica consecutiva à fase oral não recebe do seu primeiro regime de funcionamento a marca de seu destino ‘canibal’? Amar, é devorar. Amar, é assimilar o objeto. Tais seriam as formas ‘orais’ do amor e da atividade sexual em regime primitivo. Esse é o sentido da relação de um processo dito ‘prototípico’ e um processo mais tardio. Se toda atividade de amar fica marcada de oralidade, *a identificação aparece como uma elaboração psíquica da sexualidade oral: ela ‘oralisa’ ou ‘canibalisa’ o objeto de amor*. E ver, sentir, tocar, acariciar, falar na medida em que são sexualizadas obedecem à *esse objetivo sexual incorporativo*. O canibalismo psíquico seria, desse modo, o objetivo sexual originário e permanente, imprimindo ao movimento das fases de

organização ulteriores sua marca arcaica (Florence, 2005, p. 63/64<sup>24</sup>).

O terceiro capítulo de Leonardo da Vinci uma Lembrança de sua Infância é fundamental para pensar a relação entre identificação e narcisismo.<sup>25</sup> Nesse texto Freud apresenta as teses que constituem uma preparação imediata do texto de 1914, À Guisa de introdução ao Narcisismo. A discussão sobre os avatares das escolhas sexuais de Leonardo aponta diretamente para a relação entre identificação e narcisismo. Para Florence, “é surpreendente que a noção de identificação não apareça uma só vez no texto teórico sobre o narcisismo, quando é sabido que Freud já havia reconhecido que a identificação é um destino radiante da libido narcísica” (1984, p. 66).

- .....
- 24 Original em francês: “[...] l’activité psychique consécutive à la phase orale ne reçoit-elle pas de ce premier régime de fonctionnement la marque de son destin ‘cannibale’? Aimer, c’est dévorer. Aimer, c’est assimiler l’objet. Telles seraient les formules ‘orales’ de l’amour et de l’activité sexuelles dans son régime primitif. C’est le sens de la relation d’un processus dit ‘prototypique’ à un processus plus tardif. Si toute activité d’aimer reste marquée d’oralité, *l’identification apparaît comme une élaboration psychique de la sexualité orale: elle ‘oralise’ ou ‘cannibalise’ l’objet d’amour.* Et voir, sentir, toucher, caresser, parler dans la mesure où ils sont sexualisés obéissent à *cet but sexuel incorporatif*. Le cannibalisme psychique serait ainsi le but sexuel originaire et permanent à la fois, imprimant au mouvement des phases d’organisation ultérieures sa marque archaïque”.
- 25 Na teoria freudiana sobre narcisismo as questões relativas ao *Eu ideal* e ao *ideal do Eu* são fundamentais, por isso optou-se em trabalhá-las separadamente na parte 2.5 - Do ideal do Eu ao Eu ideal: dever ser e sonho de ser.

Em 1905, Freud aponta a escolha de objeto como algo que opera de modo decisivo na constituição do psiquismo. Nesse sentido destaca a importância da relação entre a identificação e o narcisismo, ambos relacionados à estruturação psíquica. “A função sexual da fantasia é fornecer os objetos imaginários – objetos substitutos – à pulsão sexual em plena reorganização, a função da identificação se articula a esse trabalho de escolha do objeto” (Florence, 2005, p. 65<sup>26</sup>).

### 1.5 – O processo de identificação e a constituição psíquica

A partir da década de 1920, articulando sua segunda teoria do aparelho psíquico, Freud reafirma a identificação como a base do processo de constituição do Eu e do Supereu. O Eu é constituído à base de identificações com objetos de amor, inclusive com objetos perdidos. Já o Supereu é constituído com base na internalização das figuras de autoridade externa. Nesse momento a identificação é tomada como processo constitutivo do psiquismo, cujo início data do nascimento e “é uma forma muito importante de vinculação com outra pessoa, provavelmente a primeira forma” (Freud, 1932[1933]/1976, p. 82). Assim, a identificação opera processualmente na constituição do Eu, pela via da identificação a criança introjeta seus primeiros objetos de amor e pode, assim, desligar-se deles.

.....  
26 Original em francês: “La fonction sexuelle de la fantaisie (du fantasme?), est de fournir des objets imaginaires - objets-substituts - à la pulsion sexuelle en pleine réorganisation, La fonction de l'identification s'articule à ce travail du choix d'objet”.

A identificação possibilita ao psiquismo primitivo aceitar perder seus objetos primários.

Freud diz que

identificações desse tipo, cristalização de catexias objetais a que se renunciou, repetir-se-ão muitas vezes, posteriormente, na vida da criança; contudo, está inteiramente de acordo com a importância afetiva desse primeiro caso de uma tal transformação o fato de que se deve encontrar no ego um lugar especial para seu resultado (1932[1933]/1976, p. 83).

Além disso, Freud argumenta que a constituição do Superego opera psiquicamente como “veículo da tradição”. Tradição aqui é tomada com todo seu peso, trata-se de modos de delineamentos do comportamento social. Freud chega a afirmar que tal compreensão ajuda a pensar o problema da delinquência. Ele diz que

o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração. Facilmente podem adivinhar que, quando levamos em conta o superego, estamos dando um passo importante para a nossa compreensão do comportamento social da humanidade - do problema da delinquência, por exemplo - e, talvez, até mesmo estejamos dando indicações práticas referentes à educação (1976/1932, p. 87).

Em sua célebre resposta à carta de Albert Einstein intitulada *Por Que a Guerra?* Freud propõe que “[...] se o desejo de aderir à guerra é um efeito do instinto destrutivo, a recomendação mais evidente será contrapor-lhe o seu antagonista, Eros” (1933[1932]/1976, p. 255). Partindo dessa ideia Freud fala em vínculos emocionais de duas naturezas. Primeiro, podem ser relações objetais inibidas em sua finalidade sexual. O segundo tipo desses vínculos são exatamente as identificações. Pois estas podem levar os homens a compartilhar interesses e a experimentar certa comunhão de sentimentos. No decorrer da história constatamos que a guerra, de fato, mostrou-se inevitável e que seu caráter marcadamente segregacionista aponta para processos de identificação. De um lado, um povo que se considerava superior e, pela via da identificação, sentia-se ameaçado pelo que era considerado diferente. De qualquer modo, para fins da nossa discussão, devemos considerar com Freud que a estrutura da sociedade humana, com seus conflitos e contradições, baseia-se em grande escala nas identificações.

Os conflitos que se desenvolvem no psiquismo, oriundos dos investimentos pulsionais e da regulação coletiva, são fundamentais para o estudo em questão, mas não basta pensar nos conteúdos permitidos ou recalcados, é necessário voltar à atenção para aquilo que age no sentido de inibir a livre satisfação pulsional. Se há no aparelho psíquico a pressão das pulsões que buscam satisfação, há também uma força reguladora de tais exigências, de tal forma que o aparelho psíquico, mais especificamente o Eu, sofre certa divisão

e uma parte sua se coloca como instância de proibição e de imperativos. A partir da compreensão desse conflito entre a satisfação da pulsão e seu recalçamento Freud pôde fazer a afirmação abaixo:

Os seres humanos adoecem de um conflito entre as exigências da vida instintual e a resistência que se ergue dentro deles contra esta; e nem por um momento nos esquecemos dessa instância que resiste, rechaça, reprime, que consideramos aparelhada com suas forças especiais, os instintos do ego (Freud, 1933 [1932]/1976, p. 75).

Essa instância que se ergue no interior do Eu, chamada por Freud de Supereu, em determinado momento do desenvolvimento passa a desempenhar o papel anteriormente desempenhado pela autoridade dos pais.

### 1.5.1 - Supereu:<sup>27</sup> *pathos*, sombrio e sublime

Enquanto categoria teórica, o Supereu foi formulado por Freud na segunda teoria do aparelho psíquico, sua apresentação conceitual é inaugurada no texto O Eu e o Id (1923) e retomada nos textos seguintes, na virada da década de 1920. Mas antes de buscarmos nesses textos a construção do conceito de Supereu vejamos como seus rudimentos nocionais já estão presentes tanto nas primeiras experiências clínicas, quanto nas elaborações teóricas inaugurais

.....  
27 Ao longo de todo esse texto, frente ao problema da tradução dos termos *das Ich*, *das Es* e *Über-Ich*, optei pelos termos Eu, Isso e Supereu. Contudo, nas citações literais da edição standard das Obras Completas de Sigmund Freud mantive os termos Id, Ego e Superego.

de Freud. A psicanalista argentina Marta Gerez-Ambertin (2006; 2009) chama a atenção para os rudimentos do Supereu presentes nos primeiros casos clínicos e nos primeiros escritos teóricos de Freud, onde o termo Consciência Moral pode ser apreendido como expressão primitiva do Supereu.

No Projeto para uma psicologia científica Freud diz que “o desamparo inicial do ser humano é a fonte primordial de todos os motivos morais” (Freud, 1950[1895]/1977, p. 422). Nos Extratos dos documentos dirigidos a Fliess, especificamente na carta 71, Freud se serve da tragédia de *Hamlet* e afirma que “sua consciência moral é o seu sentimento inconsciente de culpa” (Freud, 1950[1892-1899]/1977, p. 359). Nessas publicações pré-psicanalíticas Freud já afirmava que a trilogia originária parricídio, culpa e autopunição prevalece na posterior formação da Consciência Moral. Esta trilogia comparece nos primeiros casos clínicos de Freud por meio dos sintomas, dos chistes, dos atos falhos e dos sonhos presentes no discurso dos seus primeiros analisantes numa época em que a Consciência Moral possuía existência apenas nocional. Na carta 64, de 31 de maio de 1897, Freud fala à Fliess de seus pressentimentos e diz que muito em breve descobrirá a origem da moralidade. Além disso, as correspondências com Fliess nesse período demonstram como Freud deparou-se com a Consciência Moral na análise de seus próprios sonhos, no discurso dos primeiros pacientes, na literatura e em suas primeiras elaborações teóricas. No rascunho N, anexo à carta 64, ele fala sobre os impulsos hostis contra os pais como ele-

mento integrante das neuroses. As fantasias inconscientes ligadas ao parricídio são propostas como parte dos elementos formadores dos sintomas neuróticos. Pode-se ver como Freud foi tateando a noção de Consciência Moral em uma tessitura que inclui em suas malhas o parricídio e o incesto que inicialmente surge na clínica e nos sonhos do próprio Freud como hostilidade para com os pais.

Partindo da constatação clínica da hostilidade aos pais, triilhando os destinos do complexo de Édipo, decifrando o sentido dos sintomas e das demais formações do inconsciente, Freud serve-se de seis categorias que se “entrecruzam para dar o perfil da constelação do Supereu, prestes a advir: Tabu, Consciência Moral, Imperativo Categórico, Culpa, Punição e Angústia” (Ambertín, 2009, p. 56). Essa tessitura freudiana pode ser apreendida tanto nos trabalhos iniciais de Freud, como já foi apontado, quanto nos trabalhos das duas primeiras décadas do século XX, seja nos casos clínicos, seja nas elaborações teóricas. Em *À Guisa de introdução ao Narcisismo* (1914) por meio da noção de Ideal do Eu Freud dá um passo a mais na conceituação do supereu. Nesse momento, o Ideal do Eu, por um lado, tem a função de velar pela satisfação narcísica e, por outro lado, é o responsável pelas mais atrozés críticas ao Eu.

Em *Luto e Melancolia* (1917), segundo os comentários editoriais de James Strachey, considerado um complemento do trabalho introdutório sobre o narcisismo, vemos como o Eu, empobrecido, divide-se e uma parte atua contra si próprio. Na melancolia, “o Eu se autodeprecia e se enfurece consigo mesmo” (1917/2006, p. 115).

Diante do fenômeno clínico da melancolia Freud admite dar um passo a mais na compreensão dessa divisão do Eu. Nesse momento, evidencia-se, sobretudo, o modo como Freud alinhava o mais sublime e o mais sombrio da alma humana – o primeiro pela via da consciência moral, o segundo pela via da crítica furiosa – fazendo ambos derivarem do *phatos*.

A essa altura Freud já bate à porta das descobertas apresentadas em *Além do princípio de prazer* (1920), onde a pulsão de morte pode ser pensada como uma das fontes das exigências e imperativos dessa instância que se separa e se volta contra o Eu. Todo esse percurso vai desembocar no capítulo XI de *A Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921) no qual *Uma gradação diferenciadora no ego* conquista lugar definitivo no pensamento de Freud. O “agente crítico” é proposto como Ideal do Eu e pode, em determinadas condições, ser substituído pelo líder e explicar, segundo Freud, a psicologia das massas.

Em *o Eu e o Id* (1923) e em *A Dissolução do complexo de Édipo* (1924), Freud descreve o processo de dissolução do complexo de Édipo ressaltando que seus derivados deixam restos durante toda a vida do sujeito. O processo demonstrado por Freud parte da organização fálica, atravessa as experiências edípicas, depara-se com a ameaça de castração e, via identificações, forma o Supereu e entra no período de latência. Após a descrição desse processo ideal Freud diz que “se o ego, na realidade, não conseguiu muito mais que uma repressão do complexo, este persiste em estado

inconsciente no id e manifestará mais tarde seu efeito patogênico” (1924, p. 222). O Supereu é formado, então, com base em processos identificatórios inconscientes que ocorrem como uma saída frente aos desejos edípianos—incesto e parricídio—e a ameaça de castração. Se algo não vai bem nesse processo todo o desenvolvimento conserva material de efeitos patogênicos. Neste estudo propomos que reside aí a questão da falência da autoridade e a insuficiência da instalação da Lei.

Qualquer consideração acerca do Supereu que se pretenda inspirada nos passos de Freud deve considerar essas origens em sua formação e atuação na vida do sujeito. Podemos resumir essas fontes do Supereu ao levarmos em conta que essa instância, por um lado, liga-se ao que há de mais elevado e nobre no humano, por outro lado finca suas raízes no complexo de Édipo com seus desejos incestuosos e parricidas. O Supereu tem como fonte energética a pulsão de vida com sua tendência à união e à conservação, ao mesmo tempo, retira sua força da pulsão de morte com seus imperativos irracionais e destrutivos. Portanto, o mais elevado e o mais sombrio estão presentes na formação do Supereu.

O Supereu é resultado de um complexo processo que Freud situa no interior das relações da criança com seus cuidadores. As figuras tutelares, no desempenho de suas tarefas, nos cuidados com os filhos, exercem forte influência emocional sobre esses que são, em tudo, seus dependentes. Nessa gama de sentimentos que compreendem amor, ódio e rivalidade, a identificação com a

autoridade parental surge como válvula de escape e é baseado nela que o Supereu se forma. O termo identificação é inicialmente definido como “a ação de assemelhar um ego a outro ego, em consequência do que o primeiro ego se comporta como o segundo em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si” (Freud, 1933 [1932]/1976, p. 82). Partindo do sucesso de um processo identificatório, a autoridade parental é ‘retirada’ do mundo externo e internalizada no psiquismo como instância autônoma e independente do Eu. Nesse processo ocorre também o que Freud (1924) chamou de a destruição do complexo de Édipo, pois com base na identificação a criança introjeta a Lei que interdita os desejos edípicos.

Resultado da metamorfose do relacionamento parental, o Supereu tem as funções de autocrítica, de consciência, de vigia, de punição e de imperativo ao gozo. Seguindo o modelo do Supereu dos pais ele estabelece para o Eu os padrões de conduta. Se tais padrões não são cumpridos o Eu é, então, sobrepujado por sentimentos de culpa e de inferioridade. A respeito da constituição do Supereu, Freud afirma que

[...] ele representa a influência da infância de uma pessoa, do cuidado e da educação que lhe foram dados pelos pais e de sua dependência destes - uma infância que é tão grandemente prolongada, nos seres humanos, por uma vida familiar em comum. E, em tudo isso, não são apenas as qualidades pessoais desses pais que se fazem sentir, mas também tudo o que teve um efeito determinante sobre

eles próprios, os gostos e padrões da classe social em que viveram e as disposições e tradições inatas da raça da qual se originaram (Freud, 1940 [1938]/1976, p. 236).

Em resumo, a partir da proibição do incesto e do complexo de castração se dá, via identificação, a internalização das regras e normas sociais, resultando essa instância psíquica que rege a moral e estabelece o certo ou errado. Dessa forma, o Supereu está ligado à renúncia a um gozo proibido e à manutenção da integridade do Eu frente à ameaça de castração e ao gozo incestuoso tão temível.

Além de sua importância no desenvolvimento do indivíduo, o Supereu é também de fundamental importância para a espécie humana, pois certamente, sem sua ação, a civilização não seria possível, pois se todos os indivíduos ficassem entregues a suas demandas pulsionais estabelecer-se-iam a barbárie e o caos. O Supereu está a serviço não apenas da preservação do Eu, mas também, de certa forma, está a serviço da possibilidade de se estabelecer regras e leis sociais. Além disso, outra questão fundamental reside no fato de que sem as interdições paternas<sup>28</sup> o indivíduo não faria o reconhecimento de sua enganosa onipotência, ou seja, sem o estabelecimento da falta e da insatisfação o indivíduo permaneceria na fantasia narcísica de bastar-se a si mesmo, pois na satisfação não haveria a necessidade da abertura e do movimento em direção ao outro.

.....  
28 Tome-se aqui a interdição paterna enquanto uma função que pode ser desempenhada pelo pai ou por alguém que faça essa função de presentificação da Lei.

A interdição do incesto coloca o sujeito diante da impossibilidade da plena satisfação. Essa experiência - o furo em sua constituição - é fundamental no processo civilizatório e é no *ato paterno* que ela é imposta ao indivíduo. Freud afirma a importância da ação do Supereu ao dizer que tal ação está na base do processo civilizatório.

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais (Freud, 1908/1976, p. 192).

O processo de constituição do Supereu a partir de sua diferenciação no Eu é responsável pelas mais importantes condições do sujeito e da sociedade. As pulsões inibidas são colocadas a serviço da vida social e serão responsáveis por grande parte das atividades culturais de um grupo. Segundo Freud “esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade” (Freud, 1908/1976, p. 193).

Em suma, no curso do desenvolvimento de uma criança o papel de autoridade que é originalmente desempenhado pelas figuras tutelares sofre certo deslocamento para outras figuras sociais que temporariamente também ocupam o lugar de autoridade. Daí Freud conclui que, “os sentimentos sociais repousam em identificações

com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego” (Freud, 1923/1976, p. 52).

A proibição do incesto, juntamente com todas as restrições culturais referentes à sexualidade, passam a integrar os preceitos morais que excluem categoricamente da possibilidade da escolha objetal as pessoas - parentes consanguíneos - amadas da infância. Essa exigência cultural da sociedade tem como objetivo garantir, pela manutenção da família, a preservação e manutenção da ordem social. É diante dessa exigência que os indivíduos, especialmente os adolescentes, procuram através de todos os meios atingíveis, obter recursos para diminuir os laços com a família.

## **CAPÍTULO 2 – ADOLESCÊNCIA**

### **2.1 – Adolescência: fenômeno da Modernidade**

A Modernidade significou uma ruptura com os padrões medievais de organização social e essa ruptura se estende a todos os aspectos imagináveis da sociedade. É uma mudança que atinge todo o homem, pois sua forma de ver, de pensar, de agir e de sentir é gradualmente transformada. Baudelaire, o poeta da modernidade, reflete esse movimento do seguinte modo: “Mas a noite chegou. É a hora estranha e ambígua em que se fecham as cortinas do céu e se iluminam as cidades. Honestos ou desonestos, sensatos ou insanos, os homens dizem consigo: “Enfim, acabou-se o dia!” Os plácidos e os de má índole pensam no prazer e todos acorrem ao lugar de sua preferência para beber a taça do esquecimento” (Baudelaire, 1996, p. 23).

As mudanças não aconteceram aqui ou ali, mas em todo o corpo social, incluindo a organização da família, a percepção social da infância e o surgimento da adolescência. Então, concebemos adolescência como processo subjetivo forjado na modernidade e que assume, de certo modo, o papel de preencher as falhas nas estruturas sociais na designação e no reconhecimento de sua condição de sujeito desejante. Em outras palavras, a adolescência é compreendida enquanto tempo de realizar ensaios e experiências acerca do amar e trabalhar criativamente. Para se compreender o fenômeno da adolescência é preciso tomá-lo nesse aspecto histórico e dinâmico, não se trata simplesmente de uma fase natural da vida humana. A adolescência, como a conhecemos, é um fenômeno da Modernidade. Em sua plasticidade, a adolescência é um fenômeno historicamente construído de acordo com as necessidades e contingências do mundo moderno.

## **2.2 – Da sexualidade infantil à adolescência**

Para compreender a adolescência é necessário, então, um olhar que vá além do aparente e imediato. Ao desenvolver a teoria psicanalítica, Freud propõe uma extensa compreensão do processo de constituição psíquica dos seres humanos. Suas descobertas são bases reflexivas fundamentais para a apreensão da vida psíquica em geral. Nessa perspectiva, a apreensão da constituição psíquica na adolescência, em particular, não pode prescindir de suas contribuições. Seu ponto de partida foi a negação de toda a crença

popular em uma infância assexuada. A partir daí Freud demonstrou que, se a sexualidade inicia-se na infância, a vida sexual adulta é guiada pelos indícios e desdobramentos da sexualidade infantil, pois os resultados das vivências sexuais infantis prolongam-se pelas épocas posteriores e tal prolongamento pode se dar através da conservação do modelo vivido na infância ou através de uma renovação desse modelo na adolescência.

No artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* cuja primeira publicação data de 1905, Freud diz que a sexualidade infantil nasce baseada em funções somáticas vitais, por exemplo, na alimentação, quando a criança mama no seio da mãe<sup>29</sup> ou em seus substitutos. Diz ainda que as pulsões sexuais infantis não estão dirigidas a outra pessoa, mas satisfazem-se no próprio corpo e são, portanto, autoeróticas e o alvo sexual dessas pulsões acha-se vinculado e sob domínio de uma zona erógena específica, ou seja, de determinada parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa, o que determina a parcialidade das pulsões infantis.

Assim, Freud caracteriza a vida sexual infantil como essencialmente autoerótica, quer dizer, seu objeto de prazer encontra-se no próprio corpo. Além do autoerotismo, suas pulsões são parciais,

.....  
29 No campo psicanalítico é fundamental entender que não se trata fixamente da pessoa da mãe ou do pai. Sempre que se pensa a relação da criança com uma dessas figuras, é da sua função que se trata. Portanto, nesse estudo, todas as vezes que nos referirmos às figuras de mãe e pai, aludimos aos sujeitos que se ocupam daquilo que em psicanálise é nomeado por função materna e função paterna.

ou seja, são inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços para obtenção de prazer. Tais características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis. Além disso, se o ato de chuchar ensina que existem zonas erógenas predestinadas, mostra também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode adquirir propriedade erógena, ou seja, pode tomar para si a função de zona erógena que, ao ser estimulada, pode produzir sensação prazerosa.

Dessa maneira, a libido ao se desenvolver elege sucessivamente, desde o nascimento, determinadas partes do corpo que, assim investidas, tornam-se extraordinariamente excitáveis, cada uma por sua vez, de forma prioritária e, sob estimulação adequada, será fonte de prazer. Da parcialidade pulsional e do autoerotismo evidencia-se esse processo de sínteses que consistem em certa concentração das pulsões em torno de zonas corporais determinadas. Através desse processo sintético as pulsões se organizarão em diferentes fases do desenvolvimento.

Segundo a teoria Freudiana, a primeira fase dessa organização é atingida sob o domínio dos componentes orais.

O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é a boca. Inicialmente, toda a atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona. [...] a obstinada persistência do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se por

obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada de sexual (Freud, 1940 [1938]/1976, p. 179).

Assim, o que o corpo busca não é a saciedade que se obtém com o alimento e sim a obtenção de prazer através da satisfação do desejo. Desse momento em diante o sujeito buscará sempre reencontrar a completude primeira, alucinada, na experiência simbiótica com a mãe. Segundo Rosolato (1999),

nunca é demais chamar a atenção para essa vertente do auto-erotismo: assim na sucção do polegar, insistimos quase sempre na busca de um prazer de substituição esquecendo que há igualmente o domínio da falta, assim reproduzida, repetida e prolongada no encontro entre a ausência de alimento, de seio, e o furo da boca (p. 65).

Em Freud, desde a primeira publicação de seus Três Ensaio, não há assimilação entre a necessidade biológica e o desejo, pois a necessidade biológica pode ser satisfeita em objetos apropriados, como o alimento. Ao enfatizar a diferença entre desejo e necessidade biológica Freud estabelece a possibilidade de se estudar a sexualidade humana ligada a todo o campo psíquico e vice-versa. Já o desejo está ligado a traços mnemônicos, a lembranças, ou seja, o desejo se forma na reprodução feita pelo bebê das percepções das primeiras experiências de satisfação das suas necessidades vitais transformadas em signos de prazer. É no seio materno, no corpo da mãe, na indistinção inicial entre ele e a mãe que o bebê

realiza a experiência do prazer e do gozo da completude. Dessas fundamentais experiências depura-se, mobilizado pela sexualidade, o desejo como falta, como busca e como possibilidade de realização provisória. As relações entre o desejo e a satisfação são orientadas pelas primeiras representações de um objeto desde sempre perdido.

A partir dessa organização processual e sintética o prazer é parcialmente obtido na relação da boca com o seio materno ou seus substitutos. Esse mesmo processo se repetirá sempre de maneira mais elaborada em cada nova fase do desenvolvimento da sexualidade até que essa atinja sua maturidade, ou seja, até a puberdade.

A segunda fase de desenvolvimento da sexualidade é descrita por Freud como anal-sádica e, nessa organização da libido, a região anal é eleita como zona erógena e a satisfação é, então, procurada na função excretória e na agressão. Nesta fase, a criança desenvolve sua musculatura e o controle esfinteriano. O prazer está ligado ao controle do próprio corpo (retenção ou excreção das fezes) e ao controle que ela, a criança, descobre exercer sobre os outros à sua volta.

Freud diz que, assim

[...] como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja originariamente muito grande. Inteiramo-nos pela psicanálise, não sem certo assombro, das transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais dela provenientes e da freqüência com

que essa zona conserva durante toda a vida uma parcela considerável de excitabilidade genital (1905/1972, p.175).

Tanto na fase oral quanto na fase anal e também na fase fálica, as primeiras catexias objetais ocorrem em conexão com a satisfação de necessidades vitais importantes e simples. Portanto, a mãe ou o sujeito que se ocupa da função materna é o primeiro objeto de amor para ambos os sexos. Para o menino ela permanece assim também durante a formação do complexo de Édipo e, em essência, por toda a vida dele. Já para a menina, a partir da terceira fase, ocorrerão mudanças significativas.

Como terceiro momento dessa organização, Freud considera a fase fálica que é, por assim dizer, “uma precursora da forma final assumida pela vida sexual e já se assemelha muito a ela. [...] Com a fase fálica, e ao longo dela, a sexualidade da tenra infância atinge seu apogeu e aproxima-se da sua dissolução” (1940 [1938]/1976, p. 179/180). Nesta fase ainda não houve a percepção da distinção anatômica entre os sexos e, uma vez que meninos e meninas atravessam do mesmo modo as fases iniciais do desenvolvimento libidinal, o falo enquanto simbolização do genital masculino é erogeneizado por ambos e a libido se desenvolve em direção à unificação das pulsões parciais sob a primazia do falo. Assim, para os dois sexos o único órgão genital levado em consideração é o masculino. Segundo Freud, a distinção anatômica entre os sexos não é atingida de uma só vez, mas trata-se de uma aquisição processual que acontece

na tensão entre a negação da diferença e a percepção visual da realidade objetiva.

Uma das mais importantes características dessa fase é o fato de que, diante da excitabilidade do pênis e do clitóris, meninos e meninas logo aprendem a obter sensações prazerosas através da sua manipulação. Assim, tais órgãos manipuláveis, fornecedores de tamanha satisfação são sumamente valorizados e a atividade masturbatória torna-se uma prática regular desejável e repetida pela criança. Note-se que a atividade masturbatória das meninas é executada em seu órgão equivalente do pênis, ou seja, o clitóris. Pois, “a essa época a vagina verdadeiramente feminina ainda não foi descoberta por ambos os sexos” (Freud, 1933 [1932]/1976, p. 146).

Contudo, se na fase fálica a criança tem no falo importante fonte de prazer, é também nessa fase que ela realiza uma de suas mais *terríveis* experiências psíquicas, pois, diante da proibição social da atividade masturbatória, os adultos, em geral a mãe, muitas vezes fazem severas ameaças de retirar-lhe, através da castração, o órgão tão valorizado. Inicialmente a criança não dá muita importância a tais ameaças, mas em sua curiosidade e movida por suas desconfianças, acaba percebendo diante da visão acidental do órgão genital de uma criança do sexo oposto a diferença entre meninos e meninas. Se até esse momento não houve diferenças no desenvolvimento libidinal dos dois sexos, de agora em diante isso muda. Ambos reagirão de modo distinto a essa constatação fundamental.

O menino em sua organização edipiana tem como objeto de amor a mãe, sendo o pai obstáculo à realização desse amor. Diante da visão da falta do pênis na menina, acredita que o pênis ao menos já esteve lá e foi retirado. Segundo Freud ele agora passa a considerar como real as ameaças que lhe foram proferidas.

A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos. Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado (1924/1976, p. 220).

Diante da ameaça de castração e da real possibilidade de perder seu tão estimado órgão, o menino realiza uma experiência fundamental de renúncia, pois uma vez que a atividade masturbatória se dá em torno de suas fantasias sexuais com a mãe, surge um conflito entre a satisfação de seu desejo edipiano e a manutenção de seu valioso órgão. Ele então precisará escolher entre a catexia libidinal de seus objetos parentais, seu amor objetal pela mãe, e seu pênis. Segundo Freud normalmente o Eu volta as costas para o objeto edipiano, identifica-se com o pai e passa a buscar, como o pai, outros objetos de amor.

Freud descreve esse processo nos seguintes termos:

As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital - afastou o perigo de sua perda - e, por outro, paralisou-o - removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança (Freud, 1924/1976, p. 221).

Para o menino, é dessa forma que o complexo de castração, em forma de ameaça, determina a dissolução do complexo de Édipo, estabelece condições para o surgimento do Supereu<sup>30</sup> e inaugura o período de latência e o fim da fase fálica.

Já a menina, que até aqui também tem na mãe seu objeto de amor, reage à visão do órgão genital masculino de forma diferente. Ela imediatamente reconhece que nunca possuiu, não possui

.....  
30 Optei por usar os termos Isso, Eu e Supereu para me referir as três instâncias psíquicas propostas por Freud em sua segunda teoria do aparelho psíquico: *das Es*, *das Ich* e *Über Ich*. Contudo, em todas as citações diretas serão mantidas as preferências dos tradutores. Nas obras do Freud, por exemplo, as citações diretas utilizam os termos Id, Ego e Superego.

e , mesmo querendo, não possuirá um pênis. Vivencia, então, o que Freud chamou de inveja do pênis, pois ela quer ter um pênis, mas sabe não tê-lo e não poder tê-lo. Como consequência do reconhecimento da distinção anatômica ela passa a atribuir à mãe a culpa e a responsabilidade por sua “deficiência” e acredita que a mãe “deficiente” e lhe trouxe ao mundo sem pênis. A menina então se afasta da mãe elegendo o pai, possuidor do pênis, como seu objeto de amor. Dessa forma o complexo de Édipo da menina é inaugurado pelo complexo de castração.

Em uma conferência intitulada Feminilidade, Freud (1932) diz que essa mudança de objeto, da mãe para o pai, é uma das duas transformações essenciais pelas quais deve passar a menina em direção à feminilidade. Na fase fálica a menina tem como zona erógena prioritária o clitóris. Contudo, diante da castração constatada, acontece uma transferência tanto da sensibilidade quanto da importância desse órgão para a vagina, que passa a ser, então, a zona erógena prioritária, na segunda transformação vivida pela menina, pois, para Freud, “[...] com o passar do tempo, portanto, uma menina tem de mudar de zona erógena e de objeto” (1933[1932]/1976, p. 147).

Assim, o complexo de Édipo, vivido pelo menino coincide com a fase fálica e tem sua dissolução face ao complexo de castração. Já, na menina, “[...] o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração” (Freud, 1931/1976, p.264). Na

situação edipiana, a menina mantém um desejo de receber como presente do seu pai um bebê e, segundo Freud, ela quer dar-lhe um filho. Uma vez que esse desejo jamais se realiza, o complexo de Édipo da menina é então abandonado. Portanto, o complexo de Édipo feminino se desfaz por sua própria impossibilidade constitucional e, no curso normal do seu desenvolvimento, a menina passa desse objeto paterno para sua escolha objetual definitiva. Enfim, a partir do complexo de Édipo e do complexo de castração, “o abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade pode ser considerada uma vitória da raça sobre o indivíduo” (Freud, 1925/1976, p. 319).

De certa forma, a primazia fálica precursora da fase genital é uma aquisição possível por apresentar como ‘hipoteca’ o complexo de castração. Caso contrário, as demandas edipianas, se não sofrem impedimento algum, expõem o psiquismo aos riscos e às exigências produzidas pelas demandas incestuosas, o que seria insuportável para o Eu em formação e subjetivamente desastroso.

As características da sexualidade infantil, o autoerotismo e a parcialidade das pulsões são essenciais na compreensão do desenvolvimento da sexualidade. Ao marcarem o final do período de latência, já na puberdade, as pulsões autoeróticas passam a atuar sob o primado das zonas genitais e elegem agora um objeto de prazer fora de seu próprio corpo. É assim que, durante os processos da puberdade, a sexualidade infantil ganha nova e definitiva

configuração, ou seja, a vida sexual do adulto surge na reta final desse desenvolvimento.

A respeito dessas fases do desenvolvimento da libido, Freud adverte que, apesar de certa linearidade, elas não se sucedem necessariamente de forma muito clara e uma pode ser antecipada por outra ou podem acontecer ao mesmo tempo se sobrepondo. Ele diz ainda que

nas primeiras fases, os diferentes componentes dos instintos empenham-se na busca de prazer independentemente uns dos outros; na fase fálica, há os primórdios de uma organização que subordina os outros impulsos à primazia dos órgãos genitais e determina o começo de uma coordenação do impulso geral em direção ao prazer na função sexual. A organização completa só se conclui na puberdade, numa quarta fase, a genital (Freud, 1940[1938]/1976, p. 180).

### **2.3 – A Passagem adolescente: do ideal ao espelho vazio<sup>31</sup>**

A tensão entre a ordem social estabelecida e as novas gerações são registradas desde os primórdios da humanidade. Segundo Lessourd “nos mais antigos registros da história humana a que temos acesso, nas placas mesopotâmicas, uma delas datada de cerca

.....  
31 A expressão “espelho vazio” é utilizada por C. Calligaris (2009) para referir-se ao hiato que há entre a criança que um dia foi e o adulto que ainda não se é.

de 3000 anos antes de Jesus Cristo, já se menciona a ausência de respeito das novas gerações pelos adultos?” (Lesourd, 2012, p. 17).

A inquietação presente na passagem adolescente do círculo familiar para o círculo social mais amplo merece ser melhor entendida. É importante considerar que na infância já acontece uma escolha objetal como a que acontece na puberdade. A diferença entre ambas reside apenas em que a unificação das pulsões parciais e sua subordinação ao primado da zona erógena genital não são eficientemente conseguidas na infância. Dessa maneira, Freud considera que a escolha objetal se dê em dois tempos. A primeira escolha de objeto é caracterizada pela natureza infantil de seus alvos sexuais, isto é, a mãe ou seus substitutos. A segunda escolha objetal sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual. Nesse sentido Freud afirma que “o encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro” (Freud, 1905/1972, p.229).

O reencontro do objeto amado diz respeito ao fato de que após o período de latência, acontece um novo despertar das pulsões sexuais com as mesmas emoções intensas e ambivalentes da primeira infância. Porém há uma diferença: as pulsões agora estão sob o primado das zonas genitais e o corpo do adolescente ‘já pode’ realizar concretamente seus desejos sexuais. As pulsões do adolescente deverão agora abandonar o objeto incestuoso e escolher outro objeto com o qual possa ir além de suas fantasias infantis. O adolescente investirá sua libido em direção a outros objetos fora do núcleo familiar e da relação parental, isto é, objetos que não lhe sejam proibidos.

O adolescente precisa realizar a passagem do círculo familiar para o círculo social, uma vez que seu corpo realizou a passagem do corpo de criança para o corpo de adulto. Essa passagem não é fácil, pois ultrapassar a autoridade parental coloca o Eu em conflito direto com o Supereu. Mas se ficar cativo do círculo familiar também enfrentará o mesmo conflito, porque se permanecer ligado ao objeto primário incestuoso sofrerá por parte do Supereu as mais duras censuras e acusações. O adolescente está tomado pelo desejo e pela necessidade de não ser mais reconhecido como criança. Por já ter o corpo amadurecido, ele quer ter autonomia e *status* de adulto, quer definir o que, como e quando fazer. Ele precisa sair de casa, sair de perto dos pais, construir uma distância segura para, então, livre dos objetos primários, encontrar objetos de amor que lhe sejam acessíveis. Ele precisa viver agora outro nascimento que vá além da *excorporação*. Trata-se de nascer enquanto sujeito capaz de alguma autonomia com direito a uma parte de satisfação sexual, nascer que abra a curto-circuitada e estereotipada trajetória de investimento libidinal da relação primária.

Freud afirma que “na puberdade, os impulsos e as relações de objeto dos primeiros anos de uma criança se tornam reanimados e entre eles os laços emocionais de seu complexo de Édipo. Na vida sexual da puberdade, verifica-se uma luta entre os anseios dos primeiros anos e as inibições do período de latência” (Freud, 1925[1924]/1976, p.51).

Desse corpo em movimento, desse 'adolescer', dessa intensificação pulsional, surge 'outro' corpo, estranho, desconhecido, a exigir subjetivação e reconhecimento por parte do adolescente e por parte de seus pais. Há, na puberdade, uma realidade objetiva, um corpo modificado que exige e precisa ser simbolizado, internalizado e vivido. Sabe-se que as alterações hormonais provocam no corpo do adolescente uma explosão de mudanças, gerando inseguranças e dúvidas. Trata-se de um corpo desconhecido que não é bem *controlado* pelo adolescente. Sua movimentação no mundo físico circundante perde um pouco da referência e ele torna-se meio desarticulado, estabanado.

Esse sujeito estranho agora é um corpo, ao mesmo tempo bonito, atraente, desajeitado, estabanado e feio. Seu corpo, ao submeter-se à 'ditadura biológica', agora está preparado para o encontro com o outro, mas não se trata de um encontro qualquer, ele está preparado para um encontro qualificado, potente, e essa potência lhe impõe tributos que geram responsabilidades das quais ele não pode se eximir. Desse momento em diante pagar-se-á por todo encontro e/ou desencontro com o outro.

Em *Esboço de Psicanálise*, Freud adverte: "a fisiologia não deve ser confundida com a psicologia" (1940[1938]/1976, p 179). Se na puberdade é a realidade objetiva do corpo que se estabelece, de forma similar, na adolescência há uma realidade psíquica que pulsa e exige objetivação na estranheza do corpo púbere. Não se trata apenas de um reajuste da imagem na adolescência, trata-se de uma revisão

no valor do próprio corpo que não tem mais o mesmo status. A genitalidade agora ocupa uma posição dominante e se a maturidade genital pode ser considerada no plano puramente fisiológico, como o cumprimento de um caminho linear enfim completado, a imagem do corpo e a organização do Eu estão confusas. No plano psíquico há uma descontinuidade, uma ruptura no desenvolvimento. O corpo agora maduro está repleto de desejos, contudo, há também a necessidade de se administrar tais exigências. Tudo o que ele sente agora é *in-tenso* e a essa tensão, ordem e desordem, o adolescente não pode deixar de escutar. Freud afirma que

é na [esfera da] representação que se consuma inicialmente a escolha do objeto, e a vida sexual do jovem em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não o das fantasias, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se. Nessas fantasias, as inclinações infantis voltam a emergir em todos os seres humanos, agora reforçadas pela presença somática, e entre elas, com frequência uniforme e em primeiro lugar, o impulso sexual da criança em direção aos pais, quase sempre já diferenciado através da atração pelo sexo oposto: a do filho pela mãe e a da filha pelo pai (1905/1972, p. 233/234).

Portanto, é na imbricação histórica das relações parentais que ambos se deparam com a imposição dessa realidade modificada: o corpo infantil impotente, perdido, e a adolescência que exige dos pais e dos filhos a elaboração dessa perda e a constituição de uma subjetividade capaz de lidar com a realidade - poder que ameaça.

A chamada crise da adolescência não é apenas do filho, mas, sob esse prisma, um fenômeno psíquico envolvendo pais e filhos; pois a subjetividade do indivíduo é constituída a partir de um real intersubjetivo e é nesse encontro com o outro que o adolescente se reconhece e se constitui sujeito. Acontece que esse outro adulto com quem o indivíduo se encontra na adolescência não é um adulto qualquer, trata-se de um adulto que em sua condição de pai/mãe, já renunciou, pelo menos parcialmente, à possibilidade de gratificação pulsional e à promessa de completude vivida na infância. Contudo, graças à eficácia do recalçamento e ao fato de a grande maioria das experiências da primeira infância permanecer inconsciente, esse adulto não mais reconhece os desejos e as fantasias que viveu (e ainda vive) na estruturação psíquica.

Do ponto de vista do laço social o que se evidencia na adolescência é a possibilidade do adolescente pensar, sentir e viver diferente dos modelos identificatórios da primeira infância. A forma como o mundo a sua volta se organiza não lhe permite adotar o mesmo código moral de seus pais, pois o mundo agora é diferente do mundo em que seus pais adolesceram. Apesar do Supereu ter se formado a partir de referências oriundas de suas primeiras identificações, essas referências agora devem ser questionadas.

Nessa fase os amigos do grupo de iguais, às vezes composto por jovens mais maduros, tornam-se importantes companheiros na experiência de conhecer o mundo fora da ótica estabelecida pelos pais. No grupo de iguais o adolescente encontra novas relações,

outras pessoas tornam-se companheiros, confidentes, cúmplices e modelos. A identificação, até agora privilégio das figuras parentais, sofre certa diluição e o sujeito realiza outras identificações, com amigos, professores, artistas, etc.

As novas identificações influenciarão seu modo de pensar e de ver o mundo, seus valores já não serão pautados apenas pelos pais, o círculo social mais amplo o influenciará de modo muito importante. E isso se dará porque do ponto de vista libidinal acontece uma gama variada de investimentos fora do círculo familiar, pois outras pessoas serão também alvo de seu amor e de sua admiração.

Surgem diferenças e conflitos, o que era latente e impedido de manifestar-se agora encontra possibilidade de realização. Por causa do conflito entre seu desejo e a autoridade parental, a adolescência apresenta para o sujeito uma exigência de relativização daquela situação ideal e, essencialmente, relativização dos ideais parentais para a construção de uma subjetividade que seja capaz de apreender sua realidade em conflito, mas não se trata apenas de apreensão, trata-se, antes, de uma internalização suportável da realidade em conflito.

Aparentemente e à primeira vista, o conflito que surge na adolescência tem relação apenas com a questão dos limites e com a autoridade paterna, contudo a psicanálise já demonstrou que se trata fundamentalmente do fato de o complexo de Édipo voltar à cena e com ele trazer a angústia, provocada pelos desejos edípicos, que coloca o adolescente entre a realização de suas

pulsões incestuosas e o imenso perigo que tais realizações lhe impõem. Esse perigo é agora potencializado, pois o crescimento e a maturidade dos órgãos genitais são a essência e a evidência das transformações da puberdade e tal maturidade indica que “um complexo aparelho está pronto e a espera do momento em que será utilizado” (Freud, 1905/1972, p. 196).

Consequentemente, as transformações da puberdade expõem o adolescente a riscos sem precedentes em sua organização psíquica. Ele depara-se com uma realidade: seu corpo pode fazer a passagem ao ato daquilo que até então era apenas fantasiado. Desse corpo, da responsabilidade implícita de seu uso, o adolescente não consegue fugir. Então, o adolescente começa a sofrer os efeitos de um trabalho de separação, exigência psíquica que lhe dará ou não condições de despertar do sonho edipiano e, dessa forma, ultrapassar a autoridade parental, inventar novas respostas e novos modos de lidar com a realidade. O que a adolescência apresenta, então, é uma exigência de relativização dos ideais parentais para a construção de uma subjetividade capaz de bem lidar com a nova realidade imposta tanto ao corpo do adolescente quanto a seus pais.

Ao descobrir que seus pais e os adultos à sua volta não podem realizar o ideal de completude construído na infância, o adolescente descobre, de modo dramático, que o adulto, tentando não se deparar com seu inevitável e constitutivo mal-estar e buscando inconscientemente a completude, faz para a criança a mesma promessa da qual foi vítima. Essa promessa feita pelo adulto à criança,

na realidade, é uma tentativa inconsciente de resgatar, através da vida da criança, a fantasia de satisfação plena que vislumbrou um dia. Segundo Lajonquière, “[...] quando um adulto olha nos olhos de uma criança e enfoca de fato os olhos da criança ideal, recupera a felicidade que acredita ter perdido, uma vez que lhe retorna do fundo desse olhar sua imagem às avessas” (1999, p.92). Dessa forma, a criança torna-se o sonho do adulto, torna-se a possibilidade enganosamente real de satisfação e de menos dor.

Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. A esse respeito Freud diz que

a criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram - o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. [...] O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior (Freud, 1914/1976, p. 107/108).

Mas a adolescência revela ao adulto que resgatar seu sonho infantil e realizá-lo na vida da criança é uma busca ‘quixotesca’, guiada pela ilusão do ideal narcísico de completude. O sucesso

de tal busca, caso fosse possível, seria pago com a vida do filho. A 'rebelia' adolescente parece ser um estilete que corta as amarras desse cativo e produz alguma liberdade para ambos.

Mesmo assim, é com esse sonho do adulto que o adolescente desperta, após o período de latência, e depara-se com um vazio. Daquele ideal, da promessa de satisfação e completude internalizados na infância restam fantasmas, desejos a serem recalçados e sublimados, a exemplo do que viveram seus pais. Segundo Melman (1999), fica, então, para o adolescente, um hiato entre a promessa e o reconhecimento de sua sexualidade adulta, pois, embora tenha atingido sua maturidade orgânica e sexual, o adolescente não será reconhecido como tal por sua família nem por seu meio social. Rassial (1999) afirma que na busca pelo reconhecimento adulto de sua maturidade, busca da sua condição de igualdade, o adolescente é forçado a interpretar o desejo recalçado do adulto, impondo-lhe, de forma especular, o que ele não quer saber. O adolescente remete o adulto à sua própria experiência de infância, da qual encontra-se afastado por obra e força do recalçamento e da amnésia infantil, que o protegem e o distanciam de seu próprio desejo. A crise da adolescência não se dá por ignorância e sim por um saber, um saber mal recalçado, que vaza e grita o que adultos e adolescentes não suportam ouvir.

Desse modo, a 'passagem' adolescente é um confronto repleto de paradoxos, pois, o sujeito está ligado aos seus investimentos objetivos infantis, amando e odiando seus pais por isso e em busca

da sua identidade adulta. Por enquanto ele próprio não se reconhece, contudo, sabe desse não reconhecimento, ele já sabe que não é, nem pode ser tudo e somente o que a geração de seus pais fantasiou a seu respeito.

Em termos gerais, durante sua adolescência os sujeitos realizam a importante passagem da vida infantil para a vida adulta e essa experiência acontece objetiva e subjetivamente. A par da complexidade das mudanças físicas, as mudanças psíquicas são também muito complexas. Uma das importantes características desse rico e conflituoso processo é o desligamento das figuras parentais vivido pelos adolescentes que elegem novas fontes de identificação. Ao desligarem-se dos pais, encontram fora dos ideais parentais outros laços sociais capazes de lhes fornecer novas referências e novos modos de inserção social. Assim, seus pais deixam de ser suas únicas fontes de afetividade e de modelos de conduta - o grupo de amigos e as outras agências socializadoras, como a igreja, a escola, etc. assumem importante papel no processo de constituição da identidade adolescente.

Essas novas fontes de identificação que se estabelecem para os adolescentes, à medida que eles realizam certa expansão dos seus laços sociais, dizem respeito a um processo gradual e complexo. Ao realizar sua inserção no espaço físico social que transcende o círculo familiar, os adolescentes afirmam seu código moral, que na realidade já é um modo de se administrar o conflito edipiano. Esse encontro direto do adolescente com outras pessoas e com outras

instâncias sociais, além da família, potencializa ainda mais a exigência que os adolescentes já vivem de ultrapassar a autoridade parental e passar da condição infantil para a vida adulta. Porém, essa passagem não é realizada de maneira linear e nem é isenta de conflitos. Os filhos, munidos de outras referências, questionam regras e valores impostos pelos pais, entram em conflito direto com esses, reivindicam autonomia e reconhecimento de sua igualdade.

Lado a lado com as reivindicações e questionamentos, os filhos também descobrem que seus pais e sua família não lhes facilitam o desligamento pretendido, assim, “separar-se da família torna-se uma tarefa com a qual todo jovem se defronta, e a sociedade frequentemente o auxilia na solução disso através dos ritos de puberdade e de iniciação” (Freud, 1930 [1929]/1976, p. 124). Com isso, o adolescente sofre, ao mesmo tempo, uma dupla e antagônica exigência, ao desligar-se dos laços infantis para ingressar na vida adulta e atender às demandas emocionais de seus pais que não lhe permitem ultrapassar a autoridade primariamente instituída. Em um artigo intitulado *Romances Familiares*, Freud (1909 [1908]) aponta o quanto essa passagem da vida infantil para a vida adulta é importante para o desenvolvimento da humanidade.

É importante considerar a relevância dos momentos de iniciação, de passagem da adolescência para a vida adulta. Como a sociedade contemporânea não oferece circunstâncias inequívocas para a passagem da adolescência para a vida adulta, fica ao encargo do adolescente todo o trabalho psíquico da passagem do status

infantil, com suas fantasias e modos de gozo, à condição de adulto com sua força pulsional e responsabilidade por sua satisfação e por sua insatisfação. Trata-se de um trabalho enorme esse de separar-se da infância, dos pais, do modo infantil de gozo. Trabalho que o adolescente acaba por ter que realizar sozinho, uma vez que o grupo social parece não mais reconhecer e até negar sua importância. Afinal de contas, do ponto vista psíquico, quando um sujeito é adulto e não mais criança? Com base nas configurações do mundo contemporâneo, quem pode responder com clareza essa questão?

Em suma, é precisamente no âmbito das identificações, em suas aproximações, distanciamentos, encontros e desencontros que se pode apreender a constituição psíquica adolescente. Cada traço de amor e de ódio, manifesto ou recalcado, revela os nexos constitutivos de seus modos de subjetivação. Não se deve ignorar o fato de que a adolescência é um fenômeno histórico típico da Modernidade e que sua configuração desenvolve-se, desde a infância, no seio da família moderna, ainda que essa família se apresente contemporaneamente desfigurada.

## 2.4 – Adolescência e laço social contemporâneo

Aprendemos com Freud que o sujeito somente se constrói em relação ao outro e podemos dizer com Lacan que o sujeito é efeito do Outro (A).<sup>32</sup> Esse sujeito que se esforça no sentido de obter prazer e satisfação depara-se com a hiância entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. A dinâmica desse furo é fundamentada na tensão entre o que é procurado, onde é procurado e o que é encontrado, onde é encontrado. Segundo Lacan, “é através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procura” (1995, p. 13).

Nesse jogo entre o sujeito e o outro, entre o sujeito e o objeto incide uma hiância, estabelece-se uma falta, pois, segundo Freud (1905), o encontro com o objeto é sempre um reencontro, é uma redescoberta de algo desde sempre encoberto. Em consequência, no âmbito da pulsão o objeto é indiferente, a pulsão não tem um objeto próprio, ela é movida pela falta de objeto. Lacan nomeia esse *desobjeto* por objeto *a*. Essa falta de objeto inscrita por objeto *a*, propõe que qualquer objeto pode ser substituto daquele objeto mítico que se existisse obturaria o furo nomeado por objeto *a*. Fica sempre um resto, uma diferença entre o que se procura e o que se encontra.

.....  
32 Lacan serve-se da palavra francesa *Autre*, em português *Outro*, daí a utilização do A maiúsculo como forma de representar o grande Outro, para referir-se ao campo da linguagem, campo constitutivo do sujeito, realidade discursiva concebida como um espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo (KAUFMANN, 1996, p. 385).

Em suma, a falta é condição para o sujeito do desejo. O problema é que o modo contemporâneo de organização do laço social, fundamentado na lógica do consumo, propõe que o objeto é acessível e que a satisfação é possível negligenciando que a falta articula sociedade e gozo individual. Nesse modo de organização social, o sujeito adolescente depara-se com um contexto que o empurra violentamente ao gozo pela via do consumo e/ou pela via do sofrimento. Tal estratégia propõe “aos sujeitos uma realidade posta (imposta), que os abstêm dos dilemas éticos. Isso gera, para além do mal-estar, violências” (Rosa; Vicentin, 2012, p. 42). Movimento que se reinscreve repetidamente como tentativas de recusa da falta e de supervalorização do objeto.

Apreende-se nesse movimento uma tentativa de forjar um super objeto em torno dos “objezinhos” almejados. Mas se quem diz almejar, diz depositar a alma, diz desejar com ânsia, também diz agonizar, diz d'alma que agoniza em torno de objetos ilusórios construídos imaginariamente. É assim que o sujeito remanesce apreendido em uma busca impossível. Pois, como diz Lacan,

se o véu de Maia é a metáfora de uso mais corrente para exprimir a relação do homem com tudo o que o cativa, isso não ocorre sem dúvida, sem alguma razão, mas está certamente ligado ao sentimento que ele tem de uma certa ilusão fundamental em todas as relações tecidas por seu desejo. É nisso mesmo que o homem encarna, idolatra seu sentimento deste nada que está para além do objeto do amor (Lacan, 1995, p. 157/158).

Frente ao fracasso das tentativas de satisfação, duas vias abrem-se ao sujeito: ele toma para si a responsabilidade por sua incompletude, ou, ao contrário, imaginariamente ele atribui ao outro a responsabilidade por sua infelicidade em um discurso de vitimização de si próprio. Na via da responsabilização individual, os limites ao gozo individual são tomados como impotência do indivíduo: é ele, por deficiência pessoal, quem não pode satisfazer-se. Frente a essa realidade, melancólico, invadido pelo objeto, o adolescente pode tomar o caminho das depressões profundas e até do suicídio ou da adição como luta para manter um objeto de gozo na sua miragem da realidade. Por outro lado, na via da vitimização, tomando a si mesmo como vítima impotente, preso a essa lógica, resta ao adolescente revoltar-se contra seu 'perseguidor' e dirigir sua rebeldia, na forma de violência, contra o outro. De qualquer modo, tanto o papel de agressor quanto o de vítima emergem como expressão da sua posição subjetiva no laço social. Lembro da radicalidade da afirmação de que não há dimensão psíquica que se produza fora do laço social.

Se por um lado, não há subjetividade fora do laço social, por outro lado, todo laço social fundamenta-se no limite da ânsia de gozo pleno dos sujeitos. Freud ensina que cabe à cultura o papel de regular os modos e as possibilidades de gozo para cada indivíduo. Esse papel é indispensável na preservação da vida individual e na organização da vida coletiva. Dito de outro modo, nossa civilização fundamenta-se no recalque das pulsões e na regulação da satisfação individual.

Todas as culturas tradicionais ou clássicas construíam um limite ao gozo para os humanos, reservando a plenitude do gozo aos deuses e aos humanos que fossem ao seu encontro após a morte. A noção de paraíso, qualquer que seja o nome dado a ele pela cultura veicula a possibilidade da recuperação do gozo pleno para um sujeito, mas após a morte. Os vivos devem viver no gozo limitado (Lesourd, 2012, p. 30).

O problema é que, na contemporaneidade, o mundo liberal sustenta-se na promessa de gozo pleno imediato. O gozo individual é regulado pelo mercado e pela lei da oferta e da procura, não há previsão de interdição ao gozo pleno do sujeito, antes, há a promessa manipulada de gozo.

O laço social contemporâneo é organizado em torno de um discurso que se caracteriza por uma mudança radical na relação dos sujeitos com os prazeres e com o outro. Talvez uma das ideias mais importantes desse modo de organização do laço social seja a ilusão de liberdade e de autonomia individual. A ilusão de um indivíduo livre e autônomo para gozar desemboca na ideia de liberdade ‘obrigatória’ para consumir e autodeterminar-se, ou seja, o sujeito, nessa ordem, poderia ser o que bem entender e gozar plenamente. A única regulação que vale é a do mercado, o sujeito fica exposto à lei da oferta e da procura. Não se trata da Lei em sua dimensão simbólica referida à autoridade, mas da lei cuja dimensão jurídica somente funciona enquanto faz valer a lei do mercado. É a própria noção de Lei que caduca!

A noção de Lei proposta por Freud é inaugurada miticamente em *Totem e Tabu* (1913): o assassinato do pai inaugura a Lei e funda o pacto entre os irmãos. O pai é morto pela horda, enciumados e excluídos do gozo pela tirania paterna, os irmãos se unem no crime. Sua intenção, por um lado, era a de interromper os excessos do pai, barrar seu gozo. Mas, por outro lado, cada um deles queria tomar seu lugar para fazer como ele, gozar. Após o assassinato do pai eles logo percebem que isso era da ordem do impossível: morto o pai resta a culpa. Emerge a necessidade de um pacto capaz de regular e distribuir entre eles as possibilidades e os limites do gozo. É em torno desse pacto que interdita o incesto e proíbe o parricídio que a civilização se desenvolve. A função da Lei é regular o gozo individual e ao mesmo tempo possibilitar a organização social. Referindo-se ao mito da origem da Lei, Freud diz que

sobrepujando o pai, os filhos descobriram que uma combinação pode ser mais forte do que um indivíduo isolado. A cultura totêmica baseia-se nas restrições que os filhos tiveram de impor-se mutuamente, a fim de conservar esse novo estado de coisas. Os preceitos do tabu constituíram o primeiro 'direito' ou 'lei'. (Freud, 1929 [1930]/1976, p. 120/121).

A origem da Lei simbólica é descrita por Freud também em torno do mito de Édipo. Trata-se da Lei que interdita o incesto e proíbe o parricídio, ou seja, a Lei simbólica ordena os homens enquanto seres de linguagem. Segundo Joël Dor,

[...] o homem que tinha todas as mulheres só advém como *Pai* a partir do instante em que está *morto enquanto homem*. A edificação do homem em *Pai* se realiza, pois, ao preço de uma promoção simbólica que só se pode manter sustentando-se por um *interdito que tem força de Lei* (1991, p. 40).

Mas parece que contemporaneamente testemunhamos um desencontro entre a Lei simbólica, a lei do mercado, a lei do direito e a lei do desejo. A lei do mercado é contínua em exigir que a sociedade gire em torno da produção do comércio. O contexto regulado pelo mercado não tem como foco o sujeito humano criativo, submetido à Lei simbólica com a possibilidade de emergir enquanto sujeito de desejo. Nessa reificação perde-se a possibilidade da emergência do sujeito de desejo submetido à ordem simbólica. Talvez o que esse sujeito apresenta de mais saudável seja a possibilidade de desviar, de apresentar-se claudicante. Segundo Lesourd,

[...] esse novo projeto social sustentado pelo discurso do Capitalista induz à reivindicação pelo individualismo, que caracteriza nossa relação com os outros. Se o sujeito pode solitariamente determinar o que o designa, ninguém mais pode negar-lhe essa capacidade, desde que não atrapalhe a lei da troca que regula o laço social. Cada um pode agir livremente de acordo com sua cabeça (2012, p. 31).

No sujeito isso resulta na falsa experiência matizada por uma potência imaginária absoluta e calcada em expressões severas de narcisismo. No sujeito adolescente esse movimento resulta em

expressões tipificadas pela lei jurídica como “atos infracionais” e o define como “adolescente em conflito com a lei”. Mas que alternativa resta ao adolescente em uma sociedade que parece transitar do discurso do mestre para o discurso do capitalista, no qual o laço social parece não estar em questão? Como pode o adolescente internalizar a Lei, via processos identificatórios, e com ela se haver em um modo de organização social com tal empuxo ao gozo?

O estatuto que orienta o sujeito no discurso do capitalista é o estatuto do consumidor. Surge no lugar do amor/ódio a indiferença, a paixão da ignorância surge como manifestação da violência. Frente a esse discurso totalitário o que é da ordem da tensão, o que faz questão, é tomado como manifestação individual de delinquência ou patologia.

Mas a clínica psicanalítica ensina que o recalcado sempre retorna, seja como sintoma, seja como violência. O discurso do capitalista caracteriza-se por promover um curto-circuito no laço social, abrindo espaço para as várias formas de violência e produzindo um gozo sem culpa. Do ponto de vista da psicanálise, como não pensar a violência como uma marca, feita pelo adolescente, advinda da impossibilidade de fazer laço social, de identificar-se, reconhecer-se, uma vez que a violência parece derivar de uma ânsia identitária?

## 2.5 – Do Ideal do Eu ao Eu Ideal: dever ser e sonho de ser

No campo psicanalítico a noção de Eu é complexa e já fez correr muita tinta. Um de seus pontos mais intensos é a problemática entre as noções de Eu Ideal e de Ideal do Eu abordada por Freud no estudo *À Guisa de introdução ao Narcisismo* (1914). Segundo o editor inglês das obras de Freud, o termo Narcisismo teria sido mencionado por Freud em novembro de 1909 em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, época em que era preparada a segunda edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). O termo surge inicialmente para designar uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal. Freud cria esse termo no campo psicanalítico a partir do mito grego de Narciso, filho do deus fluvial Cêfisos e da ninfa Leiriopé. Punido por Afrodite por ter repellido Eco, Narciso viu-se enamorado de sua própria imagem refletida nas águas de uma fonte; seu insucesso para aproximar-se dessa imagem levou-o ao desespero e à morte, transformando-se na flor que traz seu nome. É interessante observar a origem e os desdobramentos dessa palavra: em grego *Narkissos*, cuja origem é *Narkes* que significa torpor, inconsciência. A palavra *narcótica* deriva de *Narkes* e indica qualquer substância que altera os sentidos, produzindo narcose (Brandão, 2009).

Em seu estudo sobre o narcisismo, interrogando acerca do problema da estruturação do Eu, Freud (1914) analisa as diferenças nas modalidades da vida amorosa do ser humano, pressupõe a existência de um narcisismo primário e afirma que há dois padrões

de escolha de objeto: a escolha do tipo anaclítico e a escolha do tipo narcísico. Logo, “o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida. Com isso estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário, que eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto” (Freud, 1914/2004, p. 108). Para Lacan (1953-1954/1986), a expressão *ele mesmo* usada por Freud, diz claramente respeito à sua imagem. Como no poema de Ovídio, Narciso “julga corpo, o que é sombra, e a sombra adora” (Citado por Brandão, 2009, p. 189).<sup>33</sup> No texto Freudiano essa expressão – amar a *ele mesmo* – desdobra-se, primeiramente, em amar o que se é enquanto si mesmo; em seguida, amar o que se foi, amar o que se quereria ser e, por fim, amar a pessoa que foi uma parte do seu próprio Eu. “O mesmo erro que lhe engana os olhos, acende-lhe a paixão. Crédulo menino, por que buscas, em vão, uma imagem fugitiva? O que procuras não existe. Não olhes e desaparecerá o objeto de teu amor” (Ovídio, citado por Brandão, 2009, p. 189). A esse padrão de escolha amorosa Freud chama de tipo narcísico. No tipo anaclítico, que também funda-se numa identificação primitiva imaginária, ama-se a mulher que alimenta e o homem que protege.

.....  
33 Apesar de já existirem algumas traduções das Metamorfoses de Ovídio para a língua portuguesa, nesse texto, optamos por utilizar os trechos citados por Brandão (2009). Embora se trate apenas de fragmentos do poema, a tradução oferecida por esse autor é a que mais apreciamos dentre as publicações encontradas em língua portuguesa.

O estado narcísico descrito por Freud aponta o quanto é fascinante para todo ser humano deparar-se com esse ser fechado em seu mundo, satisfeito em si mesmo, entorpecido de amar-se, em estado de completude. A sedução desse encontro resvala na quimera de completude que o adulto teria um dia vivido. Desse modo que “a criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai, ou desposar um príncipe, a título de indenização tardia da mãe” (Freud, 1914/2004, p. 110). Promessa que se renova ao mesmo tempo em que retira das garantias de sua impossibilidade sua meia verdade. O narcisismo primário configura-se então como meio para se desconhecer a castração, a Lei e as consequências psíquicas que daí derivam. Mas em meio a essa situação primitiva o Eu deve advir, deve encontrar forma e sofrer o início do processo de estruturação.<sup>34</sup>

Na terceira parte do estudo sobre o narcisismo Freud diz: “o amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal” (Freud, 1914/2004, p. 112). Desse modo ele estabelece uma delimitação entre a noção de Eu Ideal (Ideal Ich) e a noção de Ideal do Eu (Ich Ideal). Cabe a Lacan (1953-1954/1986) o mérito de apontar que com esses dois termos, simétricos e opostos, Freud designa duas funções diferentes. Movimento que parte do Eu infantil que atribui a si mesmo *valiosa perfeição e completude* narcísicas, atribuições das quais ele resiste

.....  
34 O termo *estruturação* é introduzido por O. Mannoni em uma interlocução presente no Seminário: livro 1 no bojo da discussão acerca do Ideal do Eu e Eu-Ideal.

em abrir mão. Nesse movimento o estado de narcisismo primário é perturbado pelas exigências do mundo circundante às quais se ligam as questões do complexo de castração. O Ideal do Eu é a forma pela qual se busca recuperar a completude perturbada, pela via da projeção imaginária de um Eu que substitui, mal ou bem, o narcisismo perdido da infância.

Desse modo, o “desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal-de-Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal” (Freud, 1914/2004, p. 117). De acordo com Freud o Ideal do Eu se constitui como o herdeiro do Eu ideal, operação que inaugura um segundo tempo no narcisismo. É em torno da promessa de restituição da *valorosa perfeição*, abalada pelo complexo de Édipo e pela incidência do complexo de castração, que o narcisismo do Eu Ideal sofre os efeitos de uma temporalidade e desloca-se parcialmente na constituição do Ideal do Eu.

O narcisismo primário diz respeito a uma identificação imaginária com a mãe. Trata-se de um momento mítico de indiferenciação em que a criança faz uma experiência de completude e constitui tudo o que a mãe deseja. Então podemos pensar que o narcisismo primário é vivido a três, uma vez que se dá na experiência da criança e da mãe em relação ao falo.

Mas no primeiro tempo do complexo de Édipo essa experiência de completude e satisfação depara-se com o que lhe é outro mas

é na medida em que a criança é desalojada, para seu grande benefício, da posição ideal com qual ela e a mãe poderiam satisfazer-se, e na qual ela exerce a função de ser o objeto metonímico desta, que pode se estabelecer a terceira relação, a etapa seguinte, que é fecunda. Nela, com efeito, a criança torna-se outra coisa, pois essa etapa comporta a identificação com o pai de que lhes falei da última vez, e o título de propriedade virtual que o pai tem (Lacan, 1957-1958/1999, p. 210).

Lacan articula o que seria uma constituição como efeito do imaginário com o simbólico, pois ao deparar-se com o Outro, ao fazer sua entrada no campo simbólico o sujeito inicia um processo de constituir-se em sua realidade imaginária. “É bem aqui também que está o ponto onde ele fala, no que ele fala, é no lugar do Outro (A) que ele começa a constituir essa mentira verídica pela qual tem começo aquilo que participa do desejo no nível do inconsciente” (Lacan, 1964/2008, p. 142/143). Ao falar e ser falado realizam-se as experiências perceptivas e pulsionais constitutivas do Eu. Nesse processo o corpo é tecido no sistema simbólico e adquire alguma consistência imaginária na produção de si e do mundo à sua volta. Daí pode-se afirmar: o Eu é efeito do Outro, ou o Eu é feito do Outro. Isso à medida que o pai, ou coisa que o valha, comparece como suporte da Lei em sua dimensão simbólica. “É por intervir como

aquele que tem falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do Eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 201).

Nesse nível o complexo de Édipo e a castração estão ligados diretamente à constituição do Ideal do Eu. Então, colocamos em questão os modos como cada pessoa reage à castração no processo de formação do Eu. Falamos da simbolização dos efeitos da castração ou de como a negação da castração comparece, seja no real do corpo, produzindo sintomas, seja na passagem ao ato, por exemplo, transformando em ato infracional o que é vivido como violência psíquica. Ao contrário do recurso à passagem ao ato, a identificação com o pai aparece como saída possível que, em condições ideais, resulta na constituição de uma identificação que pode ser nomeada por Ideal do Eu. Contudo, nas expressões discursivas do laço social dominante da contemporaneidade apreende-se uma transformação profunda na constituição do psiquismo. A ênfase não está mais no Ideal do Eu, a lógica dominante não é mais a do *dever ser*. A felicidade não é mais tomada como promessa futura a regular a conduta de cada sujeito, ressaltando-se que a felicidade manipulada ideologicamente pode ser mortal.

O *dever ser* que regulava ao menos parcialmente a relação com o semelhante não é suficientemente operante. A promessa de completude é deslocada para o presente imediato e o discurso contemporâneo coloca em cena “[...] outra estrutura ideal, a do *sonho de ser* do Eu ideal” (Lesourd, p. 35). O Ideal, segundo Freud

(1923), está mais próximo ao Eu prazer da primeira infância. Dessa passagem, do recobrimento do Ideal do Eu pelo Eu Ideal depreende-se uma formatação psíquica apoiada na exigência da satisfação imediata e na crença da potência absoluta dos desejos. Freud diz: “O amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo Eu que é ideal e que, como o Eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude” (Freud, 1914/2004, p. 112). Vemos como o indivíduo desliza de seu desamparo infantil para o “amor de si mesmo”, autoestima que o faz achar-se perfeitamente valioso. Mas o indivíduo não está disposto a renunciar à sua perfeição narcísica infantil, por isso “o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal” (Freud, 1914/2004, p. 112). Por isso realiza-se essa operação pela via da projeção imaginária e da identificação primária com a mãe supostamente onipotente.

Para Freud (1914) tanto o Eu Ideal quanto o Ideal do Eu dizem respeito a formações narcísicas, ligadas ao narcisismo propriamente dito. A diferença é que na formação do Ideal do Eu o narcisismo é atravessado pela castração. E apenas pela castração acontece a saída da posição do Eu ideal. Esse processo leva o Eu a deixar de ser possuidor de toda *perfeição de valor* e a deparar-se com a formação do ideal do Eu em sua dimensão simbólica e com seu efeito regulador. Aqui a identificação não é mais puramente narcísica,

identifica-se com o pai da horda, descrito por Freud em Totem e Tabu (1913), o pai morto e introjetado na forma da Lei. Essa ordem simbólica promove, pelos efeitos da castração, uma transformação no narcisismo, inserindo o sujeito na dimensão da falta e estabelecendo a possibilidade do desejo.

Se esse processo fracassa, como suponho acontecer na contemporaneidade, deparamo-nos com reações violentas frente às frustrações e com uma recusa da autoridade. Esses fenômenos observados nos adolescentes contemporâneos, como: rupturas com a família e com a escola, violências contra o outro e contra si próprio, recusa de autoridade, drogadição, depressões, suicídios, etc, por um lado, são tomados como fenômenos do adolescente em conflito com a lei; por outro lado, devem ser considerados como efeitos do discurso dominante e da organização do laço social contemporâneo na subjetividade adolescente.

As dificuldades atuais da adolescência desenvolvem-se em relação com o laço social dominante nas sociedades ocidentais contemporâneas regidas pelo liberalismo e pela lógica do mercado. Cada uma das expressões atuais do sofrimento adolescente corresponde às prescrições do laço social contemporâneo. A esse respeito Lesourd diz que

a grande quantidade de suicídios tem relação com a recusa da morte; as incivildades e as violências mais duras são uma forma de por à prova pelo ato; os vícios e as anorexias cada vez mais frequentes se inscrevem na lógica do con-

sumo; os distúrbios da identidade de gênero respondem à liberação sexual; e as depressões, os individualismos e os narcisismos exacerbados têm relação direta com a demanda de eficácia individual (Lesourd, 2012, p. 18).

O adolescente em conflito com a lei, antes de qualquer forma de nomeação marginal, é um indicador do modo de organização social que preconiza a obtenção imediata do prazer pela lógica do consumo. O adolescente em conflito com a lei é, antes de tudo, uma expressão do modo como o laço social contemporâneo articula, ou não, Lei, gozo e desejo. A adolescência é, para o sujeito, um momento privilegiado do processo identificatório e, portanto, de sua constituição. A ética psicanalítica propõe escutar o sofrimento desses sujeitos bem como a forma de endereçamento de suas demandas. Ora, na adolescência a questão do agir é essencial. Como não escutar o que é veiculado no ato adolescente? Como negligenciar o que se repete em ato na vida do adolescente e manter a aposta ética da psicanálise?

## **CAPÍTULO 3 – A TRIÁDE MÃE-FILHO-FALO: GOZO, ANGÚSTIA E VIOLÊNCIA**

Amor de mãe é único! Meu filho é tudo para mim! Essas afirmações são de uso corrente no imaginário popular. Nesse momento buscamos pensar, refletir e desdobrar as relações entre tais afirmações e a constituição psíquica. Os humanos nascem em estado de profunda dependência do outro que deles deve cuidar, proteger, alimentar, etc. Trata-se de uma experiência realizada por todo falante, pois para cada humano vivo alguém ocupou o lugar de maternagem<sup>35</sup> e de providência possibilitando a sobrevivência do indivíduo e, quem sabe, o advento de um sujeito. Nesse sentido, o amor de mãe é único! Mas é único porque não há nada igual? É

.....  
35 Como dito anteriormente, no campo psicanalítico o que está em jogo não são os sujeitos mãe e pai. Antes de tudo, trata-se dos sujeitos que se ocupam da função materna e paterna. Portanto, quando utilizamos as expressões “mãe” e “pai” o que está em jogo é uma função e não uma pessoa.

único porque não pode ser substituído? Ou é único porque, nessa experiência, o sujeito remanesce cativo desse amor e não pode fazer outros ensaios de amar e ser amado? Assim, visamos circunscrever essa interrogação aos efeitos que podem advir para o sujeito, caso ele remanesça na experiência do amor materno como único em sua vida, vinculado a uma mãe para qual o filho é tudo.

Em 1921, no texto *A Psicologia de grupo e a análise do ego*, Freud afirma que toda psicologia individual é também social. Essa afirmação, feita no momento da passagem da primeira para a segunda teoria do aparelho psíquico, fundamenta-se no fato de a gênese da constituição psíquica derivar das vivências no âmbito das relações parentais. Então, segundo o pensamento freudiano exposto no referido texto e em vários outros, como *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *O Eu e o isso* (1923) e *A Dissecção da personalidade psíquica* (1933), é no âmbito de suas primeiras relações, nas eleições primárias dos objetos de identificação e de amor que se pode pensar a constituição do sujeito. Ou seja, a base da constituição do sujeito é fortemente tributária das experiências que ocorrem em seus primeiros anos de vida, sobretudo em suas relações mais imediatas, tais como mãe, pai, irmãos e seus substitutos.

No capítulo VII de *A Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921) a identificação é proposta por Freud como a primeira manifestação de ligação emocional com outra pessoa. Contudo, Freud diz que ao lado desse processo, ou um pouco depois, que se caracteriza, grosso modo, por tomar uma pessoa, por exemplo o pai, como

ideal, ocorre também o investimento da libido em outra pessoa, por exemplo, a mãe. Como se pode notar, além de a identificação alinhar-se e preparar o caminho do complexo de Édipo, ela insere na gênese do psiquismo a dialética do *ser* e do *ter*.

Mas como se dá esse processo na relação da criança com seus objetos primários: os que exercem a função mãe e a função de pai? A identificação diz respeito a um processo inconsciente que se esforça no sentido de “moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto tomado como modelo” (Freud, 1921, p. 134). A eleição de um objeto de amor diz respeito ao esforço por obter satisfação com o objeto investido pela pulsão, ou seja, na relação objetal o que se pretende é *ter* o objeto; enquanto na identificação o esforço é no sentido de *ser* o objeto.

O texto freudiano apresenta certa ambiguidade ao afirmar que a escolha objetal ocorre ao mesmo tempo ou um pouco depois da identificação. A expressão “ao mesmo tempo” deixa dúvida sobre qual processo estaria na origem. Do mesmo modo, em *O Eu e o id* (1923) Freud diz: “inicialmente, na fase oral primitiva do indivíduo, não há como distinguir o investimento objetal da identificação” (1923/2007, p. 40). O que vem primeiro? O *ser* ou o *ter*? Uma leitura mais atenta do texto freudiano sobre a psicologia de grupo mostra que “o primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita” (Freud, 1921, p. 134). Na sequência Freud admite a dificuldade de representação metapsicológica desse processo, mas já apresenta um

resumo das ideias contidas no capítulo VII, dedicado ao problema da identificação:

[...] primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual (Freud, 1921/1976, p. 136).

Além disso, em um texto, com parágrafos soltos, escrito em 1938 e publicado postumamente em 1941, intitulado *Achados*, idéias e problemas, Freud volta a tratar do problema do *ser* e *ter*, e é claro ao afirmar que o *ter* é o mais tardio nesse processo. Embora não possa deixar de ser pensado como movimento dialético, no âmbito da constituição psíquica, o *ser* precede o *ter*. Trata, sobretudo, de pensar os desdobramentos, as falhas e as consequências para todo humano da passagem da condição de objeto amado a amante.

Mas antes de enveredar por esse caminho retomemos em Freud o que pode ser pensado como três momentos conceituais da teoria da identificação. A primeira identificação descrita em 1921 é a identificação ao pai primitivo. É uma identificação direta, imediata, mais precoce que todo investimento objetal. A partir dos estudos desenvolvidos em *Totem e Tabu* (1913) Freud apontou esse primeiro momento do processo de identificação como identificação

primária com o pai. No entanto, é preciso considerar - o pai aqui é um pai nos moldes do mito da horda primeva, primitivamente substituto do totem. Para os povos primitivos a identificação com o totem era celebrada por meio do banquete totêmico, durante um festim canibal o totem era devorado. Ao introjetar oralmente o totem cada membro do clã adquire suas características, ou seja, identifica-se com ele. Freud resume o mito, do qual serve-se para lançar luz sobre os primórdios do psiquismo, do seguinte modo:

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior.) Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião. (1913/1976, p. 170)

Para os povos primitivos, “incorporando partes do corpo de uma pessoa pelo ato de comer, adquire-se ao mesmo tempo as quali-

dades por ela possuídas” (Freud, 1913/1976, p. 104). A identificação primária é uma herança filogenética que se repete na ontogênese e marca os primórdios da constituição psíquica de cada humano. Essa noção de identificação primária é retomada principalmente em *O Eu e o id* (1923), quando Freud afirma que essas identificações do início da vida irão se generalizar e darão origem ao Ideal do Eu. Por detrás desse ideal “esconde-se a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai de sua própria pré-história pessoal. [...] ela é uma identificação direta e imediata, anterior a qualquer investimento de objeto” (1923/2007, p. 42).

Além dessa identificação ao pai primitivo pensada em 1913, Freud já havia apontado uma identificação a um traço unário do objeto pela via da formação sintomática. Em 1905 publica *Fragmento da análise de um caso de histeria*, acerca da análise de uma jovem em 1901, texto que ficou conhecido como o Caso Dora. Para Freud a tosse sintomática de Dora opera como retorno do recalçado, manifestação fantasmática da sua identificação a seu pai. No texto freudiano o primeiro traço da identificação de Dora ao pai é fornecido pelo próprio pai da moça ao dirigir-lhe o seguinte pedido: “Dora, que herdou minha obstinácia, não pode ser dissuadida do ódio pelos K. Ela teve sua última crise após uma conversa em que ela novamente insistiu para que eu rompesse com eles. Por favor, tente devolver-lhe a razão” (Freud, 1905[1901]/1976, p. 24). Aqui Freud descreve a identificação de Dora a um traço da personalidade de seu pai. Pela via da identificação a esse traço paterno Dora *era*

*como* seu pai. Outro indício da identificação operando na base da formação sintomática de Dora é apresentado quando Dora queixa-se de ‘agudas dores gástricas’. Frente a essas queixas Freud diz que

as dores gástricas de Dora proclamavam o fato de que ela se identificara com a prima que, segundo ela, era uma simuladora. Seus fundamentos para esta identificação eram que ela também estava invejosa da felicidade da moça ou que ela via sua própria história refletida na irmã mais velha, que recentemente tivera um caso amoroso que terminara de forma infeliz (1905[1901]/1976, p. 36).

Quando Dora queixa-se sintomaticamente de uma tosse severa “ela estava identificando-se com a mulher que seu pai uma vez amara e com a mulher que ele amava agora” (1905[1901]/1976, p. 53). Nesses fragmentos observa-se como Freud propõe uma identificação a um traço unário do objeto escolhido, a qual revela e ao mesmo tempo esconde, o vínculo entre o desejo inconsciente e a substituição sintomática. Trata-se de perceber no sintoma, pela via da identificação, o pertencimento a uma primitiva fantasia sexual. Desse modo, a face significativa do sintoma é colocada em jogo pelo mecanismo da identificação ao traço unário do objeto investido, ao mesmo tempo em que a identificação ao traço unário é revelada pelo sintoma.

Por fim pode-se ler em Freud um terceiro momento da identificação que se dá como um efeito da segunda identificação. Trata-se de uma identificação de Eu a Eu. Essa identificação encontra seu

desenvolvimento teórico em *A Psicologia de grupos e a análise do ego* (1921/1976), estudo no qual Freud demonstra que um objeto exterior é internalizado via processos identificatórios inconscientes e passa a ocupar o lugar do Ideal do Eu para um grupo de pessoas. Esse momento do processo identificatório opera na base dos processos grupais e explica a psicologia das massas. Além disso, na construção da segunda teoria do aparelho psíquico, Freud (1923/2007) propõe que a internalização de um objeto tomado como ideal é uma das vias estruturantes do supereu.

A identificação está na base da constituição do sujeito. Mas retomemos esse processo seguindo os passos de Freud. Em seus desenvolvimentos teóricos e clínicos sobre a sexualidade, em suas várias revisões, ele demonstra com clareza que o elemento mais evanescente e de inapreensível da pulsão é o objeto. Em 1905, na primeira edição dos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud se depara com esse caráter variável do objeto da pulsão, expressando seu desconcerto.

Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável

que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste (1905/1976, p. 148/149).

Freud não chega a essa conclusão de uma só vez, a experiência clínica levou-o a uma mudança de perspectiva. Ele foi praticamente obrigado a se deslocar do conhecimento estabelecido na sua época para concluir que não existe um objeto naturalmente adequado capaz de satisfazer a apetência humana. Essa conclusão deve-se sobretudo a dois fatores: à sua sensibilidade clínica capaz de perceber que não há uma distância substancial entre os sujeitos “normais e os anormais”; e à sua capacidade de eximir-se de certos preconceitos de sua época.

Se em 1905 Freud mostra seu desconcerto frente a descolagem entre objeto e pulsão, dez anos mais tarde, ao escrever o artigo metapsicológico Pulsões e destinos da pulsão (1915/2004) ele é conclusivo acerca da inexistência de um objeto naturalmente adequado à satisfação da pulsão: o objeto “é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar satisfação” (Freud 1915/2004, p. 149). Não só ele assume a inexistência de vínculo entre objeto e pulsão como admite que “o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos” (Freud 1915/2004, p. 149). Isso está completamente alinhado com a proposição de 1905 - “o encontro do objeto é na verdade um reencontro” (Freud, 1905/1976, p. 229). Ou seja, a sexualidade humana

consiste em uma constante busca de reencontrar o objeto ideal desde sempre e para sempre perdido.

A concepção de que o objeto é o que a pulsão tem de mais evanescente e inapreensível levou Lacan (1956-1957) a colocar em relevo a inexistência do objeto adequado para a apetência do humano. Não há para a realidade humana um objeto harmonioso, típico e plenamente satisfatório. No campo psicanalítico, quando se fala em objeto da pulsão, diz daquilo que somente pode ser apreendido pela busca de um objeto perdido, para sempre perdido. Então, o encontro do objeto é sempre um reencontro, uma nostalgia.

A noção de objeto não é da ordem da harmonia ou da satisfação, a matriz da noção de objeto da pulsão diz de um conflito profundo do sujeito com sua realidade. Esse sujeito em conflito que se esforça no sentido de obter prazer e satisfação depara-se com uma hiância entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. A dinâmica desse furo é fundamentada na tensão entre o que é procurado, onde é procurado e o que é encontrado, onde é encontrado.

Segundo Lacan (1956-1957) “[...] a satisfação do princípio de prazer, sempre latente, subjacente a todo exercício da criação do mundo, tende sempre, mais ou menos, a se realizar de forma alucinada” (p. 15). É nessa tendência ao encontro alucinado do objeto, localizada por Lacan no eixo imaginário da relação entre o Eu e o outro que se pode encontrar o fio da meada para essa discussão. Aí é possível pensar a questão da identificação, questionar seu papel na forja do objeto e na organização do Eu.

A reciprocidade, efeito da identificação, presente nessa relação entre sujeito e objeto permitiu a Lacan (1949) chamá-la de relação em espelho e a partir daí desenvolver a noção de estádio do espelho que, entre outras coisas, realça o conflito presente na relação dual. A identificação aparece como fenômeno convocado a tentar minimizar o resíduo deixado pela distância entre o sujeito e o objeto. “O objeto é instrumento para mascarar, enfeitar o fundo fundamental de angústia que caracteriza, nas diferentes etapas do desenvolvimento do sujeito, sua relação com o mundo” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 21). Daí resulta que toda relação objetal é fundamentalmente imaginária e sustenta-se em um fundo identificatório.

Mas de que objeto se trata? Certamente não é do objeto natural fruto da maturidade biológica do indivíduo, disso a clínica e a vida cotidiana nos dão incontáveis provas. A ideia de um objeto harmônico, que por sua natureza possibilitaria a satisfação adequada, que se encaixa perfeitamente na relação sujeito-objeto, é ordinariamente contradita pela experiência comum das relações entre os sujeitos. A desmontagem da pulsão feita por Freud (1915) resulta de modo radical na existência de uma hiância na relação sujeito-objeto. A presença dessa falta define que o encontro do objeto será falho, algo que rateia e é prenhe de insatisfações. Em suma, no âmbito da pulsão o objeto é indiferente, a pulsão não tem um objeto próprio, ela é movida pela falta de objeto. Lacan nomeia a presença dessa falta por *objeto a*, objeto causa de desejo. Essa contribuição original de Lacan deriva de sua leitura criativa do

Banquete de Platão. No diálogo de Alcibíades com Platão Lacan encontra a noção de *agálma*, objeto reluzente, da qual faz derivar a noção de objeto *a*: “[...] esse objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo.” (Lacan, 1964/2008, p. 176). Essa falta de objeto inscrita por objeto *a*, propõe que qualquer objeto pode ser substituto daquele objeto mítico que se existisse obturaria a furo nomeado por objeto *a*.

Ao situar o complexo de Édipo no centro do psiquismo Freud põe em questão a constituição psíquica, cujo cerne está, por um lado, nas relações primárias do sujeito, e, por outro lado, nas implicações dessas relações com a normatização. É importante, então, pensar como se dão essas relações. O primeiro tempo do complexo de Édipo caracteriza-se pela marca de uma experiência mítica de completude entre a mãe, ou quem exerce a função materna, e o bebê. Nesse tempo ambos se bastam. Segundo Aulagnier “no momento em que a boca encontra o seio, ela encontra e absorve o primeiro gole do mundo. Afeto, sentido, cultura estão co-presentes e são responsáveis pelo gosto das primeiras gotas de leite que o *infans* toma” (1979, p. 40). Fenômeno no qual parece faltar nada e caber ninguém. Sobre esse tempo pode-se ouvir uma mãe dizer: meu filho é tudo para mim! E do filho a única coisa se pode ouvir é o grito de uma existência indiferenciada da mãe. O filho é imaginariamente colocado no lugar daquilo que torna a mãe completa. É

a experiência do sou tudo, tenho tudo, portanto, nada falta! Nessa situação amor de mãe é único, pois é a única realidade que mãe e bebê experimentam. Ela somente ama enquanto mãe, somente existe enquanto mãe e ele, o bebê, é tudo para ela.

O que está em questão é a função da criança para a mãe em relação ao falo. Trata-se de uma questão da maior importância. Primeiro porque é central no desenvolvimento da subjetividade da criança. Segundo porque trata da subjetividade da mãe e dos modos como ela lida com a dialética da presença e da ausência do falo, enfim, trata-se do modo como a mãe lida com a falta. A importância dessa questão, do ponto de vista da criança, é maior e adquire tons de dramaticidade, pois quando se trata de ser ou não o falo para a mãe, é da criança por inteiro que se trata. Não é apenas uma parte do seu corpo, mas a criança toda está em causa. A criança é capturada como objeto imaginário para a completude da mãe.

Esse primeiro tempo do complexo de Édipo é também o primeiro momento da identificação, pois conforme Freud (1921), a identificação ajuda a preparar o caminho do Édipo. A identificação que ocorre no início da vida é chamada por Lacan (1957-1958/1999) de identificação imaginária, nela há uma experiência da onipotência que, contudo, não está no sujeito, mas na mãe, ou seja, no Outro primitivo. A criança, capturada no jogo do desejo da mãe, identifica-se imaginariamente ao falo que tornaria a mãe completa, isenta de falta. Nessa captura a criança é o falo da mãe, constituindo aquilo que completa a mãe. Este Outro é vivido como completo e onipotente. No entanto, desse lugar

uma passagem se impõe à criança em seu processo de constituição. Por vários motivos associados à sua existência enquanto sujeito, a mãe acaba por dobrar-se às exigências da realidade. Ela reconhece em si a premência de desejos não passíveis de satisfação no âmbito de sua relação com o filho, ou seja, o filho é tudo para a mãe, mas não é um *tudo* tão completo assim. Seu desejo encontra ancoragem em situações cotidianas ligadas à sua saúde, a atividades profissionais, à sua vida amorosa, etc.

O fato de a criança não bastar ao Outro deflagra um mistério, a saber, o mistério do desejo do Outro. O que o Outro deseja? Esse questionamento é feito ao custo da descoberta da falta no Outro e traz a consequência, para o sujeito, de descobrir-se também incompleto. A criança descobre que o desejo da mãe não está todo investido nela, ela não basta à mãe. Em consequência descobre-se também incompleta. Acerca dessa passagem, Lacan nos diz: “desde que o sujeito percebe, no objeto de que espera a onipotência, esta falta que o faz, a ele mesmo impotente, a última instância da onipotência é referida para além, a saber, ali onde alguma coisa não existe ao máximo” (1956-1957/1995, p. 171). Talvez o fundamento do amor esteja no fato de o sujeito dirigir-se à falta que está no objeto vislumbrando para além do objeto, o ser mágico, a mãe onipotente, o Outro primitivo e todo-poderoso. Nesse sentido, amor de mãe pode ser experimentado como único. Enquanto resta capturado nesse lugar de ser tudo para a mãe e de ter na mãe o único amor o sujeito também vive a ilusão da completude e onipotência imaginária, ele é aquilo que pode completar a mãe, então ele pode tudo.

A mãe desse amor único talvez seja uma mãe aos moldes de Medéia, tragédia grega de 431 a. c., nela Eurípedes apresenta o conflito psíquico de uma mulher/mãe tomada de amor e ódio, que em seu desvario, em sua sede de completude, consome os filhos e não deixa a Jasão, o pai, sequer suas sobras, sequer seus corpos sem vida. Daí a exigência do pensamento de Lacan ao situar o desejo sempre como desejo do Outro. Em suas múltiplas composições da fantasia, o objeto é interposto ao sujeito e à falta que está no Outro. Por consequência o que se tenta velar é a falta no próprio sujeito. O sujeito faltoso, barrado, busca nessa operação um modo de tentar suspender a barra e negar sua incompletude constitucional.

Deparar-se com o Outro faltoso e, ao mesmo tempo, com a própria falta é algo de tamanha violência psíquica que só pode ser experimentado se mediado por algum artifício de negação. Conforme Lacan (1956-1957), o objeto fetiche pode ser tomado como miragem por meio da qual tenta-se velar a falta. Mas assim como o objeto fetiche, o sadismo, o masoquismo, a fantasia e o delírio também podem comparecer como efeitos de feitiço, miragens e construções frente ao enigma do desejo do Outro, frente ao fato que o falo está para além da mãe, para além da potência de amor da mãe. Ora, se o falo está para além da mãe, também para além do sujeito, para além da sua capacidade de doar e receber, para além de sua capacidade de amar e ser amado, e finalmente, para além de sua possibilidade de satisfazer-se com os objetos que recebem seu investimento pulsional.

Daí a afirmação de que o desejo é de saída perverso, ou seja, é sempre desejo de outra coisa cuja finalidade seria negar, desmentir, recalcar ou foracluir os efeitos da castração. O desejo é, de saída, efeito de uma operação metonímica caracterizada pelo deslizamento da cadeia significante, deslizamento no qual, de palavra em palavra, produz-se a elisão do sentido e “instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta” (Lacan, 1957, p. 519). O desejo é sempre desejo do todo, travestido de tudo, está sempre referido ao falo como aquilo que lhe é subjacente, como algo que lhe corre por baixo definindo a impossibilidade da satisfação apesar de toda e qualquer série de objetos substitutos que se possa eleger e encontrar. O desejo percorre vias perversas exatamente em função da inexistência do objeto adequado à apetência do falante. Isso não impede que se tente de todos os modos possíveis e impossíveis driblar o corte efetuado pelo que Lacan nomeou por *nom du père* – que em português pode-se escutar como: Não do Pai e Nome-do-Pai. Na língua francesa há homofonia entre as expressões *Le nom du père* e *Le non du père*.

Ora, se o encontro do objeto de amor é uma nostalgia ou um reencontro, como ensina Freud, o amor – ainda que seja o amor de mãe inscrito como único – não pode ser mais que uma metáfora! Mas por que metáfora? É metáfora porque apresenta uma estrutura na qual ocorre a substituição de um significante por outro significante produzindo um efeito de significação que não

deixa espaço para a falta. É metáfora porque toma uma palavra no lugar de outra, toma um objeto no lugar do Outro e apresenta para o sujeito uma miragem de sentido, ou se preferirmos, uma miragem de completude. Na metáfora o significante recebe uma injeção de significação. No amor o amante se completa e se confunde com o amado, torna-se um com seu amor. É uma miragem linda! É uma miragem que *amor-tece* nosso encontro com o Real. É uma miragem que traz a marca da morte nesse encontro com o Real. O significante *amortecer* pode ser escandido em *amor, tecer, morte* e ainda pode ser escutado como *a morte ser*.

Nessa tessitura, nesse amortecimento o amor forja semblante de plenitude uma vez que de sua significação ninguém escapa ileso. Por outro lado, um artifício de completude como esse assemelha-se à experiência de Narciso diante do reflexo que des-vive no espelho d'água. O poema de Ovídio *A História de Eco e Narciso* mostra bem essa tragédia.

Ele é encantador,  
Eu o vejo, mas seu encanto e seu olhar me escapam.  
Eu o amo e não sou capaz de encontrá-lo!  
E, pior ainda, nem o mar, nem uma estrada, nem montanha,  
Nem muralha, nem portão ou barreira nos separa,  
Apenas uma fina camada de água. [...]  
Narciso, consumido pelo fogo da paixão,  
Aproxima-se lentamente do fim, perdendo aos poucos sua cor,  
Sua força, sua audácia e graça

*Esmaecendo, e até seu próprio corpo,  
Que Eco tanto amara...*

Não em vão, certas canções dizem que os apaixonados morrem de amor. Será se é necessariamente disso que se trata? De um encontro mortífero com o Outro, mediado pelo outro? Ou seja, Narciso morre na própria imagem!

Partindo do pressuposto da equivalência falo-criança pode-se pensar na estrutura que formata a onipotência imaginária da mãe à custa da significação da criança enquanto falo. Num primeiro momento é identificando-se com esse Outro primitivo que a criança inicia sua constituição psíquica. Lemos em Freud, principalmente em *A Dissolução do complexo de Édipo* (1924/1976), *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/1976) e na Conferência XXXIII: *Feminilidade* (1933[1932]/1976), que frente à sua *inferioridade* a menina desiste de suas intenções edípicas ao construir a fantasia de ter para si um filho. É assim, por meio do filho, que a mãe almeja velar sua falta. Essa seria a função da criança-falo: velar a falta no Outro. Trata-se de esconder a falta, ter diante de si a mãe completa e onipotente. É disso que se trata, está em jogo a relação mãe-criança-falo. Jogo no qual a mãe almeja velar sua falta e no qual a criança, por sua vez, almeja responder ao enigma do desejo materno.

Correspondendo ao objeto do desejo da mãe, a criança seria plena em sua alienação fusionada à mãe. Esta seria a perfeição, uma relação sujeito-objeto na qual um sujeito completo e onipotente

permanece satisfeito em um objeto suficiente. Ficaria negada a falta de um e de outro. Isso se fosse possível falar em “um” e “outro”, pois em tal alienação e sem a falta não emerge um sujeito de desejo. Mas “[...] o amor está fundado no fato de que o sujeito se dirige à falta que está no objeto” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 167). A falta é condição para a emergência do desejo! Mas a equivalência criança-falo pode resultar ao longo da vida na manutenção do sujeito no lugar de uma atribuição fálica e isso não pode ser sem consequências.

### **3.1 – Da mãe onipotente ao pai potente**

A noção de Lei proposta por Freud é inaugurada miticamente em *Totem e tabu* (1913). O assassinato do pai inaugura a Lei e funda o pacto entre os irmãos. O pai é morto pela horda, enciumados e excluídos do gozo pela tirania paterna, os irmãos se unem no crime. Sua intenção, por um lado, era a de interromper os excessos do pai, barrar seu gozo. Mas, por outro lado, cada um deles queria tomar seu lugar para fazer como ele, gozar. Após a morte do pai, eles logo percebem que isso é da ordem do impossível: morto o pai, resta a culpa. Emerge a necessidade de um pacto capaz de regular e distribuir entre eles as possibilidades e os limites do gozo. Em torno desse pacto que interdita o incesto e proíbe o parricídio, a civilização se desenvolve. A função da Lei é regular o gozo individual e ao mesmo tempo possibilitar a organização social.

A construção freudiana do mito do *Totem e tabu* (1913) aponta para os processos psíquicos que tiveram sua origem na filogênese

e repetem-se na ontogênese. É importante ver como isso se dá. O ponto de partida do processo identificatório é a equivalência falo-criança que estabelece, então, uma configuração triangular inicial mãe-criança-falo. Como já foi dito, para a formação mãe-criança o que está em jogo é a dialética *ser e ter* o falo.

Segundo Freud (1923) a principal característica da organização genital infantil é sua diferença da organização genital do adulto. A marca dessa diferença é o fato de que, para ambos os sexos, entra em consideração apenas o órgão genital masculino. Daí Freud concluir: o que está presente não é a primazia dos órgãos genitais e, sim, a primazia do falo. A fase fálica, etapa terminal da primeira época da sexualidade infantil, é típica tanto para o menino quanto para a menina e seu elemento diferencial é ter ou não ter o falo. “Não existe, portanto, a realização do macho e da fêmea, existe aquele que é provido do atributo fálico e aquele que é desprovido” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 96), o que equivale a ser castrado.

Essa dialética está presente desde as primeiras formulações de Freud de onde pode-se afirmar que é impossível apreender a noção da relação de objeto se o falo não for considerado como terceiro elemento. O falo como significante da falta no Outro, lugar primitivamente ocupado pela mãe. Isso é da ordem da linguagem, enquanto significante o falo é o que funda a relação imaginária mãe-criança. Contudo, tal compreensão exige-nos considerar o falo como o objeto imaginário presente na relação mãe-criança. Imaginário, não como um dado real.

A isso Lacan (1956-1957/1995) acrescenta que tanto a dialética da análise quanto a dialética do desenvolvimento individual gira em torno do falo. Mas não se trata de confundir o falo em sua função imaginária com o pênis enquanto órgão real. Se o falo, por um lado, só é concebível no plano imaginário, por outro lado, uma vez que está no limite de nossa experiência, “só podemos no referir ao real teorizando” (Lacan 1956-1957/1995, p. 31).

O querer ser o falo é comum para meninos e meninas. É necessário um deslocamento no sentido de deixar de ser o falo para tê-lo. Contudo, esse ter o falo é algo evanescente, pois o falo circula. O falo é submetido à ordem simbólica, portanto não pode ser propriedade de alguém, não é disso que se trata. Dito de outro modo, meninos e meninas terão que abdicar de ser o objeto de desejo da mãe, submeter-se à castração, para aos poucos, processualmente, fazer sua entrada na ordem simbólica e, também processualmente, constituir-se enquanto sujeitos de desejo.

Se num primeiro momento ocorre a identificação imaginária com o falo da mãe, num segundo momento o pai é convocado pela palavra e pelo desejo da mãe a interferir nessa relação. A interferência do pai ocorre inicialmente em termos de uma interdição que incide sobre a mãe privando-a da satisfação com o filho colocado no lugar do seu falo. Aí podemos entrever o movimento pelo qual a criança é colocada no lugar de objeto do desejo da mãe de onde, a seguir, desliza para um lugar entre o desejo da mãe e o falo enquanto objeto imaginário. Interessa pensar como essas coisas se

dão e para quais desenvolvimentos apontam. Antes é importante notar que é pelo desejo e pela palavra da mãe que alguém pode realizar essa função de interdição.

Nesse sentido, Lacan (1957-1958/1999) diz que o pai enquanto homem deve dar provas de possuir aquilo do qual todo humano é desprovido. O pai deve dar provas de ser possuidor daquilo que a mãe deseja. E só com essa condição o filho pode passar da identificação imaginária à identificação simbólica com o pai portador da Lei. A castração operada pela entrada em cena do nome do pai é condição para tal passagem. Se o pai for apontado pela mãe como possuidor do que ela deseja, o filho poderá engendrar-se na promessa de receber do pai esse título de propriedade. Essa questão é importante para se pensar o que a castração representa para a constituição psíquica da criança.

Desse modo, o complexo de castração opera como elemento pivotante da constelação subjetiva, nele gira, por meio da identificação, o movimento de instauração e de resolução do complexo de Édipo. Trata-se de outra forma de admitir o que Freud já afirmara, por exemplo, ao escrever o texto *A Dissolução do complexo de Édipo* em 1924. Nestes termos, a castração é pensada como uma operação que instaura a falta na relação mãe-criança-falo. É importante destacar que ao ser colocada no lugar daquilo que a mãe deseja, ou seja, ao ser alçada como falo imaginário da mãe, é toda a criança que o é, não se trata apenas de uma parte sua. Essa operação é realizada por um agente, o pai enquanto representante da

Lei, que recebe da mãe a condição para intervir. Essa condição para intervir concedida ao pai, não é efeito de uma intenção consciente da mãe, antes ela é efeito do desejo da mãe que, na experiência de desejar, reconhece em si uma falta, isso não é pouca coisa. Não basta que a mãe queira dar lugar ao pai. É necessário que ela tenha condições para isso! É preciso que, em sua história, a mãe, enquanto criança, tenha passado pela experiência de ser deslocada desse lugar imaginário alienada ao Outro para deparar-se com os efeitos do nome do pai.

Acerca da castração, Lacan (1956-1957/1995) ensina tratar-se de uma operação simbólica cujo agente é o pai real e incide sobre um objeto imaginário. Por meio dela o sujeito renuncia ao que tem de mais precioso, a mãe, para poder ter acesso a todas as mulheres. Ou seja, ele renuncia à ilusão do gozo absoluto para iniciar o processo de emergir como sujeito de desejo. Contudo, essa operação só será possível se o pai, ou algo que o valha, operar como metáfora da Lei.

Mas Lacan (1956-1957/1995) questiona o que parece inquestionável: O que é ser um pai? Onde está o pai? A potência desse questionamento exige deter-se no pai simbólico enquanto significante não suscetível de representação, acessível apenas como construção mítica. Conforme apontado, por meio do mito do Totem e Tabu, Freud (1913) pôde forjar a ficção do pai morto enquanto ser e, em função disso, preservado enquanto significante. “Totem e Tabu é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam, é preciso que o verdadeiro pai, o pai singular, o pai único, esteja antes do surgi-

mento da história, e que seja o pai morto” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 215). Do mito forjado por Freud conclui-se que o pai não existe, ele é, e somente pode ser enquanto pai morto. A dinâmica de Totem e Tabu mostra que pelo seu assassinato os filhos o eternizam. O pai é morto pela horda que, culpada, o introjeta por meio do ritual canibalístico e, desse modo, identifica-se com ele. Esse fantasma do pai é, desde antes da história, onipresente e onipotente apesar de existir em lugar nenhum.

Desse modo o pai é morto e ao mesmo tempo conservado. Lacan chama atenção “para o fato de que em francês, e em algumas outras línguas, entre as quais o alemão, *tuer*, em português matar, vem do latim *tutare*, que quer dizer conservar” (1956-1957/1995, p. 215). Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o verbo matar tem uma origem controversa. Existem indicações de que matar venha do latim *mattāre*, que significa golpear, abater. *Mattāre* também é considerado uma evolução vulgar do verbo latino *mactāre*, significando prover, recompensar com, aumentar, engrandecer; imolar, sacrificar, oferecer aos deuses, votar, consagrar, dedicar, matar.

Voltando ao problema do que é um pai, pode-se, então, pensar no pai simbólico como construção mítica que não intervém nos desenvolvimentos da estrutura central da subjetividade a não ser por meio do pai real. Vemos aí do que se trata, é de alguém, que em algum momento preenche o papel e a função de *edipianizar* o sujeito, ou seja, fazer com que a criança renuncie ao que ela tem de

mais precioso, a mãe, para poder ter acesso a todas as mulheres. O pai real é aquele para quem a mãe aponta seu desejo, em função do que admite sua constituição faltosa. O pai imaginário é o pai todo-poderoso, temível. “É aquele com que lidamos o tempo todo” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 225). É o pai da identificação, da idealização e da rivalidade fraterna. Na relação com o pai imaginário incide a agressividade ao mesmo tempo em que comporta o suporte para as relações com o outro. “É o pai assustador que conhecemos no fundo de tantas experiências neuróticas, e que não tem de forma alguma, obrigatoriamente, relação com o pai real da criança” (p. 225). Podemos até dizer que se trata de uma figura caricata do pai.

A experiência clínica cotidiana corrobora a descoberta de Freud acerca do fato de que no inconsciente não existe inscrição sobre a diferença sexual. Em outras palavras, não há no inconsciente uma inscrição para o feminino e outra para o masculino. O sujeito do inconsciente não reconhece a diferença sexual. Embora este seja um tema da maior importância, nesse momento o objetivo não é deter-se diretamente na questão da identidade sexual. Por ora, interessa-me interrogar acerca da incidência do problema da identidade sexual na questão da função paterna. A reflexão gira em torno da pergunta: o que é um pai e qual é sua função do ponto de vista psicanalítico?

Interessa interrogar como essa proposição estonteante, a inexistência da inscrição sexual no inconsciente, relaciona-se com a questão do pai? Ser homem é condição para ser pai? É necessário um

homem para que haja um pai? Lacan diz que não, ele diz tratar-se de outra coisa além do homem presente, além do pai da realidade.

Isso porque a função paterna é identificada à função fálica. Em Freud, no mito da horda primeva, vamos encontrar a lógica e o fundamento dessa identificação. Em Totem e Tabu Freud ilustra como o pai primitivo, déspota e tirano, é morto pela horda. Em função da ambivalência emocional, após o assassinato a horda experimenta sentimentos de culpa e de uma dívida impagável, a qual tenta pagar com votos de honra e de obediência ao pai morto. Desse modo o pai morto torna-se mais poderoso do que o fora em vida. Por esse caminho Freud explica a instituição do pai simbólico a partir do pai morto. Entendemos, então, o pai simbólico como uma noção que deriva sua essência conceitual do mito do pai da horda primitiva.

Uma vez que o motor daquilo que Freud ao longo de toda sua obra chamou de *Seelischer Apparat* – que em português traduziu-se por aparelho psíquico, que segundo Hanns (1996) também pode ser traduzido por aparelho de alma ou aparelho anímico – é a castração, pode-se ressaltar a centralidade que a função paterna ocupa. Daí vale o seguinte questionamento: como a criança reage a essa operação que a desaloja por inteiro? Tanto Lacan (1956-1957) quanto Freud (1909) apontam um inevitável mergulho na angústia, nomeada por Freud de angústia de castração. Desse momento em diante, quando o sujeito se depara com a angústia de castração, a armadilha cumpre sua finalidade e lança sua presa num jogo em que ela inevitavelmente acabará se descobrindo, mais cedo ou

mais tarde, muito ou minimamente, diferente daquilo que comparece no desejo da mãe. Jogo no qual a criança é imaginariamente rejeitada do lugar que ocupava para a mãe. Momento em que a angústia emerge e “a criança concebe então que pode não mais preencher de maneira nenhuma sua função, nada mais ser, não ser nada mais que este algo que parece ser alguma coisa, mas que ao mesmo tempo não é nada, e que se chama uma metonímia” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 251).

Mas o que a criança faz com essa angústia? Lacan (1957-1958/1999) se vale dos estudos de Freud (1909) em Análise de uma fobia em menino de cinco anos, conhecido como o caso do pequeno Hans para apontar que da relação de Hans com a mãe sobrevém a angústia e Hans desliza da angústia para a fobia. Então é possível pensar que outras manifestações podem sobrevir da angústia derivada da experiência da castração. Interessa-nos perguntar se a violência pode emergir como um derivado da angústia de castração. Isso merece mais desdobramentos. Por ser imaginário, o falo requer uma simbolização, ou seja, o falo precisa ser experimentado como algo que pode ser presente e ausente, como algo que circula. Trata-se de uma passagem do imaginário para o simbólico, operação na qual a criança deixa de identificar-se com o falo da mãe para identificar-se com o pai enquanto portador da Lei simbólica. Trata-se de uma passagem que desloca o sujeito da onipotência para a Lei.

No desdobramento desse processo identificatório, à medida que a função paterna surge como semblante da interdição e suporte da lei, a criança experimenta, em condições mais ou menos ideais, outro momento da identificação. Agora ela identifica-se com o pai enquanto representante da Lei, nome que dá lugar à Lei e estabelece condições para a entrada no mundo dos que simbolizam e fazem laço social. Desse lugar de sua incompletude o pequeno sujeito buscará constantemente reencontrar lampejos da satisfação mítica lançando mão de uma série de objetos substitutivos. Tentativa de reencontrar o objeto, tentativa que segundo Freud (1905 e 1915) fracassará sempre e deixará o sujeito em uma repetição do impossível.

Os moldes do laço social contemporâneo respondem a esse impossível com tentativas de forjar um super objeto em torno de quinquilharias que operam como “objezinhos”, ou seja, operam como os objetos substitutivos almejados. Mas quem diz almejar, diz depositar a alma, diz desejar com ânsia, também diz agonizar, diz d'alma que agoniza em torno de objetos ilusórios construídos imaginariamente. De um lado, almejar diz respeito ao movimento da pulsão erótica com seus anseios, anelo pela satisfação obtida em objetos sempre fugidios. De outro lado, na vertente da agonia, almejar diz respeito à pulsão de morte com seu silêncio, pois só o morto está satisfeito! É assim que o sujeito flerta com a angústia e remanesce apreendido em busca do impossível.

Em suma, tomamos a identificação como fundamento de uma resolução edipiana normativa. Por meio do Édipo o sujeito é inserido, via processos identificatórios, no plano da Lei. “É no plano

simbólico, isto é, no plano de uma espécie de pacto, de direito ao falo, que se estabelece essa identificação viril que está no fundamento de uma saída edipiana normativa” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 82). O papel da identificação aí é fundamental. Mas do que se trata? Lacan fala de uma identificação viril. Em termos ideais, trata-se da identificação não com o falo imaginário da mãe, nem com o pai imaginário, castrador, onipotente, advindo dos extratos míticos da horda primeva, mas do pai em sua potência simbólica, suporte da Lei, apontado como objeto de desejo da mãe. Por outro lado, a identificação à mãe fálica resultaria na construção de um padrão anaclítico nas relações de um sujeito com seus objetos de amor. Esse padrão, seguindo a escrita freudiana, possui os traços de uma dependência primitiva da mãe.

### **3.2 – Identificação, angústia e violência**

Minha tese é que a violência surge em função da configuração imaginária: meu filho é tudo pra mim! O amor de mãe é único! Dessa captura imaginária que prescinde da função paterna emerge a violência como passagem ao ato frente à angústia. A violência compõe a defesa contra a angústia que sobrevém da equivalência fálica. Sem a intervenção do significante paterno, a criança acabaria numa relação exclusiva com a mãe ou seus substitutos. Segundo Lacan,

Essa relação exclusiva não é uma pura e simples dependência, mas se manifesta em toda sorte de perversões por uma certa relação essencial com o falo, quer o sujeito o

assuma sob diversas formas, quer faça dele seu fetiche, quer, ainda, encontremo-nos, nesse ponto, no nível que podemos chamar de raiz primitiva da relação perversa com a mãe (Lacan, 1957-1958/1999, p. 236).

É pelo fato de a função paterna não ser suficientemente presente, é pela insuficiência simbólica da relação terceira com o sujeito que se ocupa das funções do pai, que a criança remanesce na identificação imaginária como um modo de defesa contra a angústia aniquiladora que resultaria da sua incompletude fundamental. Como a criança poderia sair de seu estado de perfeição narcísica fusionada ao corpo da mãe e permanecer na experiência de despedaçamento sem vislumbrar a possibilidade da identificação simbólica com aquele que porta legitimamente o falo e, por isso, constitui o objeto do enigmático desejo da mãe?

Na nossa cultura o valor fálico incidiu sobre o pênis. O menino tem o pênis, isso lhe dá uma ideia de completude, ele vive sob a ameaça imaginária de castração. Freud demonstra que no caso do pequeno Hans o sintoma fóbico surge como caricatura da lei, pois seu pai parece não ter exercido o interdito na relação entre ele e a mãe sedutora. Do mesmo modo, proponho que, no caso dos adolescentes sujeitos desse estudo, a violência surge como tentativa de não se haver com a angústia que emerge da figura devoradora da mãe e da figura ausente ou esmaecida do pai.

A violência surge como uma passagem ao ato frente à angústia. Em condições ideais o processo identificatório viabiliza uma saída

normativa para os investimentos pulsionais do sujeito em direção aos objetos parentais, pois trata-se de um processo que atravessa o início, a duração e a dissolução do complexo de Édipo. Além disso, é no encontro de referenciais identificatórios que o sujeito pode se apoiar para lidar com a angústia de castração. Quando esse processo não vai bem, quando o sujeito não encontra referências frente às quais possa experimentar a identificação simbólica, a angústia surge como sinal dessa falta.

Aulagnier (1961-1962/2003) diz que para compreender esse processo é preciso considerar a angústia como resultante do impasse advindo do obstáculo entre a castração e a identificação, que são duas linhas paralelas fundamentais e cuja relação forma o eixo essencial de toda a estrutura humana. Então, o aparecimento da angústia é sinal do desaparecimento momentâneo do referencial identificatório. A identificação não prescinde do desejo do Outro, mesmo que se trate do que se imagina ser o desejo do Outro. Trata-se sempre de identificar-se, em função ou contra o que se imagina ser o desejo do Outro. “Enquanto esse desejo puder ser imaginado, fantasiado, o sujeito vai encontrar nele as referências necessárias para o definir como objeto do desejo do Outro, ou como objeto que se recusa a sê-lo” (Aulagnier, 1961-1962/2003, p. 290).

Contudo, identificar-se com o objeto do desejo do Outro só é suportável quando se pode nomear esse desejo. Pois, o desejo do Outro serve de espelho frente ao qual o sujeito encontra suas próprias referências. Quando a imagem que advém desse espelho não é nomeável, se o desejo do Outro não pode ser imaginado ou

fantasiado, se a imagem que o espelho devolve ao sujeito não é decifrável em uma significação identificável, o sujeito é tomado pela angústia. O questionamento do sujeito: O “o que queres?” não pode retornar vazio de imagens. Em outras palavras, o sujeito depende do encontro com o Outro materno que, em função de sua lida com a própria castração, reconheça-se e possa ser reconhecido como desejante. Se nesse jogo o objeto-função-materna não se apresentar como sujeito desejante a criança não encontrará as vias para o processo identificatório. Logo, como diz Aulagnier “na angústia, não é apenas o eu que está dissolvido, é também o Outro, enquanto suporte identificatório. Nesse mesmo sentido, vou me situar dizendo que o gozo e a angústia são as duas posições extremas em que se pode situar o eu” (Aulagnier, 1961-1962/2003, p. 291).

Por um lado, o processo de identificação segue seu curso e constitui o sujeito de desejo capaz de lidar com a falta e capaz de eleger objetos de amor. Por outro lado, a precariedade na produção de ideais identificatórios capazes de propiciar uma saída normativa para o Édipo resulta na emergência da angústia. Frente à angústia o indivíduo desliza não para o desejo decorrente da falta, mas para o gozo mortífero propiciado pela violência e pela ilusão da onipotência que, no final das contas, emerge como modo de lidar com a angústia que resulta da falta da falta.

## **CAPÍTULO 4 – ADOLESCENTES QUE MATAM: DO VAZIO CONSTITUTIVO À VIOLÊNCIA**

Na teoria freudiana a identificação é um processo nuclear para as tramas do complexo de Édipo e para a castração, logo, é um processo central na estruturação do sujeito. Por isso o processo identificatório decorre e participa decisivamente nas relações do sujeito com aqueles que se ocupam das funções materna e paterna, e com o estabelecimento ou com a falência da Lei simbólica. É nos desdobramentos das relações com as figuras primitivas que pode ser pensada a constituição psíquica desses adolescentes que passam ao ato de matar.

Depois de explicitar a gênese e o desenvolvimento do processo identificatório na teoria freudiana, depois de discutir o papel das funções materna e paterna e suas ligações com a constituição do sujeito, dedico-me, então, ao fenômeno contemporâneo dos adolescentes autores de ato análogo a homicídio. Por meio dos discursos

desses sujeitos busco estabelecer tanto sua história de vida quanto a descrição dos atos infracionais de sua autoria. O esforço descritivo foi acompanhado de uma atitude reflexiva que pretendeu apreender, numa investigação próxima da escuta clínica de orientação psicanalítica, os nexos que possibilitam a compreensão de tais atos e uma produção de sentido acerca deles que ultrapassem o aparente e imediato, sendo capaz de produzir esclarecimentos sobre o psiquismo desses sujeitos. Penso ser importante ressaltar que não se trata de tentar enquadrar os sujeitos deste estudo em qualquer rotulação diagnóstica. Uma caracterização diagnóstica fechada incorreria no risco de ser a expressão de preconceitos e reducionismos contrários à radical compressão de que não há subjetividade fora do laço social. As entrevistas clínicas realizadas neste estudo, embora apresentem indícios, não oferecem condições suficientes para o enquadramento dos sujeitos em uma ou outra estrutura clínica.

Para tanto, nas páginas que se seguem, relato na história de vida de três sujeitos adolescentes, tomados como expressões dos fenômenos que pretendi conhecer. Os pontos considerados mais significativos serão destacados e discutidos à luz da teoria e da prática psicanalítica. A tese que tento sustentar é que a violência emerge a partir de certa fixidez e de certa insuficiência dos vínculos primários. Portanto, privilegiarei, nos discursos dos sujeitos, os aspectos que dizem respeito a suas relações com a presença e com a ausência – com a presença da ausência – dos sujeitos que se ocupam das funções materna e paterna. Nesse ponto lembro ao

leitor que não se trata especificamente das pessoas que colocaram seus nomes no campo da filiação nas certidões de nascimento dos filhos. Trata-se, sim, de funções simbólicas estruturantes do psiquismo para todos os falantes, funções que podem ser ocupadas por uma série de substitutos. Além desse enfoque nas relações primárias é fundamental destacar a partir do deslizamento da cadeia significativa, os efeitos da Lei em seus aspectos objetivos e subjetivos na vida de cada um dos sujeitos. Tomemos, então, a fala dos adolescentes buscando o que se pode apreender entre o dizer e o dito.

#### 4.1 – Caim<sup>36</sup>

Caim, 16 anos de idade, sexo masculino, cumpria medida socioeducativa de internação, respondia a processo por latrocínio. Foi internado em 2012, não cumpriu qualquer medida socioeducativa anteriormente. Caim não conheceu o pai biológico, foi criado pela mãe e pelo padrasto a quem na maioria das vezes chamava de pai. Cursava o 2º ano do ensino médio e tinha situação escolar acima da média dos adolescentes internados no Centro de Internação de Adolescentes. A renda da sua família era de aproximadamente dois salários-mínimos. Declarava-se dependente de maconha, dizia nunca ter usado crack ou cocaína, mas já tinha experimentado

.....  
36 Visando preservar a identidade dos sujeitos, evitei explicitar dados que poderiam permitir sua identificação. Logo, todos os nomes e lugares são fictícios.

“drogas de festa” – lóól, LSD, lança perfume, etc. Não fazia uso de bebida alcóolica e não fumava cigarro comum.

Antes de refletirmos sobre a fala de Caim, observemos brevemente parte da história da sua mãe. Durante a entrevista com a mãe de Caim ela contou ter um irmão e que sua mãe não era casada com seu pai que tinha outra família. A mãe de Caim não era registrada pelo pai, em seu registro de nascimento havia somente o nome da sua mãe.

*Mãe de Caim – Meu pai era muito agressivo, dava tiro dentro de casa nos pés da minha mãe. Ele não era um pai que ficava em casa, tinha dia que ele estava em casa, tinha dia que ele não estava. Com o tempo eu e meu irmão olhava assim... Achava estranho porque meus tios ficavam em casa todos os dias. Por que meu pai não ficava?*

Ela conta que a sua mãe fugiu da casa do seu pai levando-a e seu irmão e foi morar com outro homem que passou a ser seu padrasto. Ela não aceitava o padrasto. Depois que cresceu entendeu que seu pai tinha outra família e que ela e seu irmão nunca foram assumidos pelo pai. Até os dez anos de idade ela tinha no pai uma referência de autoridade e de carinho, diz que apesar do pai ser agressivo, ele era também muito carinhoso. Depois que sua mãe foi morar com seu padrasto ela não teve mais referência de carinho nem de autoridade. Ela era mais apegada ao pai e não aceitou o padrasto, mesmo o padrasto sendo “bom e respeitoso”, ela diz que não aceitava nada que ele dizia.

*Mãe de Caim – Depois que eu fiquei afastada do meu pai eu fiquei muito rebelde com minha mãe.*

Já na adolescência, rebelde com a mãe e com o padrasto, ela saía para festas e acabou ficando grávida de Caim após ter relações sexuais com um rapaz que ela não conhecia. Foi nessas condições que Caim foi concebido.

A equipe técnica do Centro de Internação de Adolescentes diz que Caim é um *bom menino*, que tem boas relações com a equipe e com os demais internos, dizem que Caim sairá logo, pois se mostra comprometido com seu processo de reeducação, consciente e arrependido do erro que cometeu. Além disso, ele participa de todas as atividades propostas, frequenta regularmente as aulas e é um bom aluno. Certa vez um policial militar que trabalhava no Centro de Internação de Adolescentes me disse que se eu quisesse conhecer os adolescentes infratores deveria entrevistar outros adolescentes, pois Caim não é *barra pesada*.

Durante as entrevistas Caim é cordial e participativo, fala com clareza, usa frases bem articuladas e não parece fazer restrição consciente ao que fala. Suas entrevistas duram mais de uma hora e só terminam por minha iniciativa. Quando acaba uma entrevista, ele logo aceita marcar a próxima.

***Meu pai... Meu pai mesmo eu não conheço!***

Caim nasceu e cresceu em uma das regiões mais pobres do município de Goiânia-GO. Sobre as circunstâncias do seu nascimento disse o seguinte:

*Caim – Meu pai... Meu pai mesmo eu não conheço! Minha mãe fala que conheceu ele numa festa e aí rolou as coisas entre eles e ela teve eu.*

Sua mãe teve duas outras filhas com homens diferentes, nas mesmas condições em que teve Caim, até casar-se com o padrasto de Caim com quem tivera mais uma filha.

Caim chama o padrasto de pai e no início sua fala parecia indicar que este ocupara mesmo o lugar de pai, como o trecho seguinte mostra:

*Caim – Aí, minha mãe conheceu meu padrasto que pra mim... É um pai pra mim, cuidou de mim desde pequeno.*

Quando sua mãe se casou com o padrasto, Caim tinha aproximadamente três anos de idade. Pensava que o padrasto era seu pai legítimo até o dia em que ele e a irmã ouviram acidentalmente uma conversa da mãe com uma amiga. Depois desse fato, eles questionaram a mãe e ela lhes revelou a história do seu nascimento, seu genitor era outro homem. É importante observar que Caim dizia ter sempre pensado que o padrasto era o seu pai, mas o padrasto somente surge na cena familiar quando Caim já tinha

aproximadamente três anos de idade. Caim recalcou a ausência do pai nos primeiros anos de sua vida e construiu uma fantasia acerca da presença do pai. Contudo, sua mãe conta que desde o momento que Caim descobriu que o padrasto não era seu pai ele ficou rebelde e não aceitava mais nada que o padrasto lhe dizia.

A amnésia infantil como pensada por Freud parece operar e Caim reconhecia o tempo em que vivera só com a mãe dizendo que no início eram só ele, a mãe e a avó, mas desconhecia a ausência do pai. Ele passa a primeira parte da sua infância nessa vinculação exclusiva com a figura materna que constitui maciçamente o objeto primordial para ele. Caim fala com gravidade dos sacrifícios de sua mãe durante a gravidez para que ele pudesse nascer:

*Caim – Aí minha mãe pegou e explicou pra nós, falou que ela era jovem e conheceu um rapaz na festa, os dois ficaram, foi só uma noite só, ele sumiu, passou uns quatro dias ela descobriu que estava grávida. Ela pegou e ficou comigo, assu..., ela cuidou de mim. Passou uns tempos ela parou de fumar por causa de mim, parou de beber pra cuidar de mim.*

Os relatos de Caim sobre a primeira fase de sua infância apontam para um tempo em que ele e a mãe eram próximos, tempo em que a mãe cuidava dele e que a mãe ainda não era casada. Eram só ele, as duas primeiras irmãs, a avó e a mãe. Avaliava que era um tempo bom, que tivera uma boa infância.

*Caim – Minha infância era boa, né? Brincava, soltava raia, nós íamos para casa da minha avó direto quando eu era mais novo.*

Era um tempo de brincadeiras, de liberdade e de presença da mãe que *cuidava dele*. O relato sobre essa fase parecia apresentar um caráter de idealização típico. Caim não apontava problemas, sua lembrança era da presença da mãe e da avó, ou seja, de suas *duas mães* e das brincadeiras que fazia. Contudo, falava das dificuldades financeiras de sua mãe que não tinha profissão definida e precisava sustentar três filhos sem a participação dos pais. A ausência da figura paterna era de tal modo acentuada que nem o avô de Caim aparece em seus relatos sobre essa fase. Caim relatou apenas lembranças positivas de sua infância, das quais falava com certa nostalgia, com certo ar de quem lamentava o tempo que passou:

*Caim – Eu e meus irmãos brincávamos de casinha e era muito bom. Essa época era muito bom e eu acho que nunca vai voltar atrás.*

Segundo as palavras de Caim sua mãe era a pessoa mais importante da sua vida, em quem ele confiava. A única referência ao sentimento de amor feita por ele durante as entrevistas foi em relação à mãe. Quando perguntado sobre quem era a pessoa mais importante em sua vida ele disse:

*Caim – Era minha mãe. Porque ela sempre cuidou de mim bem, me deu educação, quis meu bem, nunca quis meu mal.*

A mãe de Caim não só era a pessoa mais importante em sua vida como era sua única referência afetiva e a única figura de autoridade, ainda que precária. A figura do pai aparece esmaecida no discurso de Caim, o trecho seguinte é bastante revelador dessa situação:

*Caim – Foi a minha mãe e meu pai que sempre cuidou de mim... Ah... Eu sempre gostei muito do meu pai, né? Mas quando eu era pequeno se eu precisasse eu corria pra minha mãe. Com certeza!*

Embora o padrasto fosse o provedor material, também precário, da casa de Caim, ele dizia enfaticamente que quem mandava na casa era sua mãe.

*Caim – Minha mãe! Toda vida foi ela. Meu pai tinha vez que ele tomava umas e os dois brigavam. Até que teve uma vez que ele parou de beber porque minha mãe chamou a polícia pra ele. Foi ruim, foi a maior bagunça lá, foi ruim. Minha mãe jogou uma lata bem na testa dele tem um caroço até hoje.*

Em entrevista feita com o padrasto de Caim ele se mostrou uma pessoa cabisbaixa, a voz era quase inaudível, falava pouco, aparentava humildade. Sobre a participação de Caim na pesquisa ele disse que Caim é quem decidia se participaria ou não, o padrasto de Caim não manifestou opinião, ele não deu sua voz nem sua autoridade de pai. O padrasto de Caim não emerge como referencial simbólico capaz de dar suporte para a constituição do sujeito em sua divisão psíquica. Não há no discurso de Caim qualquer referência ao suporte da Lei. Assim como Édipo que desconhecia sua origem, Caim

vai em direção à sua tragédia, tenta escapar da posição de quem é tudo para a mãe, mas não encontra suporte para tal interdição.

***Meu pai ganhava pouco, até hoje ele ganha pouco***

Sobre seu padrasto Caim diz que era um homem trabalhador, mas ganhava pouco, mesmo assim Caim diz que seu “pai” cuidou dele e lhe deu tudo o que pode.

*Caim—Meu pai ganhava pouco, até hoje ele ganha pouco... Aí minha mãe tinha que trabalhar pra ajudar porque eram quatro filhos que ela tinha e só o salário do meu pai não dava, minha mãe bordava pra ajudar.*

A figura de pai na vida de Caim é a de um homem de bem e trabalhador, mas que ganha pouco, não ganha o suficiente para sustentar a família, por isso a mãe de Caim precisava trabalhar. Os discursos de Caim e de sua mãe indicam que seu padrasto, além de ganhar pouco, não tinha voz ativa na família nem ocupava um lugar no desejo materno. Como diz a mãe de Caim, o padrasto apenas significava *um seguro* para ela. Desse lugar de uma potência esmaecida, a figura paterna parece não ter condições para exercer a função de interdição como pensada por Freud no desenvolvimento da sexualidade infantil. Segundo a teoria freudiana é em função da interdição paterna que os desejos edipianos são substituídos por identificações. Isso se dá através de um processo pelo qual “a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai” (Freud, 1976/1924,

p. 221). Ao longo da infância e da adolescência essa autoridade é exercida também por avós, tios, padrinhos, padres, pastores, professores, médicos, etc. Pela via da identificação com o agente paterno, a castração assinala a constituição do núcleo do supereu, ou seja, do fundamento da Lei em sua dimensão simbólica. Nessa perspectiva, a história de Caim não apresenta traços de reconhecimento de qualquer autoridade ou Lei. Para Caim a lei é externa e somente funciona como coerção ou punição. O padrasto de Caim não emerge no discurso da mãe como objeto de seu desejo e nem no discurso de Caim como objeto identificatório. Não foi possível para Caim eleger o padrasto como figura de identificação. Esse lugar comparece no discurso de Caim como um espelho que não lhe oferece uma imagem do que ele poderia vir a ser, a imagem do espelho que retorna para Caim é vazia, um lugar vacante.

As entrevistas permitem-nos pensar que Caim permaneceu como a única figura masculina que sua mãe desejou e com a qual ela tentou permanecer. Desse modo, Caim resta tomado nesse lugar de objeto do desejo materno, abandonado por um pai que parece não saber da sua existência e frente ao outro pai (padrasto) impotente para se interpor na relação mãe-filho-falo.

### ***Eu chorava de saudade da minha mãe... Amor de mãe é único, né?***

Um momento na história de Caim que merece destaque é quando ele entra na idade escolar. Não tinha escola perto de sua casa, e a mãe trabalhava para ajudar nas despesas da casa. Então Caim foi morar com a avó para estudar numa escola perto da sua casa.

*Caim – Aí minha mãe apertada, arrumou um serviço numa escola pra ajudar meu padrasto, e eu tive que ir morar com minha avó. Eu já estudava e não tinha creche pra mim.*

Observamos nessa passagem novamente a questão da insuficiência do pai. Uma vez que o pai não ganha o suficiente, a mãe teve que ir trabalhar. Caim associa a essa situação o fato de ir morar com a avó, enquanto as irmãs permaneceram morando com a mãe. De qualquer modo, a entrada na escola, enquanto ampliação do círculo social, foi repleta de conflitos. Caim diz que a mãe o visitava todas as noites e que ele chorava sempre quando a mãe ia embora e o deixava na casa da avó.

*Caim – Ela saía do serviço e ia a pé pra me ver, eu morava com minha avó. Toda vez que minha mãe ia lá eu começava a chorar, dava birra, queria ir com ela, fiquei um ano assim, minha mãe parou de trabalhar eu fui morar com ela de novo. Eu chorava de saudade da minha mãe... amor de mãe é único, né?*

Essa é a primeira situação de separação da mãe experimentada por Caim. A afirmação: *amor de mãe é único*, parece indicar que Caim permanece ligado a esse amor, não faz outros laços amorosos, não elege outros objetos de amor, permanece nesse lugar ambivalente, experimentando intensidades de amor e ódio na relação exclusiva com a mãe. Ligado a essa mãe *batalhadora* Caim vai aos poucos se identificando com o desejo desse Outro, em sua fantasia ele tem o

poder e o dever de, ao contrário do padrasto, satisfazer essa mãe, ganhar o suficiente, ser o suficiente para a mãe.

*Caim – Minha mãe é uma pessoa muito boa pra mim. Eu gosto muito dela. Se eu perder ela eu acho que minha vida vai... Amor de mãe é único.*

*E<sup>37</sup> – Amor de mãe é único?!*

*Caim – É. Eu não troco ninguém por minha mãe.*

Como o trecho acima mostra, Caim reafirma as características boas da mãe, destaca seus cuidados para com ele e ao mesmo tempo lembra, ou é lembrado, de que a mãe brigava com ele. Sua mãe ‘sempre foi de boa’. Eis aí um elemento da ambivalência presente no discurso de Caim sobre ele e sua mãe. Contudo, como se o sentido da frase fosse crescendo em sua intenção de re-velar – jogo de esconde-esconde, mostrar escondendo, esconder mostrando –, de repente Caim depara-se com algo que o deixa como que paralisado, sua voz torna-se muda e segue-se um semi-dizer apontando para o terror do saber sobre a incompletude da mãe, saber que, nesse momento, se assenta na ideia da mortalidade da mãe: *Se eu perder ela eu acho que minha vida vai...* Caim não consegue completar a frase, ele não pode dizer o que seria da sua vida se ele perdesse a mãe. Ele fica um pouco em silêncio e depois sentencia: *Amor de mãe é único!* Caim não pode dizer o que sente frente à ideia da morte da mãe, o que se segue ao seu silêncio é a reafirmação

de que o amor de mãe é o único que ele tem. Além disso, o tom de promessa ao dizer que não troca ninguém pela mãe. Aqui uma palavra é negada, quase uma meia palavra é dita por algo como que um giro na mordança do recalque. Caim diz que “não troca *ninguém* por sua mãe”. O ato falho, tal qual ensinado por Freud, porta uma verdade. Por um lado, Caim permanece ligado visceralmente à mãe, as duas vidas estão ligadas com tal intimidade que um pensa não sobreviver sem o outro. Por outro lado, ele diz não troca ninguém por sua mãe. ‘Ninguém’ é tomado em uma positividade que Caim diz guardar para si e não trocar essa positividade nem mesmo pela mãe. Por outro lado, ‘ninguém’, tomado enquanto negatividade, não pode ser alguém que ocuparia o vazio que Caim tenta tamponar. ‘Ninguém’ porta o vazio tanto quanto garante a impossibilidade de que a mãe, ou quem quer que seja, o preencha.

### ***Ele foi um grande homem pode se dizer***

Caim aponta que no início de sua infância o padrasto chegara a ocupar certo lugar de importância, refere-se a lampejos de traços identificatórios. Mas, segundo sua mãe, Caim não respeita o padrasto como pai.

*Mãe de Caim— Acho que ele não respeita o pai não, como pai não. Ele respeita pelo convívio que teve, mas como pai não. Acho que quando a gente respeita um pai a gente tenta ser o espelho, né?*

*Caim – Como meu pai! Eu queria ser como ele! Eu vejo assim, ele sempre nos ajudou, nessa época eu nem sabia que ele é meu padrasto eu só fiquei sabendo depois. Ele sempre ajudou, ia trabalhar de bicicleta, era longe e ele ia todo dia, até hoje ele vai trabalhar de bicicleta. Sempre ajudou, ele foi um grande homem pode-se dizer.*

‘Pode-se dizer’ que o padrasto foi um grande homem! Mas não é o que Caim diz, o padrasto era pedreiro, ganhava pouco. Caim queria ter uma moto e ganhar muito. Antes de eleger a moto como objeto almejado, ele começou a roubar e queria “torar<sup>38</sup>” uma bicicleta com freio a disco, até queria ter uma bicicleta, mas não era como a do padrasto. Um dos primeiros roubos à mão armada foi tentando roubar uma bicicleta com freio a disco. Ele e o amigo conseguiram roubar uma bicicleta comum, como a do padrasto; Caim não a quis e deixou-a com o amigo.

Caim lembra de uma vez em que apanhou do padrasto. Esse é o primeiro momento no qual ele refere-se ao padrasto chamando-o de padrasto e não de pai, como fazia. Essa mudança foi apontada a Caim que parece não ter se importado com a confusão pai/padrasto. Ele diz que o chamou de padrasto por não ter gostado da surra que levou. Um incidente na escola foi presenciado pela mãe que solicitou a participação do padrasto. Este parece ser o único momento em que sua mãe atribui ao padrasto o lugar de autoridade, mas de uma autoridade que pune, que aplica dor, não

.....  
38 Gíria para roubar.

há palavras aí. A voz do padrasto continua muda e é a voz da mãe que solicita o castigo.

*E – Quando você fala dele (padrasto) você sempre diz pai, mas quando você falou da surra que ele te deu você falou padrasto. Você percebeu?*

*Caim – Percebi. É que ninguém gosta de apanhar, né? Eu estava merecendo, na escola eu fazia muita bagunça. Quando chegou em casa, meu padrasto chegou do serviço. Nossa casa era um quarto com sala e cozinha. Eu lembro que eu apanhei na sala, ele me colocou de joelho e me deu umas três cintadas, assim, foram só três, mas foram três que até hoje eu não me esqueci da surra que eu levei dele.*

Ainda sobre a relação com o padrasto, Caim relata um importante momento que parece ser de ruptura com o que restava da imagem do lugar do pai para ele.

*Caim – Teve uma vez que estávamos brigando (Caim e as irmãs) e meu pai foi separar e sem querer ele meteu a mão na minha cara, sem intenção, assim, sabe? Aí eu peguei e, sei lá... Raiva... Eu peguei uma faca pra ele. Ele entrou pra dentro do banheiro e falou pra eu não fazer nada pra ele que ele gostava de mim, que foi sem querer, mas eu fiquei lá fora. Aí ele falou que ia chamar a polícia, minha mãe estava trabalhando, estávamos só eu, minhas irmãs lá em casa e ele, minha mãe estava trabalhando. Aí eu peguei e saí. Nós ficamos uns dias sem conversar, eu e meu padrasto, por causa de bobeira, né?*

A faca empunhada por Caim não cortou a carne do padrasto, cortou mais que isso. A faca cortou o que restava da autoridade do padrasto. Corte profundo que incidiu no lugar do pai e deixou Caim à deriva, entregue a fantasia daquilo que era para ele o desejo da mãe. O desejo insaciável da mãe em sua saga pela completude. Como vemos na entrevista com a mãe de Caim, na história da sua infância também estão presentes o desamparo e a busca por algum tipo de pai que pudesse lhe apresentar mais que os rudimentos da Lei.

### ***A minha mãe é que nem eu***

Ao falar sobre sua mãe Caim aponta os indícios primitivos de sua identificação primária.

*Caim – A minha mãe é que nem eu, ela é esquentada, qualquer coisinha eu esquento. Qualquer coisinha, uma brincadeira se eu não gostar, eu saio de perto ou brigo. Minha mãe é que nem eu, esquentada. Minha mãe é que nem eu, não dá de mole pra ninguém!*

A primeira ideia a se destacar nesse fragmento do discurso de Caim é que à primeira vista Caim é igual à mãe, mas de onde parte a referência identificatória? Caim não diz que ele é igual à mãe. Exatamente ao contrário disso, ele diz que a mãe é igual a ele. Que confusão é essa? Não é da mãe que parte a possibilidade identificatória de Caim, ele reconhece que há semelhanças entre ele e a mãe. Mas ele não aponta a mãe como modelo a ser seguido.

Sua mãe, assim como Caim, busca alguém ou algo que se ocupe da função paterna e lhes ofereça ancoragem na vida.

Mãe batalhadora! Mãe que partia pra cima do padrasto para defender os filhos. Também mãe que não fez laço com nenhum dos pais de seus filhos, que engravidou de quatro homens diferentes e que não apresentou um pai ao filho. Que se vinculou a um homem a quem ela não dava o lugar de pai na dinâmica da família. Voltamos à questão de que Caim parece ter sido o único homem a permanecer na vida dessa mãe. Como poderia Caim escapar dessa armadilha? Durante a infância tudo foi bem. Ele diz que sua infância foi um tempo bom que não volta mais. Quando chega a adolescência com sua intensidade pulsional Caim não tem quem o defenda dos encontros e dos desencontros com a mãe, mas ele não pode mais permanecer nesse lugar. Ele diz que amor de mãe é único! Ele está nesse lugar do objeto de amor dessa mãe.

Minha hipótese é que ele procura onde se apoiar para sair desse lugar que o angustia, mas diante da angústia o único caminho que encontra é a transgressão e a violência. Talvez se possa pensar que as grades do Centro de Internação sejam a única realidade a colocar algum ordenamento na relação fusional entre Caim e sua mãe.

### ***Comecei a usar maconha com 12 anos***

A experiência transgressora de Caim ganha corpo em sua relação com a escola e é denunciada logo de saída pela mãe. Seus desentendimentos com a mãe começam na fase escolar. Primeiro

quando a mãe o deixa morando na casa da avó, aí Caim chora de saudades, quer voltar para a mãe. Depois, Caim começa a experimentar outro mundo fora de casa e fora da fusão com a mãe. Descoberta que começa a ser feita por meio do futebol e da brincadeira de soltar pipa. Eis o caminho pelo qual iniciaram os desentendimentos entre ele e sua mãe.

Caim se envolve com outras pessoas, joga futebol e brinca com elas. Tinha notas boas e nunca tinha sido reprovado na escola. Mas não quer estudar, quer ficar livre, solto na diversão enquanto a mãe vai para o trabalho. Em sua casa tinha uma regra, ele deveria estudar. Mas Caim não toma para si essa regra, não obedece e não estuda, só não foi reprovado nesse ano porque tinha bom comportamento e as professoras gostavam dele. Sua mãe sai para trabalhar, as irmãs vão para a creche e Caim fica o dia todo sozinho. Ante essa experiência de abandono Caim encontra amparo na rua, faz outras relações e os amigos com os quais solta pipa e joga futebol tornam-se presença importante. Nessa mesma escola e nessa mesma época, por volta dos doze anos de idade, Caim depara-se com outro mundo que desconhece as regras que sua mãe tentava anunciar.

*Caim—Também nessa escola eu fui conhecendo a malandragem, comecei a fazer coisa errada.*

Como na maioria dos casos dos adolescentes brasileiros que cometem atos infracionais, Caim encontrou uma porta que teve um duplo sentido: por um lado o sentido de porta de saída pela

qual ele buscava sair do enlace dual com a mãe; por outro lado, o sentido de porta de entrada, pela qual ele fez sua entrada no mundo da transgressão. No caso de Caim, como na maioria dos casos, a porta de entrada marginal foi a precariedade da sua vida material, o desejo de consumir os produtos veiculados na mídia e o uso de maconha. Para sustentar seu desejo de consumir Caim encontra no tráfico um meio para ganhar algum dinheiro.

*Caim—Comecei a usar maconha com 12 anos. Quem me mostrou maconha a primeira vez foi um menino mais velho que tinha apelido de “gordinho”, ele era mais velho e falava que eu era ‘corró’, que eu não usava, né? ‘Corró’ quer dizer um comédia! Um merda! Aí eu peguei e comecei usar, usei a primeira vez e não deu graça. Eu ia pra escola e todo dia ele começou tipo me ‘aplicar’ todo dia, né?*

Caim foi desafiado pelo colega de escola que era um menino mais velho. Ele caiu nessa cilada. Ao ser chamado de ‘corró’ Caim quis provar que não era o menininho da mamãe. Dizia não dar de mole pra ninguém, mas não percebeu que foi exatamente o que fez com o “gordinho”. Apesar disso, ele tentou escapar dessa armadilha, buscou no futebol e na brincadeira de soltar pipa o meio para isso.

*Caim— Eu peguei e parei de ir pra escola e fiquei uns tempos sem mexer com maconha. Eu não era viciado todo dia, né? Não tinha nem tempo, Eu comecei a gostar só de jogar bola, fui jogar bola todo dia. Todo dia, de manhã e à tarde! De manhã e à tarde!*

Mas Caim deixou igualmente de cumprir a regra que sua mãe tentava sustentar. Ele deveria estudar, mas acabou parando de estudar novamente. Ele estava entre a maconha que encontrava na escola e o futebol em tempo integral. Estudar não fazia parte de seus planos. Alguma coisa não ia bem com Caim, sua mãe percebia isso, mas não tinha condições para entender que não ir à escola era um modo de Caim escapar de fazer ‘coisa errada’. A pequena escola pública, em sua precariedade, também não tinha condições para refletir acerca do que acontecia a Caim.

Atribuir o problema isoladamente ao sujeito, na maioria das vezes, foi e continua sendo o único modo que instituições como família e escola encontram para lidar com situações de conflito.

Desse momento em diante iniciou-se uma ruptura com a regra e com a casa da mãe. Caim mudou de escola e começou a fazer “trem errado”. Em suma, começou o uso de maconha e a fazer pequenos furtos. Depois passou a usar maconha diariamente e a fazer roubos maiores, inclusive assaltos à mão armada.

Nesse tempo Caim não encontrava em casa, na mãe ou no pai qualquer figura de autoridade. Sua relação com a mãe era ambivalente, ele a amava e se preocupava com ela ao mesmo tempo em que queria sair de perto dela. As brigas entre os dois eram constantes, o padrasto permaneceu silenciado.

*Caim – Aí depois disso eu acostumei, toda vez que ela ia me bater eu empurrava ela, tinha vez que... Eu me arrependo disso até hoje... Tinha vez que eu agredia ela, isso foi por causa da droga... Sei lá.*

Se por um lado Caim cuidava da mãe, por outro lado ele a agredia, xingava, se escondia e fugia dela. Parece que Caim estava preso a uma teia bastante pegajosa para a qual ele não podia pegar uma faca como fizera para o padrasto. As brigas entre ele e sua mãe tinham como mote consciente as notas e a questão da escola, mas estavam permeadas pela dinâmica libidinal. Caim demandava um encontro com a Lei do pai, mas ao invés disso deparava-se com o investimento da mãe, com o amor da mãe.

***Conheci gente que era pior que eu... Sei lá... Queria ser igual a eles.***

Desse ponto em diante a história apresenta importante mudança. Nesta fase, Caim não apresenta qualquer traço identificatório, ele não diz mais que quer *ser* isso ou aquilo, não quer ser como alguém, ele apenas quer *ter*. Ele quer ter dinheiro e comprar uma moto. Ele começou a trabalhar em uma marcenaria com um primo. Chama atenção o fato de que ele ia trabalhar de bicicleta, assim como o padrasto.

*Caim – Depois que eu briguei com minha mãe a única coisa que vinha na minha cabeça era só trabalhar e comprar minha moto.*

Caim fumava maconha com o primo, ficava e almoçava na casa do primo, mas logo ‘descrençou’, fez trabalhos informais e depois reencontrou parceiros de drogas e assaltos. O padrasto continuava sem voz, ‘ficava de boa’. A mãe era batalhadora, ia atrás de Caim,

queria ele de volta, entrava nas casas dos colegas e tentava tirá-lo de lá, mas ele reagia com violência.

*Caim – Xingava, mandava ela ir tomar no cú, mandava ela ir pro inferno, falava altos palavrões mesmo. Falava pra ela sair do meu pé. [...] Ela ficava no meu pé, mas acho que é porque queria bem mesmo, né?*

Mas Caim encontrou outras parcerias, colegas mais velhos, mais experientes que ganhavam mais dinheiro.

*Caim – Eu tinha um colega meu que os irmãos dele ganhavam bem com o tráfico, eu comecei a envolver com eles também, eles me chamaram pra roubar com eles e eu comecei a roubar com eles também.*

Quando tinha treze anos Caim passou a fazer somente assalto a mão armada, ganhava mais dinheiro, dava um pouco de dinheiro para a avó e foi fazendo novas parcerias. Foi também nessa época que ele foi apreendido pela primeira vez. Relata as experiências já conhecidas desse encontro com a polícia: violência física, troca de tiros e abusos. Ele banaliza as apreensões dizendo que ganhou uns “BOzinhos” (Boletins de Ocorrência). Essa experiência repetiu-se várias vezes, em todas elas ele foi solto. Disse que o delegado queria mais era ver ele solto na rua para ser morto pela polícia.

Surgem no discurso de Caim novos objetos de identificação, ele explicita que queria ser como as pessoas que estava conhecendo.

*Caim—Conheci gente que era pior que eu, tinha gente que tinha era pacto com o demônio, tinha uns demônios tatuados na perna. Aí eu só fui querendo ser igual a eles, andava de motinha 150c, sei lá... Queria ser igual a eles.*

Agora Caim queria ganhar dinheiro e ter poder. Ele queria ser como os bandidos que conhecia. Quando perguntado se tinha algum sonho nessa época, ele responde o seguinte:

*Caim— Nessa época era ser bandido. Só se fosse bandido, né? Tinha um cara lá que eu pensava em si envolver. Ele andava de colete, de twistão, tinha uma pistola grandona, um oitão. Eu pegava revólver dele direto pra eu roubar. Ele tinha a mulherzinha dele também, a mulher dele aceitava que ele fazia os trem errado também.*

Esse ‘cara’ parece ser o modelo identificatório de Caim no momento. Foi essa pessoa que emprestou as armas para Caim cometer os homicídios.

*Caim— Se fosse pra eu matar ou fazer alguma coisa ele me emprestava. Ele via um pouco o meu lado... Se eu rodasse com um revólver dele ele ficava de boa e esperava um pouco pra eu pagar.*

Caim via ‘nesse cara’ uma imagem empoderada, ele tinha os objetos de consumo com os quais Caim sonhava, tinha a ‘mulherzinha’ dele e acima de tudo, tinha respeito, ou seja, as pessoas tinham medo dele. Para Caim tratava-se de alguém que podia gozar a vontade, que não precisava submeter-se às regras sociais

e que fazia suas próprias regras. De um lado era um homem, forte temido e admirado, de outro lado, era ainda uma criança que ao lado da violência entregava-se a experiências lúdicas como soltar pipa e andar em bicicletas incrementadas.

*E – Você me falou sobre um cara que andava num twistão, que tinha a mulherzinha dele, que te emprestava as armas quando você precisava. Fala um pouco dele?*

*Caim – Era o N. Quando eu era menor, morava na casa da minha avó, ele era bem mais velho que eu, eu via ele andando de bicicleta, ele tinha umas bicicletas doidas, antigamente a moda era só bicicleta, né? Essa mulherzinha dele, eu via os dois brigarem, ele xingando ela. Aí sei lá né? Passou um tempo eu comecei a fumar maconha com ele, comecei pegar drogas com ele pra vender. Ele já foi preso, ele está na CPP (casa de prisão provisória) ainda. Depois que eu fui preso, passou uns três meses e ele foi preso. Aí, sei lá. Eu queria ficar que nem ele. Porque todo mundo tinha medo dele. Ele trocava tiro com todo mundo.*

*E – Você foi querendo ficar como ele?*

*Caim – Sei lá... Mulher. Porque ele não ficava só com a mulher dele. Tinha um monte de mulher que dava moral pra ele. E ele não teve só uma moto, ele teve altas motos, ele teve 150cc, twister, ele já teve altas motos. Quando era época de raia assim, ele era fera.*

*E – Então você só queria ser igual ao N.?*

*Caim – Era. Ele tinha altos coletes, ficava sempre com um revólver, uma pistola. Até que eu fui crescendo mais, comprei um revólver e comecei a vender droga.*

Como o trecho acima mostra, N. era a imagem do poder fálico e da completude, podia gozar de várias mulheres, ter motos, armas de fogo e ainda era fera em soltar pipa. Caim queria isso pra ele, queria ser igual, era marcado pela presença da bicicleta que o remetia a seu padrasto, mas queria o superar, queria ‘altas bicicletas’, queria ter motos, queria ter várias mulheres, queria ser temido, ao mesmo tempo em que gostava muito de soltar pipa.

### ***Eu respondo por um latrocínio, o tanto de mortes eu não sei***

Caim estava internado e respondia por um latrocínio, mas durante as entrevistas foi perguntado sobre “as mortes”, se já tinha matado várias vezes.

*Caim – Foi... O tanto, tanto, eu não sei claramente não, mas foi uns seis ou sete vezes. eu respondo por um latrocínio. Eu preferia estar respondendo por um homicídio. Mas porque o delegado lá do CIOPS prendia eu e liberava. Ele falava que queria ver era solto, que não queria ver preso não. Falava: eu gosto de bichão é solto! [...] A ROTAN, a GIRO e a CHOQUE era tudo doida pra pegar nós, era tudo seca pra matar nós. [...] O delegado queria mais era me matar.*

Caim falava sem constrangimentos sobre os homicídios que cometeu e sobre sua rivalidade com a polícia. Não apresentava sinais de reconhecer no delegado, nas forças policiais, no promotor, no juizado, no padraço e na mãe qualquer presença de autoridade. Também não parecia haver em Caim uma experiência de culpa. Havia clara noção do que é certo e do que é errado, mas essa noção não lhe servia de orientação.

*Caim – Tipo assim. Eu envolvi com o J, ele era da minha idade, mas ele tocava o terror lá no setor, todo mundo tinha medo dele. O povo já tinha um pouco de medo de mim também porque eu já estava fazendo os trens lá. Aí o J... Esse Mc deu uma pisada lá... Esse Mc conversava comigo, eu passava droga pra ele. Ele perguntou se eu tinha droga pra passar pra ele, eu falei que tinha porque já queríamos pegar ele, marquei com ele dentro da mata. Aí chegou lá o J. matou ele, o J. deu uns dez tiros nele.*

Essa parece ter sido a primeira experiência de Caim com a morte, ele ajudou o amigo a preparar a armadilha para matar outro adolescente que deixara de pagar dívida de tráfico de drogas. Caim não relata qualquer experiência emocional em função do assassinato que ajudara a planejar e a executar. Segundo ele o Mc merecia morrer porque tinha *pisado na bola* com o amigo, ou seja, não pagou a droga que pegou.

Depois disso, aos 13 anos de idade, Caim deixou de ser coadjuvante e passou a cometer ele mesmo os assassinatos. Sua primeira vítima foi um adolescente que comprou droga e por falta de dinheiro acabou pagando com a própria vida. Os amigos de Caim começaram

a caçoar dele dizendo que ele, logo ele, estava ‘dando de mole’ para aquele moleque. Diante de tal provocação Caim funcionou como um autômato, um dos traços identificatórios de Caim com a mãe é que nem ele nem ela *dão de mole* para ninguém. Em seus relatos Caim não reconhecia planejamento prévio, as palavras dos amigos ressoavam em seus ouvidos durante todo o dia, quando chegou a noite ele apenas pegou uma faca na cozinha de sua casa e foi à casa do devedor que estava ‘folgando’ com ele.

*Caim – Eu sei que eu fui na casa dele, eu estava com uma faca, ele chegou perto de mim e eu dei uma facada no pescoço dele bem aqui ó. Ele caiu no chão e começou a espirrar sangue, foi um trem... Sei lá. Sei que eu fiquei a madrugada toda na rua.*

*E – Você tinha usado alguma droga?*

*Caim – Não, naquela época eu já usava maconha, mas eu não tinha usado não. Eu sei que no outro dia ninguém ficou sabendo. Não deu nada não. Aí os caras falaram comigo dizendo: “foi você que matou o fulano!” Eu falei: “Não, não fui eu não.” Eles falaram: Foi, foi você sim.” Sei que depois disso foi aumentando... Meu nome começou a espalhar pelo setor, eu fui crescendo... O povo começou a ter mais medo de mim.*

O respeito advindo do medo era importante para Caim, ele queria ser reconhecido como alguém, queria ter um nome. Não só ter um nome grande espalhado pelo setor, queria ter um nome reconhecido e que, por isso mesmo, lhe daria reconhecimento. O nome que Caim recebera de sua mãe não servia, com esse primeiro

assassinato Caim viveu outro batismo, recebeu dos amigos um apelido, um significante que passou a marcar sua vida. Segundo Martins (1991) o nome próprio, mais que um significante, além de uma marca identificatória, é um texto que o sujeito recebe do Outro, e experimentado como núcleo do que o sujeito vive como Eu. Nesse sentido relembramos que o eu é feito do Outro. O nome recebido é também o que inscreve o sujeito na ordem simbólica. Desde o primeiro assassinato Caim recebeu um nome das ruas, cujo ordenamento engendra uma busca pela totalidade, pelo gozo fálico, pelo prazer que advém do simples exercício do poder.

Nessa ordem não há o reconhecimento da Lei, o não matarás parece não fazer efeito na subjetividade de Caim que, durante as entrevistas, mostrou-se por um lado, siderado entre o amor pela mãe e a vida bandida. Por outro lado, foi no exercício da vida bandida que Caim foi ao encontro do desejo inconsciente que atravessa filho e mãe, o desejo de ser tudo para a mãe, de ser aquilo que, por não reconhecer limites, pode ser a completude para sua mãe, ou seja, ser o falo em uma relação que tenta desconhecer a castração.

Falando mais livremente, Caim dizia não se importar com o fato de matar. Quando perguntado diretamente sobre o que sentia em relação ao fato de ter matado várias pessoas ele mostrou certa indiferença e uma dose de prazer que revela que muitas vezes Caim matava por matar, nem sempre era por dívida de drogas.

*Caim—(Silêncio). Foi uma sensação boa e outra ruim. Boa porque eu ganhei moral lá no setor. A ruim é que... Sei lá... Eu matei o cara! (Silêncio) Matar*

*não é bom não. Mas só que é igual o N. me falava. É melhor você matar do que você morrer! Ele me dava altas ideias. Ele falava que era melhor eu ir preso com um revólver do que morrer cagando.*

Quando fala sobre os assassinatos, Caim lembra diretamente de N. Os traços identificatórios aparecem e dão suporte para o que ele estava se tornando. Havia um conflito mais ou menos latente entre o nome que Caim recebera de sua mãe e o nome que recebera das ruas ao tentar ser como o N.

É importante notar que Caim começou a matar quando se tornou adolescente, ou seja, no final do que Freud (1905) nomeou como período de latência. Frente à intensificação de vida pulsional Caim saiu de casa, foi para a rua e encontrou nos amigos da rua, principalmente em N. novos ideais identificatórios. Com esse movimento ele escapou do reencontro com a mãe, reencontro que se tornou fonte de imensa angústia, agora que seu corpo amadureceu.

*Caim – Tinha uns treze ou uns quatorze anos, eu não lembro direito. Eu ficava só vendendo droga... Ainda eu soltava raia na época. Só que raia eu solto até hoje.*

*E – Como foram as outras mortes?*

*Caim – Ah... As outras foram mais de tiro, mas depois teve outra que foi na facada. Nós fizemos uma sacanagem com um cara que estava dando banho nas bicicletas dos meninos lá tudo. Aí teve uma vez que estava eu, o cunhado do N. e tinha outro menino que eu não lembro o nome dele. Sei que nós pegamos ele, levamos ele pra mata, amarramos ele assim na árvore,*

*começamos a bater nele e falamos pra ele parar de fazer esses trens. Sei que o cunhado do N. estava com uma faca e começou a dar umas facadas nele. Aí eu peguei dei uma facada no pescoço dele de cada lado, a cabeça dele quase caiu no chão. Foi... Assim... Uma cena de filme.*

*E—Como assim, cena de filme?*

*Caim—Sei lá o cara amarrado todo esfaqueado, sem poder se defender...*

*E—Na primeira morte você disse que foi uma sensação boa e uma ruim. E nessa aí, como foi a sensação?*

*Caim—Ah, nessa aí eu já não senti nada não, né? Porque eu quase não fiz nada com ele, quando eu dei a facada nele ele praticamente já estava morto. Aí nós pegamos, saímos e deixamos ele lá. Passou uns quatros dias o povo achou ele lá.*

*E—Então, nessa você não sentiu nada.*

*Caim—Não senti nada não.*

*E—Nem bom, nem ruim ou nada?*

*Caim—Senti nada.*

Caim diz que não sentiu nada, nem remorso, nem culpa. Dessa vez Caim deixou-se levar pelo grupo de modo irracional, ele não ficou pensando, simplesmente deixou-se levar pelo líder do grupo, tal como Freud (1921) descreve em a Psicologia de grupo e a análise do eu. Além disso, é importante notar que Caim nega qualquer sentimento, nessa negação, nesse “senti nada”, Caim nega também o prazer que sente ao matar, prazer que vaza quando ele diz: Foi...

Assim... Uma cena de filme. Seus olhos brilham ao lembrar da cena digna dos sanguinolentos filmes de Hollywood.

*E—Nessa o pessoal já tinha mais medo de você, você já tinha mais moral?*

*Caim—Já. Eu já tinha pego um outro cara lá que brigou... Tipo assim... Ele estava me devendo cem reais, ele era sobrinho do pastor e o pastor falou que ia dar o dinheiro pra nós. Sei que eu tinha uma Bisinha,<sup>39</sup> eu encontrei o L., estava ele e namorada dele, eu falei: eu vou matar aquele bicho lá, ele não quer pagar e está só me enrolando. Aí o L. falou pra deixar isso de banda que o cara ia pagar a gente na segunda-feira. Aí peguei e falei vou deixar ele de boa então. Passou um tempinho nós fomos pra dentro da mata pra fumar maconha. Quando chegou lá esse cara estava lá dentro. Aí o L. falou: “empresta a chave da sua moto aí”. Emprestei pra ele e ele foi pra casa dele. Ficamos lá na mata eu, uns meninos e esse Noiado. O L. voltou e já foi logo batendo no Noiado, bateu com pau. Eu falei pra ele: moço, você falou pra eu não matar o cara não que ele ia pagar agora você quebra o cara?” Aí o L. disse que o Noiado tinha ido lá na casa da avó dele e falou pra avó dele que ele vendia droga. Eu peguei e falei pro Noiado ir lá pra fora, tentei acalmar o L., mas ele não quis acalmar. Saí lá fora o L. deu uma enxadada na barriga do noiado deu uma tijolada na cara dele, batemos nele com pau, a cabeça dele estava rachada...*

A frieza e a violência permanecem uma constante. Nesse dia o ‘noiado’ não morreu porque apareceu um guarda municipal que

.....  
39 Bisinha: apelido para um modelo específico de uma pequena moto.

impediu o assassinato. Mas sua sorte não durou muito, ele não tinha como pagar a dívida e Caim não *dava de mole* pra ninguém.

*Caim – Um dia eu subi lá dentro da mata, fui eu e o J. Na hora que nós entramos estava lá dentro o Noiado e um cara lá. Na hora que eu cheguei eu falei: cadê meu dinheiro? Aí ele falou que ia me pagar amanhã. Aí eu peguei e dei um tiro no peito dele e ele caiu. O outro que estava com ele foi tentar correr e o J. deu três tiros nas pernas dele. Aí ele não conseguiu correr né, e eu matei o Noiado. Aí deu um boró lascado lá, eu fui parar no CLOPS,<sup>40</sup> mas não deu nada não, não tinha provas, o delegado soltou eu.*

Esse parece ter sido o terceiro assassinato do qual Caim participou diretamente. Durante as entrevistas, desse ponto em diante, ele não manifestava qualquer juízo acerca do fato de matar, parecia que para ele era normal. No seu mundo matar e morrer era normal, Caim não mostrava crise de consciência ou dúvida quanto ao que se deve ou não se deve fazer.

*Caim – Depois do primeiro eu só andava armado. Aí firmei mais, fiquei vendendo droga. E roubava quase todo dia. Roubava pra caramba.*

*E – O que você fazia com a grana?*

*Caim – Uai! Gastava. Tinha vez que eu gastava setenta reais só de lanche, só à noite só, Pitdog, ia pra festa, pagava pras mulheres. Sei lá... Dava um dinheiro pra minha mãe também. Aí fui só piorando, piorando, piorando.*

.....  
40 Centro Integrado de Operação de Segurança do Estado de Goiás.

O dinheiro que Caim obtinha com os assaltos e com o tráfico de drogas era usado para o lazer em geral, para comidas e diversão com as mulheres. Ele exercia certo poder quando, usando o dinheiro do crime, podia pagar lanches para todos os amigos.

Após falar sobre essas três primeiras mortes Caim continuou a responder com a mesma naturalidade sobre as demais.

*E—Então, essas foram as três primeiras mortes e as outras como foram?*

*Caim—Foi só de tiro só. Eu dava tiro e os outros não morriam e eu ia parar no CIOPS. Teve outro também que deu banho nas peças da moto do J. Ele chegou lá na casa dele. O J. falou cadê as peças da minha moto? Ele tinha vendido as peças pra comprar drogas. Esse bicho era tão safado que ele queria que nós roubássemos o apartamento da mãe dele. Ele tinha roubado o botijão da sogra dele. Ele era bem safado. Aí o J. falou que queria o dinheiro, ele falou que não tinha dinheiro e que teria que esperar uns dias. Aí nós já estávamos meio secos nele, né? Sei que eu e o J. subimos na motinha dele, pegamos os revólveres e voltamos. Aí o noiado começou a rir, desafiando o J., aí eu peguei e dei dois tiros no peito dele e ele já caiu, tinha uns bichos que estavam com ele lá, o J. acertou um tiro na perna dele, eu acertei um tiro no ombro dele, só que ele sobreviveu. Nós fomos parar no CIOPS e depois fugimos do CIOPS. Sei que depois disso nunca mais ninguém pegou a gente não. Eu e o J. andávamos juntos pra caramba, ele era de boa, nós íamos pra altas festas juntos.*

Na parceria com o J., Caim encontrou certa vivência fraterna, um matava para o outro, eles roubavam e traficavam juntos. Diferente

da relação com o N. com quem Caim também se identificou. Com o J. o laço de Caim era mais de um igual, não havia entre eles um líder. Os dois estavam juntos e viviam do mesmo jeito, eram iguais.

***Dava vontade mesmo, matava só... Só pra ver ele cair mesmo***

O prazer que Caim experimentava ao matar foi assumido aos poucos durante as entrevistas. Pouco a pouco Caim foi se aproximando de um lado seu que talvez ele mesmo desconhecesse. O exercício da violência contra o outro é vivido como fonte de gozo sádico.

*E – Se não foi droga, o que te levou a fazer trem errado? Você sabe, tem gente que cai na vida errada por causa da droga. No seu caso não foi isso.*

*Caim – Sei lá... Foi mais pela revolta... (Ficou pensativo).*

*E – Revolta?*

*Caim – Uhum!*

*E – Revolta com o quê?*

*Caim – Sei lá... Quando eu era pequeno... Também sei lá... Eu gostava de fazer isso também...*

*E – Você gostava de fazer? Como assim?*

*Caim – Eu gostava, eu achava bom roubar, matar. Eu gostava!*

*E – Fala pra mim um pouco sobre isso, de gostar.*

*Caim – Sei lá... Sentia prazer... Não sei explicar como é não...*

*E – Quando você matava você sentia prazer?*

*Caim – Não, quando matava não, mas quando roubava sim. Achava bom chegar lá com dinheiro, não precisava trabalhar, chegava final de semana curtia com as mulheres, ficava com os colegas... Sei lá... Mais por causa da curtição mesmo... Ter fama.*

*E – Deixa eu entender. Hoje eu estou sendo mais direto, né? Estou fazendo mais perguntas e às vezes nem deixo você falar. Né?*

*Caim – Uhum.*

*E – Então, se eu te incomodar você me avisa. Tá?*

*Caim – Não, de boa!*

*E – Naquela época, antes de passar por aqui, quando você matava, você não pensava que tirar a vida era ruim? Ou pensava?*

*Caim – Não, tinha vez que pensava, tinha vez que o cara era tão... Assim... Eu tinha tanta vontade de matar o cara que nem... Dava vontade mesmo, matava só... Só pra ver ele cair mesmo.*

*E – Você acha que eu posso dizer sem exagero que, das mortes que você fez, você tinha algum prazer em matar? Alguma satisfação?*

*Caim – Tem uns que sim. Mas tem uns que só porque tinha que ter matado mesmo. Tinha um até que nós matamos lá, que deu vontade de matar porque ele falava assim: eu só não como minha mãe porque minha mãe não me dá. Aí deu vontade, ele já tinha comido as irmãs dele. Esse foi o que mais me deu vontade de matar.*

Ao assumir o prazer em matar Caim dá notícias de um modo de funcionamento mental que, apesar de não desconhecer lei em

seu aspecto jurídico com sua interdição de matar, desconhece a Lei simbólica advinda dos desdobramentos edipianos. Diante da sua agressividade Caim vacila entre duas posições: por um lado diz que matou por revolta e por dívidas ligadas ao tráfico de drogas; de outro lado, admite que gostava de matar, que tinha prazer em matar. Suas palavras dão notícias da sua entrega a um gozo mortífero. Matar tinha uma função útil: cobrar a dívida. Mas Caim matava também porque gostava, em suas palavras, *matava para ver o outro cair*. Ou seja, por vezes Caim matava como puro exercício da sua agressividade. Além disso, o cara que ele teve mais vontade de matar foi um sujeito que falava abertamente de seu desejo incestuoso. Essa manifestação declarada Caim não pôde tolerar. Por que será? De onde parte a rigidez dessa intolerância? Seria de uma moral assentada nos bons costumes ou seria no fato de que talvez inconscientemente Caim se visse espelhado nesse sujeito que merecia morrer?

Em suma, a configuração da dinâmica familiar de Caim parece apontar para uma função paterna impotente ao lado de uma mãe onipotente e de um filho em completude narcísica. Não parece haver vestígios da castração suficiente para operar a passagem do narcisismo primário à constituição de um Ideal de Eu capaz de oferecer suporte para a Lei em sua dimensão simbólica. Além disso, há o deslizamento da identificação imaginária, da fusão com a mãe, para tentativas de pertencer ao grupo dos iguais. Caim busca pertencer a um grupo no qual ele tenta encontrar várias figuras

identificatórias. Em todos os casos o *ter* e o *fazer* se sobrepõem ao *ser*. Nesse jogo o que se perde é a visada de tornar-se sujeito, ou seja, Caim parece estar incapaz de reconhecer-se fora da relação especular oferecida pelo olhar materno.

A negação da falta compareceu na desconsideração da Lei. Na ausência de um referencial simbólico que lhe seja constitutivo, Caim vai de identificação em identificação tentando advir naquilo que seria sua própria referência. Ilusão de onipotência que se materializa no sonho do consumo, no gozo das drogas e na violência. Se, por um lado, Caim acredita ser livre e não “dar de mole pra ninguém”; por outro lado, sua realidade parece se caracterizar mais pelo abandono que pela liberdade.

#### **4.2 – Miguel**

Miguel tem 16 anos de idade, é do sexo masculino e responde a processo por latrocínio. Ele é filho único, nasceu de uma gravidez não planejada quando sua mãe tratava de um nódulo no cérebro e já não esperava mais poder ter filhos. Sua mãe diz que ficar grávida foi, para ela, a melhor coisa do mundo. Foi uma gravidez preocupada e de risco. Logo no início da gravidez ela descobriu que seu marido tinha uma amante, traição que levou ao fim do casamento. Ela e o marido decidiram continuar morando juntos em quartos separados. Ambos tiveram outros parceiros. A mãe de Miguel chegou a ter outro namorado, mas diz que não deu certo e que ela resolveu

dedicar sua vida ao trabalho e aos cuidados com o filho. Desde o início da gravidez sua mãe diz ter se dedicado inteiramente ao filho.

*Mãe de Miguel – Fiz tudo por ele, ele sempre foi tudo para mim. Tudo o que eu podia eu dava pra ele. Ele era lindo, elogiado por todo mundo. As pessoas pensavam até que era filho de rico (Risos).*

O que se observa nas palavras de sua mãe é que ela realizara três descobertas mais ou menos ao mesmo tempo: tinha uma doença grave e talvez aos 31 anos de idade não poderia mais ter filhos; mesmo com pouquíssima probabilidade ficou grávida; descobriu que o marido com quem se relacionava há 17 anos tinha uma amante. O casamento não superou a traição do marido, assim, o filho tornou-se tudo para ela.

*Mãe de Miguel – Eu grávida era a melhor coisa do mundo. A necessidade da mulher é ter um filho. É muito bom você ter um filho, porque se você olhar e falar: pô, eu não tenho ninguém... Porque um dia as pessoas vão, se você pensar a pessoa mais próxima de você é sua mãe e se você perder sua mãe a única coisa que você tem é um filho. É muito bom você trocar essa troca de amor sabe? Você olhar no olho e falar: nossa, eu posso cuidar! É muito bom!*

A mãe de Miguel diz que depois da traição do marido ela não quis ficar com ele mais, diz que eles estavam juntos e ao mesmo tempo não estavam.

*Mãe de Miguel – Decidimos, em prol do Miguel, morar juntos, mas não como marido e mulher, nós somos muito amigos. Eu faço pra ele um papel assim, meio que de mãe dele, eu puxo ele pra cima. Eu sou muito resolvida, gosto das coisas muito certas e ele é mais tranquilo.*

A psicanálise ensina que frente à castração, enquanto corte que incide na relação mãe-filho-falo, o filho pode simbolizar para a mulher um modo de negar a falta e de tentar garantir sua completude narcísica. Segundo Jean Laplanche “a angústia de castração é um verdadeiro ponto de perspectiva que é o único a partir do qual, a maioria das vezes retrospectivamente, mas também prospectivamente, é possível obter uma visão complexa, exata, bem situada, dos outros tipos de angústia” (1988, p. 03). Nesse caso, a mãe de Miguel depara-se com a doença que lhe ameaçava a vida e descobre a infidelidade do marido. Duas descobertas que funcionam como marcas inegáveis da sua incompletude. Mesmo sendo uma gravidez de risco, ela decidiu enfrentar e se apegar ao filho como tudo o que lhe restara. O filho tornou-se ao mesmo tempo fonte e alvo de todo seu amor insaciável. Como diz Lacan: “essa mãe insaciável, insatisfeita, em torno de quem se constrói toda a escalada da criança no caminho do narcisismo, é alguém real, ela está ali e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar” (1985/1957, p. 199). A mãe de Miguel dedicou sua vida e todo seu amor ao filho, estabelece com o filho uma relação única na qual os dois mergulharam na completude narcísica.

*Mãe de Miguel – Ele não tem noção da imensidão do meu amor por ele. Eu deixo de viver eu, o ser humano eu, para viver o Miguel! Durante esses dois anos que ele está aqui preso eu também estou presa aqui. Tudo o que um ser humano podia fazer pra outro ser humano, pra mudar a história, eu fiz pra ele.*

Antes de ser internado no Centro de Internação de Adolescentes, Miguel foi detido várias vezes por tráfico de drogas, posse de armas, furto, roubo à mão armada e tentativas de homicídio. Já havia cumprido medida socioeducativa de internação provisória no Centro de Internação Provisória.<sup>41</sup> Miguel é filho único, foi criado pela mãe, pelo pai e pela avó que ele diz ser sua segunda mãe. Declarava-se usuário de maconha, dizia ter usado cocaína apenas uma vez e nunca ter usado crack; fazia uso aleatório de álcool e de cigarro comum.

Durante as entrevistas Miguel era cordial, porém pouco participativo, respondia às perguntas com desconfiança, falava baixo e com pouca clareza. No início parecia tentar controlar bem o que falava e por isso suas respostas eram mais lacônicas. Depois foi se soltando e tornou-se mais participativo. Porém, ao ser chamado para uma entrevista em dia e horário previamente combinado ele pediu para os técnicos do Centro de Internação de Adolescentes avisarem que ele não participaria mais da pesquisa.

.....  
41 O Centro de Internação Provisória foi desativado oficialmente em 02/06/2020.

***A minha infância foi muito boa... Eu fui muito mimado, eu tive tudo***

Miguel referia-se ao tempo da infância com certo ar nostálgico e com certa ostentação. Como se estivesse dizendo que sua mãe tinha mais condições financeiras que as mães dos seus colegas de internação. Havia um ar de reconhecimento que ele não precisava fazer o que fez, pois ele tinha tudo. Mas a experiência de ter tudo também aponta para o não reconhecimento da falta. Diante dele e para ele sua mãe podia tudo. Nessa perspectiva de onipotência pode-se apreender o repúdio da castração característico da identificação imaginária com o falo da mãe. Pois, se a estrutura da identificação se apoia na dinâmica que vai da renúncia do *ser* para *ter* o falo, ela pode ser definida em termos do duplo movimento de aceitação e de repúdio da castração.

*Miguel – A minha infância foi muito boa. Foi um tempo muito bom. Eu fui muito mimado, eu tive tudo. Minha casa era muito boa, era grande e tinha tudo lá em casa. Minha mãe sempre trabalhou bastante. Tinha de tudo lá em casa. Graças a Deus nunca faltou nada, era uma casa muito boa. (Silêncio).*

Sempre foi a minha mãe. Ela me deu muito amor, fazia tudo pra mim.

*Miguel – Sempre foi a minha mãe. Ela me deu muito amor, fazia tudo pra mim. Eu sou muito apegado a ela. Ela me dava tudo o que eu pedia. Sempre gostei mais dela.*

*E – Ela te dava tudo o que você pedia?*

*Miguel – Tudo. Brinquedos, carrinhos, roupas, tudo. Ela é a pessoa mais importante pra mim.*

*E – A pessoa mais importante da sua vida é sua mãe?*

*Miguel – Minha mãe!*

Sua brincadeira predileta era soltar pipa, o pai era quem fazia e soltava pipa com ele, no entanto, quando perguntado sobre quem seria sua reserva afetiva, ele responde de modo enfático que sempre foi sua mãe, sua mãe lhe dava tudo e era, portanto, a pessoa mais importante do mundo para ele.

*E – Está certo. Bom... Eu vou voltar um pouquinho no tempo, tá? Quando você era criança menor tinha alguém que você admirava, alguém que você conhecia e pensava assim: eu quero ser como essa pessoa? Antes de começar a ter esses problemas que fizeram você parar aqui. Tinha alguém?*

*Miguel – Tinha meus tios, meus tios...*

*E – É? Por que?*

*Miguel – Porque eles eram pessoas muito boas, né? Trabalhavam muito. Tinham altos trens...lojas...Um monte de coisas.*

*E – E seu pai?*

*Miguel – Meu pai estava lá, né?*

*E – Seu pai estava lá...*

*Miguel – É, estava presente. Meu pai... Uma vez ele largou a oficina pra ir atrás de mim e eu escondia dele.*

*E – Então seu pai estava lá sempre presente, mas você admirava e queria ser igual ao seu tio?*

*Miguel – Era. Meus tios, meus primos também. Eles eram crentes, tinham uma situação muito boa de vida, têm até hoje.*

*E – Eles tinham mais dinheiro que seu pai?*

*Miguel – Tinham. Eles eram donos de loja...*

*E – Aí você foi crescendo, se envolvendo, aprendendo a fazer coisas que davam mais dinheiro?*

*Miguel – Era só pelo dinheiro. Eu estava só se envolvendo e nem percebia, eu era mulequim na época, né? Achava que nem ficava preso, achava que não dava nada esses trens.*

Em seu discurso, seu pai não aparece nem como reserva afetiva, nem como figura de autoridade e muito menos como objeto de identificação.

*Mãe de Miguel – Às vezes eu falo pra ele do pai dele, sabe... Eu vejo que ele não tem respeito pelo pai, mas ele fala que não está nem aí. Porque ele vê que é eeu (coloca ênfase na pronúncia do eu) que faço tudo! Eeeu que corro atrás! Tudo o que ele precisa é eeu que faço! Eeeu que mantenho ele no que ele precisa! Quem toma a frente sou eu! Tudo o que precisa resolver na vida dele sou eu!!!*

Em um primeiro olhar o esmaecimento da figura paterna parecia diretamente ligado ao baixo poder aquisitivo de seu pai.

Mas para além dessa aparência o que se apreendia no discurso de Miguel e de sua mãe era que seu pai não ocupava um lugar no desejo materno. Por trás da presença sensível do pai jaz, em estado opaco, a função do pai claudicando no efeito de estruturação do Ideal do Eu e no estabelecimento da Lei simbólica. Para gozar com objetos que lhe dariam alguma satisfação Miguel admirava seus tios e primos e depois identificou-se com os parceiros da rua. Em momento algum o pai foi apontado como objeto identificatório, Miguel apenas dizia que gostava muito do pai. Mas seus olhos brilhavam, no início da sua infância, pelos presentes que ganhava e, depois, pelos objetos e dinheiro que roubava. Por outro lado, Miguel experimentava a presença maciça da mãe agindo diretamente em tudo que dizia respeito a ele. O pai ficava lá, de lado, às vezes mais parecia uma figura decorativa.

A mãe de Miguel é apontada como reserva afetiva exclusiva. O pai não comparece como uma figura a quem ele recorreria em busca de consolo e de carinho. Ele reconhecia o carinho da mãe e em sua falta reconhecia o carinho da avó materna, uma segunda mãe para ele.

*Miguel—Pra minha mãe, minha mãe e minha avó, são minhas duas mães. Minha avó que me olhava enquanto minha mãe ia trabalhar, minha avó que cuidava de mim. Minha avó cuidou mais de mim, porque minha mãe tinha um salão lá no centro, ela ficava lá o tempo todo e minha avó cuidava de mim pra ela ir trabalhar.*

Seu pai estava presente, mas sua presença não parecia parece fazer efeito na subjetividade de Miguel. Nem como reserva afetiva, nem como figura de autoridade. Tudo era sua mãe e, na sua falta, havia sua segunda mãe, ou seja, a avó. Parecia não haver lugar para a função paterna nessa dinâmica libidinal. Durante a entrevista com a mãe de Miguel esse não investimento no pai fica bem claro. Na tríade mãe-filho-falo o pai não ocupa lugar no desejo da mãe, desse modo, o pai não reúne as condições suficientes para realizar a interdição necessária capaz de barrar o gozo mortífero da relação mãe-filho-falo.

*E – Quem mandava na sua casa?*

*Miguel – Minha mãe!*

*E – Era ela que dizia o que era certo ou errado, dizia o que podia e o que não podia?*

*Miguel – Era.*

*E – Como eles te educavam? O que eles faziam pra te educar?*

*Miguel – Muitas vezes batiam, educavam. De vez enquanto eu levava uma peia.*

*E – Você era custoso?*

*Miguel – Era. Fazia coisa de menino. Era custoso. Eu apanhava muito por causa de escola.*

*Miguel – Eu sempre estudei em escola particular toda vida, eu fazia muita bagunça. Minha professora era uma morena de cabelos cacheados. Minha*

*mãe sempre pagou escola pra mim, eu fui crescendo e fui dando trabalho na escola.*

É curioso notar que a descrição de Miguel acerca da professora dos primeiros anos de escola corresponde à aparência da sua mãe. Miguel reconheceu que nunca se interessou pela vida escolar, fazia muita bagunça e, por isso mesmo, apanhava da sua mãe, às vezes da sua avó, mas nunca apanhava do seu pai.

***Mandava... Meu pai era um pai muito bom. Isso foi só um tempo.***

*E—O que você acha do seu pai?*

*Miguel—Meu pai é muito bom. Me acompanhou toda a vida, até hoje. Meu pai sempre foi presente, nunca deixou faltar nada não.*

*E—E o casamento deles o que você acha?*

*Miguel—O casamento deles foi tranquilo. Nunca teve problema não, até um certo tempo.*

*E—Até um certo tempo?*

*Miguel—Foi. Depois eles tiveram uns probleminhas lá. Meu pai bebendo muito, não sei o que? Mas só foi um tempo mesmo.*

*E—O que ele fazia?*

*Miguel—Ficava lá bebendo com os amigos dele. Minha mãe ficava discutindo com ele, ela não gostava que ele bebia, enchia muito o saco dele e eles discutiam um pouco, mas ele sempre escuta ela.*

*E—Sua mãe mandava em todo mundo?*

*Miguel – Mandava. Meu pai era um pai muito bom. Isso foi só um tempo.*

*E – Dessa época você se lembra de mais alguma coisa que você queria falar?*

*Miguel – Não, só que minha infância foi muito boa.*

Em suma, sua mãe era a referência, trabalhava fora de casa o dia todo e ganhava o suficiente para dar ao filho ‘tudo’ o que ele queria, era a mãe quem mandava na casa, a Lei para Miguel era a lei do amor da mãe, diante de quem o filho podia tudo. O pai enquanto suporte da Lei não operava e o filho permanecia à deriva, naufrago no absoluto amor da mãe.

*Mãe de Miguel – Hoje eu amadureci muito em relação ao Miguel na questão de limite. Antigamente ele dizia pra mim que queria uma coisa da marca tal. O pai dele dizia que eu não devia dar essa coisa pra ele. Aí, eu pensava assim: Ah, eu só tenho ele! Eu tenho que fazer isso pra ele, eu tenho que fazer! Eu me sentia na obrigação de fazer, o pai dele falava pra não fazer e eu fazia assim mesmo. Hoje eu acho que isso talvez possa ter contribuído para deixar ele sem limites.*

A mãe de Miguel sentia ter a sua posse. Dizia: ah! Eu só tenho ele. Trata-se de uma mãe que não tivera limites e tomava o filho como posse, o filho foi colocado lugar do que opera preenchendo sua falta. Não podendo lidar com sua falta ela também não permitiu ao filho deparar-se com a castração. Lembremos que, para operar, via identificação, na estruturação do Ideal do Eu é necessário que o pai seja em um primeiro tempo apreendido pelo filho como

rival, como alvo do desejo da mãe. Na história de Miguel, a fusão mãe-filho-falo não pôde ser perturbada pela função paterna. Uma vez que a Lei simbólica não pôde operar, mãe e filho foram obrigados a enfrentar a lei em sua dimensão jurídica. Por isso, a mãe também se dizia presa há dois anos. O pai tentou algum lampejo de autoridade, dizia que deviam colocar limites ao filho, mas a mãe assume que não queria saber dos limites.

*Mãe de Miguel – Mãe é tudo! Mãe é tudo!*

A mãe de Miguel dizia que mãe é tudo! Ela era filha de um pai ausente, que chegava em casa alcoolizado, que não participava da criação dos sete filhos. Sua mãe criou todos os filhos sozinha e ainda dava dinheiro para seu pai gastar no jogo de cartas, na bebida e com mulheres. Daí evidencia-se sua afirmação: mãe é tudo! Se a mãe é tudo, o pai é nada! Essa foi sua experiência. Do seu pai ela não recebeu nada, no filho ela encontrou tudo e tornou-se tudo ou, em sua ilusão imaginária, ela tornou-se toda. Dessa onipotência Miguel não pôde escapar! Dessa onipotência derivava a violência de Miguel, ele sentia que podia ter tudo o que quisesse, nem que para isso precisasse roubar e matar. Eis a lei da sua busca de gozo ilimitado.

Além disso, Miguel buscava elogiar o pai e minimizar os problemas entre o pai e a mãe. Nessa época os pais de Miguel separaram-se por causa das traições do seu pai. Houve muitas brigas que culminaram com a saída de casa temporária do pai. É relevante considerar que, logo após essas ocorrências, Miguel começou a fumar

maconha e a realizar os primeiros atos infracionais. Ele enfatizou uma situação em que, junto com um vizinho, furtou pertences de uma casa, foram descobertos; a polícia foi à sua casa e seu pai o castigou com uma grande surra, a única que recebera do pai. Miguel já praticava furtos e outras infrações há algum tempo, mas o pai e a mãe somente tomaram consciência disso por intermédio dessa ‘visita’ da polícia.

***Foi ruim. Eu já estava grande. Foi ruim***

*Miguel – Meu pai não me batia. Meu pai me bateu só uma vez.*

*E – Como foi?*

*Miguel – Foi ruim. Eu já estava grande. Foi ruim.*

*E – Você topa falar disso agora?*

*Miguel – Foi uma vez que eu estava envolvendo com gente errada. Nós furtamos uma casa lá no setor. A polícia foi lá em casa e meu pai me deu uma taca nesse dia. Ele me bateu e disse que não me criava pra eu fazer isso. Ele me bateu bastante. Queria me corrigir, ele ficou muito nervoso, ele não imaginava essas coisas de mim. Meu pai chegou do serviço e a polícia estava lá em casa. Eu estava pra escola, cheguei de noitão. A polícia achou os meninos e eles levaram a polícia lá em casa.*

*Miguel – Nós tínhamos dividido, um pouco já tinha vendido e eu fiquei com um pouco de dinheiro. Eles acharam um pouco dos trens lá. Aí meu pai foi e me bateu bastante.*

*E – Você disse que foi a única vez que seu pai te bateu?*

*Miguel – Foi. Nesse dia ele me bateu bastante. (Silêncio).*

Dessa situação destacam-se três elementos que apesar de estarem interligados podem ser pensados um a um: os pais não imaginavam essas coisas do filho; o pai ficou muito nervoso e tentou corrigir o filho dizendo-lhe que não o tinha criado para isso; o pai bateu no filho que, por sua vez, disse que ele já estava grande e que isso foi ruim.

Primeiramente, tanto no discurso de Miguel quanto nas palavras de sua mãe, seus pais não tinham ideia das coisas que ele fazia. Ele tinha tudo, mas queria mais. Em sua tentativa de tamponar a falta constitutiva dele e da mãe, queria mais objetos de consumo dos quais procurava usufruir. Procurava retirar uma cota de gozo suficiente para aplacar o fundo de angústia que emerge do fato de que tanto a mãe quanto ele eram submetidos à Lei derivada da situação edípica. Miguel estava numa encruzilhada: de um lado, tinha o amor e o colo devorador da mãe; de outro lado, uma vez que não encontrava no pai o suporte da Lei que o separaria da fusão com a mãe e lhe daria condições para sua individuação, tinha a transgressão que funcionava como um apelo à Lei, uma convocação à função paterna.

Além disso, ele dizia que seu pai ficou muito nervoso dizendo-lhe que não o havia criado para isso. Para o quê seu pai não o havia criado? Para permanecer fusionado, entregue ao amor insaciável da mãe ou para a vida de transgressão? Naquela situação a polícia fez o papel que o pai ainda não havia conseguido fazer, a polícia apresentou a Miguel a lei em sua dimensão jurídica, e ele deparou-se

com a ameaça de castração na forma da força policial. Seus pais o haviam criado como sua *majestade o bebê*, como diz Freud, mas essa perfeição narcísica desfez-se ao som das sirenes das viaturas policiais. Contudo, esse evento foi apenas mais uma ameaça que Miguel não levou a sério. Ele dizia não acreditar que seus delitos pudessem resultar em algum problema. Em seu mundo infantil tudo era como mais uma brincadeira de mau gosto de uma criança onipotente, mas ele não era mais criança e deveria submeter-se à lei. Era isso que a visita da polícia anunciava para toda sua família.

Por fim, sobre o castigo recebido do pai por causa da invasão seguida de furto, Miguel somente consegue dizer que foi ruim. O que se segue é o silêncio de quem se depara com o indizível. Talvez esse silêncio fosse portador do ódio pelo pai, que não era reconhecido como representante da Lei, que fazia sua mãe chorar por causa da traição, que não era alvo do desejo da mãe desde o nascimento do filho e que mesmo assim resolveu pela primeira vez tomar uma atitude, batendo no filho que ‘já era grande’. Miguel não pôde falar sobre isso, não porque não quisesse, mas porque não havia na situação da entrevista o estabelecimento de uma situação transferencial capaz de amortecer esse encontro com o real que ainda lhe corta a carne. Miguel disse: *Foi ruim. Eu já estava grande. Foi ruim. Foi ruim porque ele foi descoberto, foi ruim porque lhe bateram muito, foi ruim porque ele já estava grande. Foi ruim porque seu corpo já era corpo de homem e lhe bateram como num menino.* Miguel não conseguiu dizer mais nada sobre isso. Depois

dessa entrevista ele anunciou que não estava mais disposto a continuar a conversar com o pesquisador.

Na situação da clínica, quem ocupa o lugar da escuta depara-se com esse tipo de fenômeno cotidianamente, faz parte da rotina do clínico lidar com o surgimento de resistências poderosas como essa, mas na situação clínica espera-se que a transferência esteja suficientemente estabelecida e seja capaz de fornecer ao sujeito condições para fazer essa travessia. Miguel realmente não podia continuar com as entrevistas e a decisão de interrompê-las foi o melhor para a manutenção da sua integridade psíquica.

***Aí, foi só envolvendo com esses trens errados... Comecei a usar droga... Só enrolando mais até ir preso.***

A separação dos pais, a visita da polícia em sua casa e a surra do pai parecem ter funcionado como porta de entrada. Até esse momento Miguel apenas engatinhava no caminho da transgressão iluminado pela presença da ausência do colo da mãe e da voz claudicante do pai, que tentara dizer-lhe que não o havia criado para aquela vida.

Desse momento em diante ele inconscientemente fez um apelo ao pai. Contudo, não necessariamente ao pai que tem o nome em seu registro de nascimento, isso não basta. Miguel convoca, e aqui o verbo convocar deve ser tomado no sentido que inclui o apelo vocal de pelo menos duas vozes, mãe e filho convocam um pai que pudesse funcionar como ancoragem para a passagem dessa captura

narcísica na qual ele recebe tudo da mãe ao mesmo tempo em que é tudo para a mãe. Dessa identificação imaginária ao falo da mãe, Miguel faz um apelo a alguém que ocupasse um lugar no desejo da mãe, que fosse apontado pela voz da mãe como sendo aquele a quem a mãe deseja e, portanto, com quem Miguel pudesse realizar outra identificação, agora no plano simbólico que reconhece a Lei. Esse seria o movimento da normatização edipiana que incidiria na relação mãe–filho–falo.

Não encontrando outra referência identificatória, Miguel apoiou-se nos parceiros da rua para levar adiante sua constituição enquanto sujeito. Queria ser como os amigos da rua, agia com eles e como eles. Desse momento em diante, entrou cada vez mais na via da transgressão, foi detido algumas vezes, sua mãe ia buscá-lo na delegacia e no juizado da infância. Continuou no caminho da transgressão, nem mesmo a medida socioeducativa de internação provisória fora capaz de detê-lo, ele fugiu e continuou a roubar e traficar.

*Miguel – Acho que começou por aí. Eu e um menino que morava perto da minha casa, começamos a tocar o terror lá no setor. Comecei a envolver com ele... Era eu e ele. Aí foi só envolvendo com esses trens errados... Começou por aí.*

*E – Fala um pouco mais sobre essa época.*

*Miguel – Acho que eu tinha uns doze ou treze anos, eu estava estudando ainda, eu estudava lá no Colégio X, aí eu fui envolvendo com esse menino.*

*Nós começamos a andar só juntos, começamos a furtar casa, os trens... Foi só piorando a situação. Comecei a usar droga, fumar maconha.*

*Miguel – Eu fui envolvendo com esse menino, nós fomos roubando casa... Nós fomos gostando parece. A gente matava aula e eu sumia mais ele pra fazer coisa errada. Minha mãe ficava trabalhando no salão o dia inteiro e eu fui só piorando... Fui só piorando... Só enrolando mais e mais até ir preso. Uma vez eu fui preso, eu tinha uns quatorze anos, fui preso com um revólver na mão, foi a primeira vez que eu fui preso. Minha mãe foi e me tirou.*

A transgressão parece ter sido o meio encontrado por Miguel para escapar da relação dual com sua mãe, através da identificação com os meninos da rua ele produziu um modo de distanciar-se da casa materna e da afetuosidade da mãe. Por outro lado, manteve a mãe ligada nele, demandava os cuidados dela de modo quase exclusivo. A mãe deixava de trabalhar, de dormir, de ficar em casa para procurar Miguel pelas ruas. Nessa procura ela acionou o pai, exigiu que o pai fosse com ela pelas noites à procura do filho.

A essa altura os atos de Miguel já eram marcados por violência e agressividade, os assaltos à mão armada, as disputas entre os rivais do tráfico eram sempre marcadas por tiros e outras formas de violência.

*Miguel – Comecei a roubar 157, começou a piorar a situação, eu nem ficava mais em casa. Minha mãe vivia atrás de mim, eu dando o maior trabalho pra ela que ficava preocupada comigo. Minha mãe chamava meu pai ia atrás de mim, eles iam atrás de mim e eu só fui envolvendo com o*

*menino lá, só foi piorando cada dia mais. Eu estava só envolvendo mais e nem percebia, achava que era tudo brincadeira, esses trem, não sabia que dava problema grande assim, eu nunca tinha envolvido em latada. Eu era envolvido demais, sem cabeça. Eu era Miguel nem tinha cabeça, não pensava em nada, só pensava no momento mesmo. Ficava naquela lá, cheio de droga, dinheiro lá, andando de moto lá, Miguel!*

### ***Ele fazia os trem errado e eu fazia com ele***

Quando a identificação imaginária tornou-se perigosa em função do amadurecimento de seu corpo, quando tudo tornou-se perigoso—peri/gozo—quando aproximou-se de um gozo impossível e insuportável Miguel ficou como que em um vácuo. Ele precisava ampliar seus laços afetivos, eleger novos objetos de amor fora da dinâmica edipiana, mas não encontrava na organização da família meios para fazer isso. Então, os amigos da rua, em particular o menino vizinho, surgiram como referências identificatórias. Miguel deixou de ser somente como os pais pensavam que ele era e assumiu para si também os valores da rua. Ele tinha tudo da mãe, e quando seu corpo desenvolveu-se e tornou-se corpo de adulto, ele não podia mais permanecer no lugar de tudo para a mãe, a relação com a intensidade afetiva da mãe tornara-se insuportável. Ao lado da ampliação de seus laços sociais, a angústia derivada da situação edipiana intensificou-se e Miguel passou ao ato, ou seja, ele pôs em ato o que não podia ser vivido no plano simbólico. Quando sua boca emudece e não fala da angústia que o ronda, suas atitudes

tornam-se mais violentas, seja nos assaltos, seja nas brigas com facções rivais em disputa por território de tráfico. O que não pode ser simbolizado é vivido no real do corpo que sofre violências, leva tiros, ao mesmo tempo em que é violento com os outros, dá tiros, espanca, etc.

*E—Você acha que eu posso pensar... Se eu estiver errado você me corrige, tá bom? Você acha que eu posso pensar que quando você começou a crescer, porque antes você era menino, não sabia de nada ainda, não sabia que poderia dar problema. Depois você foi crescendo... Você colou em alguém com quem você passou a andar mais?*

*Miguel—Eu andava junto com meu vizinho lá, né?*

*E—Então você colou nele?*

*Miguel—Ele fazia os trem errado e eu fazia com ele.*

### ***Eu já fui preso altas vezes***

Miguel não sabia ao certo quantas vezes a polícia o levara preso, mas nem todas as vezes foi lavrada ocorrência. Em sua ficha constam oito, somente na oitava ocorrência é que ele recebeu medida de internação provisória. Nas outras vezes *não deu em nada não*, pois sua mãe interferiu e de algum modo conseguiu que ele não respondesse perante a lei por seus atos. Em sua casa, desde seu nascimento, Miguel tinha tudo, sua mãe dava tudo para ele. Quando ele, já adolescente, não podia mais receber tudo da mãe, ele procura meios fora da lei para a manutenção do seu gozo. A mãe

dizia não entender como isso podia acontecer, ela dera tudo ao filho e mesmo assim não foi suficiente. Ela não pode saber—o que faltou a seu filho não é um produto de consumo que se possa comprar com o fruto do seu trabalho. Faltou ao filho e à mãe a entrada em cena de alguém que reunisse as condições para realizar o corte no vínculo dos dois em torno do falo. Isso a mãe não pode dar. A mãe não pode dar o que não tem, não pode dar o que não recebeu. Seria necessário conhecer a história de vida da mãe e do pai de Miguel para quem sabe termos um entendimento mais aprofundado da sua subjetividade, mas esse não é o objetivo deste trabalho.

*Miguel—É. Eu já fui preso altas vezes, de menor, era muleque, saía, esses trens.*

*E—Você já foi preso quantas vezes?*

*Miguel—Eu fui puxar um CIP (Centro de Internação Provisória) foi na oitava passagem. Na oitava passagem eles desceram eu pra uma provisória...*

*E—Dessa vez que você foi parar no CIP o que você tinha feito?*

*Miguel—Ah, eu fui preso com dois carros roubados, revólver e droga. Era um Honda Civic e outro carro lá, eu peguei esse Civic e fui entregar umas drogas, aí eu fui preso.*

### ***Aí, eu peguei e dei um tiro nele***

Como Miguel dizia, ele foi só piorando, os atos de violência foram-se intensificando. Ele já fazia uso de arma de fogo nas atividades corriqueiras do tráfico e nos roubos. Já havia trocado tiros

com outros traficantes e já fazia uso de muita agressividade quando cobrava dívida de tráfico de drogas. Enfim, os devedores e os rivais eram tratados com extrema agressividade. Miguel fala do uso da violência sem qualquer pudor, há certo ar de orgulho em não deixar que traficantes rivais ou usuários de drogas que não pagam suas dívidas baguncem a ordem do tráfico. Contudo, apesar de já ter praticado várias tentativas de homicídio ele ainda não tinha notícias de que alguém havia morrido por suas mãos. Até que em um assalto mal sucedido ele não vacila, as vítimas reagem e ele torna-se autor de dois latrocínios. Em função desses latrocínios ele recebe medida socioeducativa de internação.

*E—O que aconteceu pra você vir parar aqui?*

*Miguel—Ah... Foi uns trem... Envolvido com uns trem errado lá. Eu estava roubando, arrumei um parceiro e fui roubar. Nois foi robá, o cara foi e reagiu, nois foi e matô os dois. Aí deu latrocínio... (silêncio).*

*E—Me conta essa história mais detalhada! Tenta lembrar o que aconteceu e me conta!*

*Miguel—Foi... Chegô lá pra robá a padaria lá, sabe? Bem no setor ali, um setor nobre ali, eu e meu parceiro.*

*E—Aí você e esse outro parceiro foram roubar a padaria?*

*Miguel—Foi. Nois foi rouba lá, né véi. Quando nois foi torá o rapaz... Desceu da moto e deu voz de assalto, pegou dinheiro, cigarro e uns trem lá. Quando nois foi saindo entrou um senhor lá, nois foi e abordô ele, tomô a correntinha de ouro e a carteira dele. Quando ia sair ele foi e voou no*

*pescoço do menino, ele desviou e baleou ele no pescoço, o moço soltou e ele deu outro tiro na barriga dele e ele caiu no chão. O outro veio correndo ele pegou e baleou o outro. Morreu dois senhor lá na padaria. Ele matou dois lá na padaria. Foi latrocínio né? Foi... Foi embora que o dinheiro tava tudo no bolso nosso. Ainda ficou um capacete lá, boné, chinelo. Nois saiu, foi embora... Nós foi embora... Nois foi embora... Chegou no nosso setor lá, chegou lá nois contou o dinheiro, tinha pouco dinheiro ainda, seiscentos reais e uma correntinha de ouro só, o cara tinha reagido também, morreu porque reagiram, igual pra nois se ele chegasse pegar o revólver. (silêncio).*

*E – Aí vocês caíram. Quem estava com o revólver foi seu colega?*

*Miguel – Foi eu.*

*E – Quem atirou foi você?*

*Miguel – Foi eu.*

*E – Você atirou primeiro no pescoço do cara e ele não soltou?*

*Miguel – Não. Apertou mais ainda.*

*E – Ele estava apertando você no pescoço?*

*Miguel – Foi. Aí eu só afastei o revólver, ele tentou pegar o revólver. Aí o outro senhor puxou minha cabeça e já ia me deitando assim... Já ia me dominando assim... Aí eu peguei e dei um tiro nele, aí ele assustou e apertou mais ainda, aí eu dei outro tiro na barriga dele, aí ele soltou eu e caiu no chão, aí o outro veio correndo pra cima de mim e eu baleei ele nos peito pegou em cima do coração, ele caiu no chão e eu sai correndo de lá...*

*E – Os dois morreram?*

*Miguel – Os dois morreram... latrocínio.*

*Miguel – Eles reagiram, por conta de seiscentos reais e uma correntinha de ouro. Mixaria! Podiam ter ficado quietos, bem quietos. Certeza que eles ganham muito mais lá, né véi? Morreu por causa de vacilo, que um deles era advogado, né véi? Advogado aposentado achou que ia dominar nois. Eu sabia que se ele pegasse, ele ia me matar, né véi? Morreu... Aconteceu essa tragédia aí.*

*E – Você acha que se ele pegasse revólver ele ia te matar?*

*Miguel – Certeza! Ele ia! Só esse da correntinha que reagiu, o outro do caixa nem reagiu, ele só foi reagir depois que viu o outro reagindo. Aí ele veio pra cima também. O outro pagou foi de herói... Não teve nem chance. Tive que matar mesmo senão eu ia morrer...*

*E – Você já correu o risco de morrer outras vezes?*

*Miguel – Já. Eu já tomei um tiro já.*

*E – Como foi?*

*Miguel – Foi uma guerra lá no setor lá.*

*E – Hum...*

*Miguel – Aí eu tomei um tiro.*

*E – Como foi essa guerra lá no setor?*

*Miguel – Guerra. Guerra lá.*

*E – É que eu não sei direito o que é.*

*Miguel – Inimigos... Problema... Os moleques matou uns parceiros nosso lá, aí os meninos foi e matou outros meninos também... Guerra. Aí o muleque foi e me deu um tiro.*

*E – Nessas guerras você já atirou em alguém?*

*Miguel – Ah! Foi lá. Uns noiados lá. Já dei uns tiros nuns noiados lá.*

*E – Se você vende drogas sempre tem aquele negócio do cara pegar a droga e depois não pagar. Aí você tem que reagir pra não perder o respeito...*

*Miguel – É. Tinha. Direto nois pegava um e dava era um pau nele lá. Quebrava a cara deles na coronhada direto...*

*E – Quebrava a cara deles na coronhada...*

*Miguel – É, dava altas revolvadas.*

*E – Mas não matava não?*

*Miguel – Não. Uma vez eu dei um tiro num cara lá.*

*E – Como foi isso?*

*Miguel – Ah... Ele tava devendo nois lá, tava caguetando nós lá... Eu peguei e dei um tiro nele lá, bem de pertinho...*

*E – E ele escapou...*

*Miguel – É. Eu dei bem nos peito dele e ele não morreu. Foi desse jeito. Foi e ficou por isso mesmo. O outro foi lá uma vez que eu saí daqui, quando eu fugi eu dei uns tiros num menino lá. Eu dei quatro tiros nele e ele nem morreu. Foi de revólver.*

*E – Por que você deu os tiros nele? O que tinha acontecido?*

*Miguel – Por causa de guerra. Ele tava falando que ia pegar eu lá, não sei o que. Aí peguei saí e dei uns tiros nele lá, só que ele não morreu não.*

Antes de admitir a autoria dos latrocínios, Miguel coloca seu discurso na terceira pessoa, ele diz que foi 'o menino' que empunhou o revólver, deu voz de assalto para as vítimas, travou luta corporal com uma vítima e atirou a queima roupa em outra. Só depois que o entrevistador pergunta diretamente se era ele quem estava com o revólver e quem atirou nas vítimas é que Miguel muda seu discurso para a primeira pessoa e diz: fui eu que matei os dois. Desse momento em diante seu discurso tem um tom triunfal, ele parece satisfeito de ter sido mais 'poderoso' que os 'dois senhores' que tentaram dominá-lo. Sua violência não permite ser dominada, mesmo depois de internado, ou preso como ele diz, ele não se conforma e fugiu três vezes. Em uma dessas fugas deu vários tiros em um rival.

Miguel dava tiros, quebrava a cara dos outros com coronhadas, dava *altas revolvadas*, dava tiros de pistola nos peitos, etc. Não há constrangimentos no discurso de Miguel, o único sinal de constrangimentos diz respeito a estar 'preso', fora isso o tom de voz chega a ser um tanto orgulhoso da violência que comparece em seus atos. Diz que as vítimas do latrocínio morreram por causa de *vacilo*, por *mixaria*, por causa de *bobeira*, por bancar *herói*. Ele acusa as vítimas de terem reagido e por isso morreram. Não há em seu discurso uma reflexão que o responsabilize e que engendre um processo de mudança. Ele diz que aconteceu uma tragédia, mas não se implica em sua autoria. dessa tragédia. De qualquer modo, trata-se mesmo de uma tragédia. Sua vida é parte de uma tragédia que se desenrola em um modo de organização social que insufla

cada vez o consumo e o direito ao gozo e apresenta cada vez menos ideais identificatórios que sejam suportes da Lei em sua dimensão simbólica. Por um lado, Miguel escapa da trama edipiana, por outro lado, enquanto alguém que pode ter tudo ele é o poder encarnado, o falo ambulante e armado.

Além disso, fica uma questão: do ponto de vista da escuta clínica, a atitude de Miguel de interromper as entrevistas pode ser escutada como sinal de que algo ainda o atinge, que em sua experiência subjetiva ainda há alguma condição para que ele realize a travessia do colo da mãe para a constituição de uma subjetividade referida à Lei que deriva da situação edipiana?

### ***Só queria ficar de boa, ter carro, esses trens, dinheiro***

O discurso de Miguel não apresenta qualquer referência identificatória, o que estava em questão para ele não era *ser* e sim *ter*. Ele queria ter dinheiro, moto, carro e roupas de marca, ou seja, ele queria continuar a ter tudo, mas não podia mais permanecer como o filhinho da mamãe que tinha tudo o que a mãe dava. Em sua necessidade de individuação ele encontrou, em parceria com os colegas, um caminho que parecia mais fácil para permanecer no gozo. Seu pai tinha carro e algum dinheiro, mas não era objeto de desejo da mãe. Por isso mesmo seu pai não servia de referência e Miguel não se deparou com alguém ou algo capaz de fazer suplência à insuficiência paterna.

*E – Quando você estava na rua, antes de ser preso, fazendo as coisas que você queria fazer. Tinha alguém que você conhecia, que você admirava, que tinha respeito, que você queria ser igual?*

*Miguel – Não. Nessas épocas aí eu já estava mais grande, só queria ficar de boa, ter carro, esses trens, dinheiro.*

*E – E você conhecia alguém que tinha essas coisas? Carro, dinheiro...*

*Miguel – Tinha os caras lá, né véi. Só pensava em ter carro, dinheiro, respeito.*

*Miguel – É, eu nem precisava, né? Minha mãe tem tudo lá em casa, né?*

*Miguel – Minha mãe ficava era andando atrás de mim, de noite aí. Ela e meu pai ia atrás de mim na casa dos meninos, eu escondia dela... Tava querendo ter as coisas mesmo antes do tempo. Querendo ser igual aos outros...*

*E – Igual aos outros quem?*

*Miguel – Igual ao povo aí né? Andar de carro, ter dinheiro... Ir pra festas...*

*E – Qual povo?*

*Miguel – O povo aí, do mundão aí. Querendo ter roupa de marca.*

*E – Me fala de alguém que você queria ser igual.*

*Miguel – Ah... Os meninos aí. Esses malandros aí, né véi? Querendo ficar de boa. Carro, moto. Eu só pensava nisso só. Só mostrando pras muiés e ficar de boa.*

*E – Tinha mulherada também?*

*Miguel – Altas. Altas muiés. Essas muiés pagam é o pau, né véi?*

*E – Como é que é?*

*Miguel – Essas muiés aí pagam é o pau pros bandidos.*

*E – As mulheres gostam de bandido?*

*Miguel – (Risos) Tem umas que gostam.*

Por fim, Miguel fala das mulheres, ele queria ter várias coisas antes da hora, dinheiro, carro, moto, festas, roupas de marca, mulheres. Ele dizia que as mulheres *pagam é o pau* para os bandidos, ou seja, o bandido é objeto de desejo da mulher, coisa que seu pai não fora. Enquanto ele estava na vida bandida sua mãe estava atrás dele. Pode-se dizer que sua mãe *pagava pau* para ele bandido? De qualquer modo, Miguel tinha tudo na casa de sua mãe, mas sua mãe saía para trabalhar e ficava o dia todo fora de casa. Quando ele tornou-se ‘bandido’ sua mãe ia atrás dele, desse modo ele tinha a mãe declarando seu amor. É um paradoxo, ele precisava separar-se da mãe e encontrar outros objetos de investimento libidinal, mas não consegue deixar o colo da mãe, pois nessa travessia ele somente pôde contar com a mãe. Não houve para ele outro suporte para o encontro com a Lei simbólica.

### **4.3 – Abel**

*Abel* nasceu em uma cidade no entorno de Goiânia-GO, antes de ser internado no Centro de Internação de Adolescentes permaneceu por cinco meses privado de liberdade na cadeia pública da cidade onde nasceu. Em sua vida pregressa, segundo ele, não houve envolvimento em atos infracionais nem uso de álcool, cigarro ou

drogas. Não consta no processo de Abel qualquer passagem por delegacias ou envolvimento em atos infracionais.

*Abel* participou tranquilamente das entrevistas, respondeu todas as perguntas sem qualquer restrição. Negou-se a participar de uma entrevista apenas no dia em que o grupo dos adolescentes do seu alojamento decidiu que ninguém sairia do alojamento. Nessas situações a lei do grupo é imperativa e quem desobedecer corre risco de morte. Segundo ele a decisão do grupo deveu-se à suspeita de que havia entre eles um *cagete*. Nas demais entrevistas participou normalmente. Sua atitude nas entrevistas parecia ser de humildade, vergonha e arrependimento pelo homicídio que cometeu. Esperava ansioso por sua saída e dizia querer uma vida nova.

Segundo a equipe do Centro de Internação de Adolescentes, *Abel* foi inserido gradativamente nas atividades escolares, esportivas, de informática e artesanais da unidade. Tinha bom convívio com os outros adolescentes e apresentava bom comportamento, seguindo as normas e respeitando a equipe. Não apresentava histórico de medida disciplinar na unidade. Ainda segundo observações da psicóloga que o atende, durante os atendimentos apresentava-se cabisbaixo, relatava sofrimento com as circunstâncias da sua internação e tinha tendência a depressão. Segundo o relatório da mesma psicóloga, um acompanhamento psicológico sistemático em meio aberto poderia proporcionar uma ressocialização mais eficaz e orientá-lo a estabelecer projetos de vida mais consistentes.

O histórico escolar de *Abel* era bom, nunca foi reprovado e sempre estudou na mesma escola, suas notas eram de médias para ruins. Sempre viveu na companhia de seus pais e de seus dois irmãos mais velhos, 9 e 7 anos respectivamente, com os quais brincava muito. Sua diversão predileta era brincar de caminhãozinho. Atribui essa predileção à forte ligação com o irmão mais velho que trabalha como motorista de caminhão.

*E—Como foi sua vida nesse tempo em que você era criança pequena, antes de ir para a escola?*

*Abel—Muito boa. Eu jogava vídeo game com meus irmãos, jogava bola. Foi muito bom nossa família. Jogava bola, brincava de carrinho. De carrinho era mais no quintal da nossa casa, que era grande. Nossa rua era tranquila, afastada, dava pra brincar na rua. Brincava de queimada, pique-pega, pique-esconde, muitas brincadeiras boas.*

*E—O que você acha desse tempo?*

*Abel—Muito bom! Foi a melhor fase que eu já tive!*

*E—O que você lembra dessa fase da sua vida?*

*Abel—Assim... Antes eu gostava de brincar muito de caminhãozinho. Sempre fui invocado em caminhão porque meu irmão mais velho é caminhoneiro. Ele não mora aqui mais, agora ele mora lá em X (outro estado).*

***Meu pai! Era ele que dizia o que era certo e o que era errado***

O pai de *Abel* trabalhava na construção civil, sua mãe cuidava da casa e dos filhos. Assim como ele, seus dois irmãos ao tornarem-se adolescentes começaram a trabalhar para ajudar com as despesas da casa. Ele foi cuidado por sua mãe com a ajuda dos irmãos e dos vizinhos. *Abel* aponta sua mãe como maior fonte de afeto e de cuidados, do mesmo modo que aponta o pai como o provedor material da casa e representante da Lei. O discurso de *Abel* destaca sempre a união da família, atribui igual importância ao pai e a mãe. A única diferenciação que faz é ao colocar a mãe mais próxima do afeto e o pai mais como provedor e como aquele que porta a normatização.

*E— Em quem você confiava nessa época?*

*Abel— Minha mãe e meu pai!*

*E— Se você tivesse que escolher só um?*

*Abel— Minha mãe! Mas meu pai sempre foi muito importante para mim.*

*E— Por quê?*

*Abel— Porque tudo o que eu pedia ele dava, nunca deixou faltar comida. Minha família, graças a Deus, sempre foi muito unida.*

*E— Seu pai, tudo o que você pedia para ele, ele te dava?*

*Abel— Dava! Ainda mais quando era pequeno, eu pedia muito brinquedo e ele sempre dava, balinhas... Sempre que sobrava um dinheiro, que podia ele comprava pra mim.*

*E— Quem pagava as contas na sua casa?*

*Abel – Meu pai!*

*E – Quem mandava na sua casa? Quem dava a última palavra?*

*Abel – Meu pai! Era ele que dizia o que era certo e errado, o que podia e o que não podia.*

*E – Por quê?*

*Abel – Era ele quem trabalhava, é coisa do homem mesmo. Normalmente quem manda mais assim é o homem.*

*E – Nessa fase, quando você era criança pequena, quem era a pessoa mais importante da sua vida?*

*Abel – Minha mãe e meu pai. Se tiver que escolher, é a minha mãe a principal.*

*E – Por que sua mãe?*

*Abel – Porque a mãe é... Tem mais apego com ela, né? Ela que criou a gente, né? Mãe é tudo!*

Inicialmente, para *Abel* a mãe era tudo, mas parece que essa onipotência deparou com um pai potente e capaz de fazer frente ao amor absoluto da mãe. Sua mãe era tudo, como dizia ele, mas seu pai não ficava como um nada. Segundo seu discurso, seu pai era potente em prover as necessidades materiais da casa e em dizer o que era certo e errado. Ou seja, parece que seu pai ocupava um lugar no desejo da mãe e, desse modo, pôde cumprir a função de apresentar à mãe e ao filho a normatização edipiana. Aparentemente, o pai de *Abel* operou como suporte da Lei barrando o gozo

irrestrito da díade mãe-filho e estabelecendo a falta como condição para emergência do sujeito de desejo.

### ***Eu queria ser como meu irmão e ser caminhoneiro***

*Abel* era muito apegado à família, no início da sua infância era mais apegado à mãe. Depois apegou-se ao irmão mais velho. Ele admirava e respeitava o irmão, queria ser como o irmão, queria ter a mesma profissão do irmão. Ele vinculava-se afetivamente a toda a família, mas tinha um apego especial ao irmão mais velho. Pode-se pensar que o irmão nove anos mais velho, de certo modo, dividiu com o pai a função paterna. *Abel* olhava para ele com admiração e respeito de tal modo que se pode supor que *Abel* identificava-se com o irmão. Sua identificação com o irmão facilitava sua passagem da identificação imaginária para a identificação simbólica com o pai enquanto suporte da Lei.

*Abel* – *Meu irmão mais velho sempre gostou de mim. Quando eu tinha uns 12 anos, ele já tinha tirado carteira e ele me levou pra viajar com ele no caminhão, eu achei muito bom. Agora o outro era mais distante.*

*E* – *Você tinha sonhos nessa época? Quais?*

*Abel* – *Tinha! Ser caminhoneiro. Por causa do meu irmão, né?*

*E* – *Com quem você queria se parecer?*

*Abel* – *Com meu irmão. Eu queria ser como meu irmão e ser caminhoneiro.*

O sonho de *Abel* não era voltar à experiência da primeira infância, ele não falou que queria voltar ao *paraíso infantil* no qual ele e sua

família eram felizes. Seu sonho era ser como o irmão mais velho. Por aí se pode ver a importância desse irmão na constituição psíquica de *Abel*. Ele não dizia querer ser pedreiro como o pai, seu sonho era ser caminhoneiro como o irmão que lhe proporcionava lazer e lhe dava muitos conselhos. Conselhos que se tivessem sido ouvidos, segundo *Abel*, ele não teria feito o homicídio que fez e, portanto, não estaria cumprindo medida socioeducativa de internação, ou não estaria preso, como ele preferia dizer durante as entrevistas.

### ***O erro foi meu!***

*Abel* contou como teve algumas dificuldades quando iniciou a vida escolar porque era muito tímido e era alvo das gozações dos colegas em função da cor da sua pele e porque usava óculos. Era chamado pelos colegas de *Abel quatro olhos*. Dizia que era ruim, mas com o tempo foi fazendo amizades e esse problema do preconceito deixou de incomodá-lo. Ele foi uma criança ordeira e bem comportada, convivia mais com a família, principalmente com o irmão mais velho. Contava que queria ter amigos como todo mundo. Quando entrou na adolescência começou a namorar uma garota por quem era apaixonado, criou coragem falou com a mãe da garota, aceitou as condições que ela impôs e o namoro ficou oficializado.

*Abel* começou a trabalhar e no trabalho ele conheceu outro adolescente com o qual fez amizade, ele queria fazer amigos e ser pelo menos um pouco popular. Ele pensava assim: *todo mundo tem amigo, por que eu não posso ter?*

Destaco a ocorrência simultânea de três coisas na vida de *Abel*: seu irmão mais velho arrumou emprego em outra cidade; ele começa a trabalhar e a ganhar seu próprio dinheiro; ele começou uma amizade com um colega do trabalho.

Seu irmão mais velho era a referência para ele, era quem lhe dava conselhos e quem o levava para os momentos de lazer. Uma vez que *Abel* era muito apegado ao irmão é importante notar que ele sentiu sua falta. *Abel* não sabe dizer o que sentiu, só consegue dizer que era ruim. Aquilo que não emerge por meio do simbólico, aquilo que não se expressa com palavras, emerge como angústia. Quando a fala cala, o sujeito deve encontrar outros modos de elaborar a angústia que o acoisa. Diante da palavra que não acontece, o corpo fala por meio de formações sintomáticas; o sujeito coloca em atos o que não pode simbolizar, atos que envolvem algum tipo de transgressão à Lei simbólica, que podem ser agressivos e violentos.

O primeiro passo de *Abel* no sentido de ampliar seus laços afetivos e sociais, além das relações primárias que se davam no círculo familiar, foi em direção a namorada e à família da namorada. Depois *Abel* começou a trabalhar, usava o dinheiro que ganhava com coisas que eram do seu interesse, entre elas, passear com a namorada e a manutenção da motoneta que tinha. A motoneta era um facilitador da vida social de *Abel*, com ela ele sentia-se mais seguro de si e tinha algum status.

Quando ele chegou no ambiente do trabalho, o colega já trabalhava lá, eles ficaram amigos, finalmente tinha um amigo.

Começaram a ficar juntos, andavam quase o tempo todo juntos. *Abel* foi se distanciando da família e até da namorada para ficar andando por aí com sua motoneta e em companhia do amigo. Deixava de ficar em casa para andar com o amigo; deixava até de ir à casa da namorada para ficar com o amigo. Mesmo quando seu pai dizia pra ele não sair e para não chegar tarde, *Abel* escutava mais o desejo de ficar na rua com o amigo. Seu erro foi não valorizar a palavra do pai para dar atenção ao amigo, dizia. Na situação em que ocorreu o homicídio *Abel* estava com esse amigo, foi o amigo quem lhe entregou a faca e o convocou a reagir às provocações do adolescente que acabou morto. Enfim, seu irmão foi morar em outra cidade, *Abel* distanciou-se da família e acabou se metendo em uma grande enrascada.

*E – Você falou que começou a distanciar da namorada e da família. Como foi que sua família reagiu?*

*Abel – Eles quase sempre falavam pra eu não sair, né? Sempre... Assim, não sair, não demorar, voltar logo. Falavam assim. (Silêncio... Abaixa cabeça e demora a falar... Nesse momento o entrevistador aguardou o tempo de Abel, esperou ele retomar a fala). O erro foi meu né? Eles foram muito bons pra mim. Puderam dar tudo o que eu precisei. O erro foi meu! Hoje eu sei o tanto que ele é importante pra mim. O tanto que eu vou dar valor nele. Daqui para frente é outra vida... Saber quem que é amigo mesmo... Pensar melhor nas amizades e saber me cuidar. Minha mãe nunca... Minha mãe e meu pai nunca faltou uma visita, sempre eles vêm. Acompanham, são*

*presentes. Espero eu sair logo para continuar nova vida. Vai mudar pra longe, vai mudar daqui de perto.*

*Abel—Eu acho que fui distanciando de Deus, né? Eu tinha tudo. Eu tinha uma namorada que dava valor em mim, meu pai dava muito valor em mim, meus irmãos gostavam de mim... Eu não sei o que foi que aconteceu que de uns tempos pra cá nada estava dando mais certo. Eu não sei o que aconteceu. Mas graças a Deus usar droga... Eu nunca tive vontade de usar droga, eu nunca usei.*

*E—Você nunca usou nenhuma droga?*

*Abel—Nunca! Eu sempre fui contra. Não gosto nem do cheiro. Essas coisas só acabam com a saúde... Igual bebida, acaba com o fígado. Fumar acaba com o pulmão. Esses trens só levam a morte. Eu nunca fui chegado a usar essas coisas.*

*Abel* dizia não saber o que aconteceu, tudo começou a dar errado em sua vida, ele distanciou-se da família e de Deus, ou seja, distanciou-se da Lei do pai. Por isso ele aceitou pegar a faca das mãos do amigo e foi enfrentar seu provocador. Antes disso *Abel* ficava mais humilde, abaixava a cabeça e saía de perto. Agora não queria mais ser o *quatro olhos*, queria ser respeitado, queria emergir enquanto sujeito. Ao mesmo tempo sentia a falta do irmão talvez vivida como abandono. Nessa situação de desamparo, *Abel* encontrou o amigo N. e, nas ruas, andando à deriva, por aí encontrou, fora dos conselhos do pai e dos cuidados da mãe, as circunstâncias para cometer homicídio.

***Eu nunca pensei que ia ser capaz de fazer um trem desses***

*Abel* falava com constrangimento sobre as circunstâncias em que cometeu homicídio. Seu erro foi não ter evitado, dizia. Mas seu discurso mostrava que ele vivia envolvido com o amigo, ficava pouco tempo em casa e estava distante da família. Importante observar, o próprio *Abel* admitia a relação entre a mudança do seu irmão mais velho e seu distanciamento da família. Mostrava-se sofrido, arrependido dos erros que cometeu. Para ele matar alguém continua sendo algo proibido. Ele diz que usou a faca entregue pelo amigo N. para se defender. Ele estava sendo atacado, já havia recebido um golpe com a chave de fenda quando, então, fez uso da faca. Dizia que ficou desesperado, não conseguiu pensar, ante os ataques que recebia, apenas agiu em própria defesa. Ele não teve a intenção de matar, apesar de aceitar a provocação e pegar a faca do amigo.

*E—O que aconteceu para você ser preso? Você topa falar sobre isso agora?*

*Abel—Quando eu fui preso, foi falta de evitar... Assim... Eu fui preso por causa de homicídio.*

*E—Foi um só?*

*Abel—Só! Eu não tinha passagem de nada. De roubo, de nada!*

*Abel—É. Só um e o último, né?*

*E—O que aconteceu?*

*Abel—Eu estava com amigo meu, o N. Ele estava numa bicicleta e eu na minha motoneta. Aí nós passamos na porta da casa de um menino. Estava*

esse menino, o nome dele é M, o irmão dele e mais duas meninas. Quando nós passamos esse menino, o M, me chamou. Eu descí da motoneta e na hora que eu olhei pra trás ele estava falando pra eu não passar na porta da casa dele mais. Disse que se eu passasse mais uma vez ele ia pegar eu e ia me bater. Aí eu nem dei moral, eu abaixei a cabeça e fui com meu colega lá para a praça. Na hora que eu estava voltando, meu colega falou, ficou insistindo, falou: vamos passar lá pra ver ele e ver o que ele faz, ver se ele vai ser esse machão todo e não sei o que lá. Ele estava com uma faca, ele já passou a faca pra mim, eu já ia subindo de motoneta. Na hora que eu passei na porta o irmão dele já saiu catou um tijolo e tacou nas minhas costas, na hora que eu senti aquela pedra nas minhas costas eu já assustei. Eu descí da motoneta e olhei pra trás, ele já estava em cima de mim com uma chave de fenda. Na hora que ele tentou uma vez e foi tentar a segunda eu já apavorei. Aí eu tirei a faca e subi assim (faz o movimento com a mão de baixo para cima). Eu subi a faca, eu virei as costas, o irmão dele começou a correr atrás de mim, eu saí correndo, larguei a motoneta, larguei tudo e saí correndo. O irmão dele saiu correndo atrás de mim até uma esquina. Aí eu rodeei o quarteirão e fiquei lá em cima. Meu colega já tinha vazado, já tinha ido embora, acho que ele nem desceu da bicicleta. Quando eu senti a pedrada, olhei pra trás ele já estava em cima de mim, aí eu apavorei. Eu tenho sinal até hoje da chave de fenda (mostra as cicatrizes no peito próximo ao pescoço). Nas costas também eu tenho as marcas da pedrada que eu levei. Aí, eu lá na pracinha ficava pensando, pra mim eu nem tinha acertado a faca nele, eu ficava pensando o que eu ia fazer para pegar minha motoneta. Depois eu liguei para o N (amigo que estava com

*ele na hora do homicídio) e perguntei se tinha como ele ir pegar a motoneta pra mim. Ele falou que não tinha jeito e que ele já estava em casa. Aí eu desliguei o celular coloquei no bolso, na hora que eu pensei: eu vou é embora. Na hora que eu virei as costas a viatura já passou e já pegou eu e levou eu lá pro hospital pra fazer corpo de delito. Eles me levaram lá em casa e pediram pra minha mãe me acompanhar porque eu sou de menor. Aí eles me levaram lá pra cadeia. Desde esse dia eu estou preso. Eu tive audiência, era pra eu já ter saído, não sei o que deu. Acho que foi até falta de advogado porque nós não temos condições de pagar advogado.*

*E – Quando você acertou a faca no M você percebeu que tinha acertado?*

*Abel – Foi. (silêncio).*

*E – Tinha sangue dele em você?*

*Abel – Não, eu não fiquei sujo de sangue não. Quando eu subi a faca, eu nem pensei, eu já virei as costas e saí.*

*E – E a faca ficou lá?*

*Abel – Não.*

*E – Você levou?*

*Abel – (Em silêncio, balança a cabeça afirmativamente). Nem socorro teve pra socorrer ele.*

*E – Como foi quando você soube que ele tinha morrido?*

*Abel – Ah! Foi bem ruim, viu? Eu nunca pensei que ia ser capaz de fazer um trem desse. Sei que o único erro que eu tive foi não ter evitado. Não foi eu que fui pra cima dele, foi ele que veio pra cima de mim. Dava pra eu evitar... Assim... Não ter passado lá mais. Mas meu amigo insistiu, ficou falando.*

*Eu acabei caindo na dele. Também não deu pra pensar, né? Se ele tivesse com a faca eu é que tinha morrido. Dei sorte que ele só tinha a chave de fenda. Ele tentou uma vez, na hora que ele foi pra segunda eu já apavorei.*

### ***Pra mim foi a coisa mais ruim que tive***

Diante do ato que levou o outro adolescente à morte Abel ficou como que horrorizado, ele não sabia o que dizer, chorava arrependido de tudo e se calou diante do indizível. Seu sentimento de culpa era a única coisa que conseguia expressar, mas sabia, o que fez não tinha volta. Essa foi e será a única vida que tirou, garantia. Dizia não conseguir parar de pensar no rapaz que matou, na vida que ele não teve, nos filhos que ele não terá e no sofrimento dos pais diante da morte de um filho. Abel pedia perdão a Deus e acreditava receber o perdão de Deus. A questão é saber se Abel receberá seu próprio perdão.

Diferente dos demais adolescentes entrevistados durante a pesquisa Abel condenava-se, queria pagar pelo erro que cometeu. Ele recebeu do juizado da infância o benefício de poder sair do centro de internação aos domingos sem escolta, ou seja, todos os domingos Abel podia sair na companhia de um dos seus pais às oito horas da manhã, devendo voltar até dezessete horas. A grande maioria dos adolescentes internados que recebem esse benefício empreende fuga. Abel não queria fugir, não queria viver como foragido, ele mesmo se condenava e exigia de si mesmo o cumprimento da sua pena. Somente assim Abel poderá prosseguir com sua vida.

Como todo indivíduo deve ter para si o estabelecimento da Lei simbólica, Abel era seu próprio censor. O discurso de Abel não mostrava alguém para quem a Lei fosse inoperante, ao contrário ele se reconhecia submetido à Lei e aos seus efeitos. Reconhece que errou ao pegar a faca das mãos do amigo e ao aceitar a provocação que resultou na briga e na morte do adolescente. Parecia encontrar algum consolo para o sentimento de culpa na ideia de não ter iniciado a briga quando partiu para cima da sua vítima.

***Acho que eu sofri calado, né?***

*E—Você me falou que tudo foi muito bom na sua vida até o momento em que você começou a distanciar. Lembra que você me falou isso?*

*Abel—Lembro.*

*E—Estou te perguntando isso, mas sei que não dá pra ter certeza de nada, é só uma pergunta? Será que se seu irmão não tivesse ido morar em outra cidade você teria vindo parar aqui no Centro de Internação de Adolescentes? Você teria se distanciado e se envolvido com amigos do tanto que você se envolveu?*

*Abel—Hum... É, talvez sim, né?*

*E—Se ele era alguém tão importante pra você, quando ele distanciou, você de algum modo sofreu com esse distanciamento?*

*Abel—Sim.*

*E—Como foi esse sofrimento?*

*Abel – Ah... Acho que eu sofri calado, né? Eu não sou muito de expressar sentimento assim... Não sou de desabafar... Foi ruim.*

*E – Foi ruim?!*

*Abel – Foi.*

*E – O que você sentiu?*

*Abel – Falta dele!*

*E – Será que isso pode ter te levado a apegar-se um pouco mais aquele amigo que te levou lá para a briga em que o outro adolescente morreu?*

*Abel – Eu creio que sim.*

*E – Sabe assim... Uma tentativa de preencher a falta dele o vazio?*

*Abel – É... Assim... Todo mundo tinha amigo, né? Eu também fui querer ter amigo, mas o amigo que eu tive... Me levou ao pior mundo...*

*E – Se seu irmão tivesse dentro de casa isso poderia ter sido diferente?*

*Abel – É se ele soubesse que eu estava com amigos ruins ele iria me dar conselho.*

Como pode ser visto em seu discurso, na adolescência, mesma época da mudança de seu irmão, *Abel* foi se distanciando da família e acabou-se apegando ao amigo N, que o incentivou a aceitar a provocação para a briga. Ao ser questionado acerca de como ele teria se sentido em relação à mudança do irmão, *Abel* somente conseguia dizer que foi ruim, não sabia expressar com palavras o que sentiu. Ele próprio ainda não havia feito uma relação entre a

mudança do irmão e o seu distanciamento da casa dos pais. Ele ficou surpreso com a *coincidência*.

A primeira e mais importante referência da Lei para *Abel* foi seu pai, mas o irmão foi e continuava sendo uma referência identificatória. A mudança do irmão deixou um vazio na casa e na vida de *Abel*, ele sofreu com a distância do irmão, mas como ele diz: *sofreu calado*. Até o momento da entrevista ainda não tinha colocado em palavras o sentimento de perda resultante da mudança do irmão. Parece não haver relação direta entre o sofrimento com a distância do irmão e o homicídio cometido por *Abel*. Mas há uma relação direta expressa em suas palavras entre o sofrimento silencioso e o apego ao amigo N, relação que pode ser pensada também acerca dos hábitos que *Abel* desenvolveu de ficar andando pelas ruas até tarde, de sempre sair de casa, de deixar de ir para a casa da namorada para andar por aí com o amigo.

*Abel* expressa grande satisfação ao receber a visita do irmão. Ao saber que assim que sair do centro de internação vai morar na mesma cidade em que mora o irmão, ele fica esperançoso e mais animado com a vida nova que deseja ter.

*Abel* parecia ancorar sua esperança na notícia de que iria morar perto do irmão. Sua identificação com o irmão pode ser tomada como signo de que ele buscava aproveitar a nova chance que a vida lhe dava.

#### 4.4 – Uma tragédia inscrita a partir da posição fálica

Frente às observações feitas a partir do dizer e do dito dos sujeitos participantes da pesquisa, saliento que o processo identificatório desenvolve-se de modo singular na história de cada um. Contudo, para os dois primeiros sujeitos destaco a ausência ou a insuficiência da função paterna em sua condição de portador da Lei. Além disso, é patente a presença maciça da função materna numa alienação que aprisiona os sujeitos na posição fálica.<sup>42</sup> Desse lugar, na ilusão da completude narcísica, cada um vive a experiência da onipotência, assim, sentindo que podem tudo, esses sujeitos atravessam o período da infância e vão em direção ao seu destino trágico. Quando chegam à adolescência, frente à ausência ou ao esmaecimento de uma figura identificatória que interdite as fantasias edípicas e lhes ofereça a regulação para o modo de lidar com o empuxo pulsional, cada um ao seu modo, mergulha numa experiência que é da ordem da angústia. É importante lembrar que, do ponto de vista do processo civilizatório, o fundamento da Lei tem como ponto de partida a regulação das práticas sexuais e do ato de matar. É nesse fundamento que se apoia todo o desenvolvimento normativo posterior.

Minha tese é que a violência é um modo de defesa contra a angústia. Os dois primeiros sujeitos parecem ter passado a vida frente à ilusão de que podiam tudo, não precisavam deter-se diante

.....  
42 Lembro mais uma vez que se trata da função e não da pessoa da progenitora e do progenitor.

de coisa alguma. Agora são obrigados, por conta própria, a erigir uma proteção contra os impulsos edipianos. Até então eles existiram presos à noção de *ser* tudo para suas mães. Agora, uma vez que não fizeram, via identificação simbólica, a passagem do *ser* para o *ter* o falo, frente à experiência da castração que vem da realidade concreta de sua condição de vida, cada um reage violentamente em tentativas contínuas de negar a castração. Por isso, eles seguem errando rumo à tragédia na qual suas vidas são desenhadas. Já o discurso do terceiro sujeito parece mostrar que a Lei estava internalizada e que ele sentia-se culpado e responsabilizado pela morte que causou. Contudo, frente a certo distanciamento do irmão mais velho que operava como importante referência identificatória, ele lançou-se em um movimento destoante de seus valores e normas. Esse distanciamento da figura identificatória parece ter sido espaço para a emergência da angústia e que permitiu uma manifestação, a princípio, pontual da violência. No caso desse sujeito, isso resultou no ato infracional, na morte e na internação. Elementos que o lançaram em profunda e, certamente, indelével, experiência de culpa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo fica evidente que, de modo geral, a violência é uma característica humana irreduzível. De modo específico, a violência praticada e sofrida pelos adolescentes autores de atos análogos a homicídios coloca em relevo que a constituição psíquica comporta modos de satisfação que podem, sem limites, fazer uso de violências extremas.

Ao longo de toda sua obra, Freud demonstra que a civilização baseia-se no recalçamento das pulsões e que a agressividade é uma característica da humanidade que, desde os seus primórdios, faz uso da violência para manter sua vida, seu território, sua comida, etc. O pacto civilizatório, algo que rateia, somente é possível mediante a renúncia das satisfações pessoais em prol do bem coletivo. Mas o recalçado sempre encontra um modo de retornar. Como diz Julia Kristeva (1994):

O recalque zomba um bocado de nós! Pensamos tê-lo desmantelado, mas ele está apenas se deslocando perfidamente, mais abaixo, nas fronteiras entre o *soma* e a *psiquê*, ali onde as comportas do gozo se entravam e onde o erotismo abandonado encontra-se obrigado a recorrer a novos limites, os dos órgãos que, então, falham (p.38).

O recalcado não permanece resignado à inexistência. A agressividade recalçada para que o laço social adquira forma, retorna, por um lado, no interior mesmo da relação sujeito-sociedade; por outro lado, incide na vida cotidiana de cada sujeito.

O que aprendemos com Freud e que confirmamos no presente estudo é que cada humano traz em si uma radical inclinação para a destrutividade. Além disso, o funcionamento mental humano orienta-se pela busca do prazer e pela redução da tensão intrapsíquica. Ou seja, os homens também fazem uso da violência e da agressividade como modo de obtenção de prazer. Como diz o relato de um adolescente autor de vários homicídios: “Não, tinha vez que pensava, tinha vez que o cara era tão... Assim... Eu tinha tanta vontade de matar o cara que nem... Dava vontade mesmo, matava só... Só pra ver ele cair mesmo”. Nesse relato estão presentes a denegação da irracionalidade e o prazer advindo do ato feroz e mortífero. Ao final deste estudo, diante de relatos como esse, não restam dúvidas sobre a ferocidade humana. Ferocidade que não pode ser reduzida ao nível individual, pois se alastra e se desenvolve no tecido social, no modo de organização de cada sociedade.

A esse respeito, na segunda dissertação da sua *Genealogia da Moral* escrita em 1887, Nietzsche já chamava a atenção para o fato de que causar dor no outro era usado como fonte de prazer. Ele argumenta que há desde sempre um enlaçamento talvez indissolúvel entre culpa e sofrimento. Quando um homem era considerado culpado, por exemplo, se ele devia alguma quantia para outro e não podia pagar, o credor exercia o direito de chicotear o devedor em praça pública. Era assim que o saldo devido era pago pela satisfação advinda do ato de fazer o outro sofrer. No cotidiano de nossa sociedade encontramos o ato de punir o culpado existindo lado a lado com os ideais mais elevados. Por exemplo, na educação dos filhos pelos pais ou no modo como lidamos com os adolescentes infratores. Mas “em que medida pode o sofrimento ser compensação para a ‘dívida’? Na medida em que fazer sofrer era altamente gratificante, na medida em que o prejudicado trocava o dano, e o desprazer pelo dano, por um extraordinário contraprazer: *causar* o sofrer: uma verdadeira festa” (Nietzsche, 1998, p. 55). Nietzsche argumenta que a crueldade humana constituía o grande prazer festivo da humanidade.

Freud (1913; 1932) serve-se de uma abordagem mítica e propõe o caráter universal do crime para demonstrar como o desejo parricida e incestuoso está na base da formulação da Lei simbólica. Foi assim que ele mergulhou no mito do rei Édipo e forjou o mito do Totem e Tabu para mostrar que, ante o pai morto, o pacto dos irmãos tem a função de barrar sua busca pelo gozo irrestrito. O mito marca a

inauguração de um campo simbólico que se estrutura nas leis da linguagem e fundamenta o pacto civilizatório. Ao tornarem-se falantes, os homens inauguram um sistema de regulação de suas relações com o outro e consigo mesmos. Contudo, esse sistema não é perfeito, ele apresenta furos, uma vez que os primitivos impulsos recalcados nunca deixam de fazer suas exigências.

É importante considerar que a violência somente pode receber um sentido na subjetividade, portanto, trata-se de uma manifestação que ocorre entre dois ou mais. Como não há subjetividade que se produza fora do laço social, é preciso considerar que a violência desses sujeitos adolescentes emana de sua inserção no tecido social, é produto de uma cultura e sinal de uma época na qual os referenciais identificatórios são roídos pela cultura do quanto mais gozo melhor.

Dentre os adolescentes estudados observou-se que Caim e Miguel, ou seja, os que cometeram vários atos infracionais violentos e agressivos, principalmente tráfico de drogas, formação de quadrilha, roubos, assaltos à mão armada, atos análogos a homicídios e latrocínios, apresentam, em seu discurso, peculiaridades em sua constituição psíquica. Esses adolescentes destacam-se por uma relação intensa com a pessoa que ocupa para cada um deles a função materna, na qual um é tudo para o outro, e destacam-se também pela presença da ausência ou da insuficiência da função paterna. O pai ou seu substituto não é apontado como objeto do desejo materno, ele aparece como coadjuvante externo na cena

formada pela tríade mãe-filho-falo. Na discussão realizada no capítulo 5 encontramos os seguintes relatos da mãe de Caim e da mãe de Miguel:

Acho que ele não respeita o pai não, como pai não. Ele respeita pelo convívio que teve, mas como pai não. [...] Às vezes eu falo pra ele do pai dele, sabe... Eu vejo que ele tem respeito pelo pai, mas ele fala que não está nem aí. Porque ele vê que é eeu (coloca ênfase na pronúncia do eu) que faço tudo! Eeu que corro atrás! Tudo o que ele precisa é eeu que faço! Eeu que mantenho ele no que ele precisa! Quem toma a frente sou eu! Tudo o que precisa resolver na vida dele sou eu! [...] Hoje eu amadureci muito em relação a ele na questão de limite. Antigamente ele dizia pra mim que queria uma coisa da marca tal. O pai dele dizia que eu não devia dar essa coisa pra ele. Aí, eu pensava assim: Ah, eu só tenho ele! Eu tenho que fazer isso pra ele, eu tenho que fazer! Eu me sentia na obrigação de fazer, o pai dele falava pra não fazer e eu fazia assim mesmo. Hoje eu acho que isso talvez possa ter contribuído para deixar ele sem limites. [...] Mãe é tudo! Mãe é tudo!

Nestes fragmentos dos discursos das mães observamos que os adolescentes acima citados se mostraram sujeitos que não realizaram de modo suficientemente satisfatório a passagem da identificação imaginária formada na tríade mãe-filho-falo para a identificação simbólica com aquele que ocupa o lugar da função paterna e é reconhecido como o suporte da Lei. Permanecem, o adolescente e sua mãe, como errantes para os quais a relação

mãe-filho-falo é signo trágico de sua insistência quixotesca em negar a castração.

Ao final deste estudo considero que, na particularidade dos adolescentes estudados, são observadas diferenças localizadas na posição subjetiva de cada sujeito. A relação de cada sujeito com o ato assassino é diretamente ligada ao modo como cada um reage ao que Freud nomeou por castração. A Lei em sua dimensão simbólica produz efeitos diferentes em cada sujeito e essas diferenças encontram-se vinculadas à constituição psíquica de cada um.

No decorrer desse estudo procurei tomar cada um dos sujeitos pesquisados em sua singularidade, no um a um, como ensina o método freudiano. Do ponto de vista singular, observei diferenças entre Abel e os demais adolescentes entrevistados. Os três cometeram homicídio, mas para Abel o significado do ato de matar é diferente. A diferença na significação atribuída por Abel ao homicídio é signo de que sua constituição psíquica possui a marca da castração e de como a Lei simbólica é operante em seu psiquismo. Caim e Miguel mostram saber sobre a lei, mas ela não opera suficientemente em sua subjetividade, para eles a lei opera em uma relação de externalidade, ela não é intrínseca à sua subjetividade.

Relembro ao leitor que, de um lado, a Lei é um efeito simbólico que opera na constituição psíquica do sujeito; de outro lado, a lei é um aparelho jurídico que funciona ou não funciona, sempre em condições objetivas. Desse lado, a lei opera como um agente estranho, não reconhecido, como algo que faça parte da subjetividade

do sujeito. Caim e Miguel não ignoram a existência da lei, mas eles não a reconhecem em si, como parte de sua constituição psíquica. Para ambos é errado matar, mas para Abel matar engendra tal horror que localiza o ato assassino, ainda que em legítima defesa, na ordem do impossível de se conceber e de se dizer. Ao passo que para Caim e Miguel o ato assassino apenas é proibido nos termos da lei jurídica e sua prática é condicionada às consequências que podem ou não advir desse ato.

Do ponto de vista psicanalítico como pensar a violência que atravessa a vida de adolescentes que passam ao ato de matar, dos quais os adolescentes Caim e Miguel podem ser tomados como representantes? Lacan propõe que “a noção de uma agressividade como tensão correlata à estrutura narcísica no devir do sujeito permite compreender, numa função formulada com muita simplicidade, toda sorte de acidentes e atipias desse devir” (1948, p. 119). Assim, a violência deve ser entendida como manifestação presente no início da própria constituição do *Eu* que não é organizado pelo princípio de realidade nem centrado no sistema percepção-consciência. Ao contrário disso, o *Eu* é caracterizado em sua função de desconhecimento. Mas desconhecimento de quê? Nos casos de Caim e Miguel, é desconhecimento da Lei em sua dimensão simbólica, desconhecimento da ferocidade que lhes concerne, desconhecimento da satisfação que o ato de matar lhes proporciona. Nos relatos abaixo podemos observar como a reificação do outro é signo do desconhecimento de si mesmo.

Eles reagiram, por conta de seiscentos reais e uma correntinha de ouro. Mixaria! Podiam ter ficado quietos, bem quietos. Certeza que eles ganham muito mais lá, né véi? Morreu por causa de vacilo, que um deles era advogado, né véi? Advogado aposentado achou que ia dominar nois. Morreu... Aconteceu essa tragédia aí. [...] Só esse da correntinha que reagiu, o outro do caixa nem reagiu, ele só foi reagir depois que viu o outro reagindo. Aí ele veio pra cima também. O outro pagou foi de herói... Não teve nem chance. [...] Aí eu só afastei o revólver, ele tentou pegar o revólver. Aí eu peguei e dei um tiro nele, aí ele assustou e apertou mais ainda, aí eu dei outro tiro na barriga dele, aí ele soltou eu e caiu no chão, aí o outro veio correndo pra cima de mim e eu baleei ele nos peito pegou em cima do coração, ele caiu no chão e eu sai correndo de lá. [...] Direto nois pegava um e dava era um pau nele lá. Quebrava a cara deles na coronhada direto. [...] Ah... Ele tava devendo nois lá, tava caguetando nois lá... Eu peguei e dei um tiro nele lá, bem de pertinho. Eu dei só um tiro só. Pegou bem assim nos peito dele e varou... Deu sorte, pegou bem assim nos peito... furou ele, foi de pistola ainda e furou ele, varou. Aí eu fui embora, né? [...] Não esses trens aí... Eu fiquei... É assim mesmo. É ruim. Dá tiro nos outros é ruim. Arrependi mesmo, né véi? Eu arrependo desses trens errados que eu fiz. Altos problemas.

Do ponto de vista metapsicológico, antes de propor o dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte em 1920, Freud (1914) propõe uma oposição entre a libido narcísica e a libido sexual ou dos objetos. O narcisismo primário designa o investimento libidinal

do estágio do espelho (Lacan, 1949), momento crucial e inaugural da constituição do *Eu* – momento em que o reconhecimento de si passa pelo conhecimento do outro. Toda e qualquer individuação é efeito do outro, logo desde essa primeira individuação o *Eu* traz em sua constituição a marca de um processo paranóico e agressivo. A libido narcísica é caracterizada pelo investimento exclusivo no *Eu*, pela inexistência de qualquer outro, daí destaca-se a função alienante do *Eu*. Desse narcisismo primário deriva a agressividade que se destaca em qualquer relação com o outro, ou seja, já estão aí presentes os impulsos destrutivos que desde 1920 dão, para Freud, corpo a pulsão de morte.

A tese que tento sustentar nesse estudo apoia-se nas contribuições psicanalíticas, principalmente sobre o papel da identificação na constituição do sujeito contemporâneo, e nas histórias de vida de adolescentes em conflito com a Lei. Proponho que para os adolescentes sujeitos dessa pesquisa o ato infracional violento e mortífero advém da falha na passagem da identificação imaginária para a identificação simbólica. O discurso desses adolescentes indicou uma liberdade para obter os bens desejados a qualquer custo. Para obterem o que desejavam esses adolescentes lançaram mão do homicídio sem qualquer impedimento de ordem subjetiva. Diante da exigência dessa passagem, falta na particularidade histórica desses sujeitos uma referência identificatória na qual seja possível apoiar-se para dizer sim à castração, reconhecer a própria condição de faltoso e advir como sujeito de desejo. Esses adolescentes, Caim

e Miguel, não descobriram que sujeito, no sentido pleno da palavra, é aquele que de repente diz não ao empuxo ao gozo, o que implica *dizer* sim à castração. Eles desconhecem que o único “remédio” para a angústia de castração é... a própria castração.

No momento de concluir, restam patentes, como desafios, alguns questionamentos acerca da subjetividade dos adolescentes objetos deste estudo. O questionamento principal diz respeito ao que a clínica psicanalítica pode produzir na escuta desses sujeitos. Nesse sentido, que manejo transferencial é possível quando os sujeitos são escoltados por um agente de segurança, às vezes algemados, até a sala em que ocorrerão os atendimentos? Chega a ser mesmo uma questão inquietante. Que tratamento é possível na situação de internação? O que se pode esperar desses sujeitos ao final da internação? Ao sair da internação a maioria já terá alcançado a maioridade. Daí em diante, eles responderão como adultos perante o sistema jurídico. Que efeitos podem ser esperados de suas passagens pelas medidas socioeducativas?

No âmbito deste estudo não foi possível responder a tais questões. Mesmo assim é seguro propor que o dispositivo psicanalítico, em sua condição de escuta, tem função privilegiada no atendimento clínico de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em centros de internação. Para além de todos os importantes dispositivos socioeducativos presentes nas equipes técnicas dos centros de internação, é importante resguardar o lugar da escuta psicanalítica. Por acolher e proporcionar, via transferência, condi-

ções para que os adolescentes possam dirigir sua fala a alguém colocado no lugar da escuta, a experiência clínica psicanalítica pode oferecer aos adolescentes novas produções de sentido acerca de suas vidas. A experiência de falar e de ser escutado, na perspectiva de um processo psicanalítico, pode propiciar a esses adolescentes um deslocamento de seus investimentos identificatórios, novas compreensões acerca dos seus atos e a possibilidade de escapar do curto-circuito repetitivo da pulsão de morte que o futuro lhes acena.

## REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

AULAGNIER, P. Angústia e identificação. In: Lacan, J. (1961-1962). *A Identificação: seminário 1961-1962*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Violência da Interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1979.

\_\_\_\_\_. Demande et Identification. In: L'Inconscient: Revue de Psychanalyse, 2<sup>o</sup> année – N<sup>o</sup> 7 – Juillet-septembre, Paris, 1968.

BAUDELAIRE, C. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BRANDÃO, J. S.- “O Mito de Narciso e Eco” in: *Mitologia Grega*, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, Vol. 3, 1989.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*.

BRASIL. Senado Federal (2006). *Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

BRASIL. *Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE)*. (2006). Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília-DF: CONANDA.

DOR, J. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1991.

DURAND, A. *L'inconscient de Lipps à Freud*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès, 2003.

FLORENCE, J. *L'identification dans la théorie freudienne* (1978). Bruxelles: Facultés Universitaires Saint-Louis, 2005.

\_\_\_\_\_. *As Identificações*. In: Mannoni, M. (e outros). *As Identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1994.

FREUD, S. *O mecanismo psíquico do esquecimento* (1898). In: *Obras Completas*, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. *Lembranças encobridoras* (1899). In: *Obras Completas*, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- \_\_\_\_\_. A Interpretação dos sonhos (1900). In: *Obras Completas*, v. V. Rio de Janeiro: Imago, 1976
- \_\_\_\_\_. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901). In: *Obras Completas*, v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905). In: *Obras Completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Obras completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In: *Obras Completas*, v. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Romances familiares (1909 [1908]). In: *Obras completas*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In: *Obras completas*, v. X. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Leonardo da Vinci e uma lembrança de infância (1910). In: *Obras Completas*, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913). In: *Obras Completas*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. À Guisa de introdução ao narcisismo (1914). In: Freud, S. *Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. Pulsões e destinos da pulsão (1915). In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

\_\_\_\_\_. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença (1915). In: *Obras Completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Luto e melancolia (1917). In: *Obras Completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre a psicanálise (1916 [1915]). In: *Obras Completas*, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (1918). In: *Obras Completas*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Além do princípio de prazer (1920). In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. A Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: *Obras completas*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. O Eu e o Id (1923). In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

\_\_\_\_\_. A Dissolução do complexo de Édipo (1924). In: *Obras Completas*, v.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]). In: *Obras completas*, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: *Obras completas*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Sexualidade feminina (1931). In: *Obras completas*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Feminilidade (1933 [1932]). In: *Obras completas*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. A Dissecção da personalidade psíquica (1933 [1932]). In: *Obras completas*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. As Sutilezas de um ato falho (1935). In: *Obras completas*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Esboço de psicanálise (1940 [1938]). In: *Obras completas*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Algumas lições elementares de psicanálise (1940 [1938]). In: *Obras completas*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Achados, idéias, problemas. (1941 [1938]). In: *Obras completas*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). In: *Obras completas*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

\_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: *Obras completas*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GEREZ AMBERTÍN, M. *Imperativos do supereu: testemunhos clínicos*. São Paulo: Editora Escuta, 2006

\_\_\_\_\_. *As Vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2009.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACAN, J. A Agressividade em psicanálise (1948). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.

\_\_\_\_\_. O Estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.

\_\_\_\_\_. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia (1950). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.

\_\_\_\_\_. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Instância da letra no inconsciente (1957)*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. *A Identificação: seminário 1961-1962*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 20: mais ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LAJONQUIÈRE, L. *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas II: Castração – Simbolizações (1980)*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LESOURD, S. Adolescentes Difíceis ou Dificuldades da Cultura? In: *Debates Sobre a Adolescência contemporânea e o laço Social*. Gurski, R., Rosa, M.D., Poli, M. C. Curitiba, Juruá: 2012.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos* (1988). Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994.

MARTINS, F. *O Nome próprio: da gênese do Eu ao reconhecimento do outro*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

MELMAN, C. O que é um adolescente. In: *Congresso Internacional de Psicanálise*, 1999, Rio de Janeiro, RJ. Anais... Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral: uma polêmica* (1887). São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

RASSIAL, J. *O Adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROSA, M. D. Vicentin, M. C., Os Intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. In: Gurski, R. (org.). *Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social*. Curitiba: Juruá, 2012.

ROSOLATO, G. *A Força do desejo: o âmago da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

## SOBRE O E-BOOK

---

Tipografia: Alegreya Sans  
Publicação: Cegraf UFG  
Câmpus Samambaia, Goiânia-  
Goiás. Brasil. CEP 74690-900  
Fone: (62) 3521-1358  
<https://cegraf.ufg.br>

---